

JOSEPH CAMPBELL



ISTO ÉS TU

REDIMENSIONANDO
A METÁFORA RELIGIOSA




LANDY
EDITORA



isto é tu,

obra organizada por Eugene Kennedy, é uma seleção de conferências e ensaios de Joseph Campbell que aborda a tradição judaico-cristã, seus símbolos e metáforas e os interpreta à luz de seus notáveis conhecimentos da mitologia mundial. Principalmente, estabelece a diferença entre a interpretação literal e a metafórica da religião e reexamina a função essencial dos símbolos judaicos como chave para a compreensão da espiritualidade e da revelação mística.

O foco dirigido ao estudo da tradição judaico-cristã é expandido pela amplitude de conhecimento de Joseph Campbell, o que o leva a se mover com leveza pela história religiosa e mitológica, e a falar com uma igual voz calorosa de quem se absorve, esquecido de si mesmo, na contemplação do que fala e na identificação com o tema que discorre. "Ressurge", como indica Kennedy, "a vitalidade do que parece ser, mesmo para muitos judeus e cristãos, relíquias mortas e quebradiças da crença. Ele evoca, por exemplo, a qualidade viva do povo judeu e a riqueza simbólica do Velho Testamento, e com sensibilidade e respeito genuínos ilumina a majestade da crença e história judaicas".

"De modo idêntico", continua Kennedy, "Joseph Campbell refamiliariza cristãos com a aura de significados que pairam sobre as narrativas religiosas do Novo Testamento. Como é nesta aura, isto é, nas conotações que, por sua natureza, se desenvolvem das metáforas, que na abordagem da história judaica deve ser encontrada a mais profunda significação das histórias da vida e obra de Jesus. Descrever os Testamentos como mito não é, como destaca Campbell, expor afirmações falsas ou exageradas neles contidas. A noção contemporânea dos mitos como falsidade tem levado as pessoas a concebê-los como fantasias que passam

por verdade. Entretanto, a mitologia é um receptáculo da verdade muitíssimo mais confiável do que números de recenseamentos e de almanaques, os quais, estando sujeitos ao tempo, o que não ocorre com o mito, tornam-se desatualizados tão logo são impressos. O propósito de Joseph Campbell ao explorar os mitos bíblicos não é descartá-los como inacreditáveis, mas expor mais uma vez seu núcleo vivo e nutriente”.

O nome que Eugene Kennedy dá a esta obra, “Isto és tu”, é uma sentença emblemática trazida do hinduísmo e que Shopenhauer invoca em sua obra como expressão detentora de um significado central: a identificação da unidade fundamental que atravessa toda a vida e que alguém, tomado de uma percepção singular, reconhece haver entre si e todas as coisas existentes. As consequências e riquezas significativas desse aforismo hindu são amplas. Aparece citado com freqüência nesta obra de Campbell, e revela, entre outras coisas, sua percepção da mitologia como expressão dessa unidade da vida e dessa fonte original comum humana que se expressam metaforicamente nos símbolos da mitologia. De fato, para Campbell, o que parece ser uma tradição religiosa diferente e diversa é na verdade expressões diferentes de uma experiência única que é compartilhada por todos os povos.

Joseph Campbell se tornou um estudioso respeitado, e sua obra fascina leitores os mais variados. O PODER DO MITO, editado no Brasil, obteve extraordinário sucesso junto ao público brasileiro.

A edição deste ISTO ÉS TU é mais uma obra que se torna disponível ao público brasileiro, o que revigora e afirma o fascínio que Joseph Campbell exerce no amplo público que conquistou por sua capacidade extraordinária de tornar acessível o conhecimento dos significados profundos expressos nos símbolos da mitologia e da religião. ✦

CONTRA-CAPA

O fim do mundo não é um evento cataclísmico DE cujo terror do julgamento final nos aproximamos CADA VEZ Mais.

O fim DO mundo acontece TODOS OS DIAS para aqueles cuja introspecção espiritual lhes permite ver o mundo como ele é, transparente para a transcendência, um sacramento DO mistério ou, como escreveu o poeta William Blake, "infinito." O fim DO mundo é, portanto, A metáfora DE nosso começo ESPIRITUAL E não o nosso fim CRUEL E ígneo.

A mensagem de Joseph Campbell para o século XXI não é apocalíptica. é repleta de esperança porque nos enraíza uma vez mais nas FUNDAÇÕES DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ e na tarefa de vencer o desejo e o medo QUE, POR SI SÓS, nos mantêm EXILADOS daquele jardim no qual, longe de nos contemplarmos mutuamente com vergonha, abraçamos a humanidade da qual todos nós temos a marca. isto es tu."

Eugene Kennedy

ORELHAS

ISTO ÉS TÚ

Obra organizada por Eugene Kennedy, é uma seleção de conferências e ensaios de Joseph Campbell que aborda a tradição judaico-cristã, seus símbolos e metáforas e os interpreta à luz de seus notáveis conhecimentos da mitologia mundial. Principalmente, estabelece a diferença entre a interpretação literal e a metafórica da religião e reexamina a função essencial dos símbolos judaicos como chave para a compreensão da espiritualidade e da revelação mística.

O foco dirigido ao estudo da tradição judaico-cristã é expandido pela amplitude de conhecimento de Joseph Campbell, o que o leva a se mover com leveza pela história religiosa e mitológica, e a falar com uma igual voz calorosa de quem se absorve, esquecido de si mesmo, na contemplação do que fala e na identificação com o tema que discorre. "Ressurge", como indica Kennedy, "a vitalidade do que parece ser, mesmo para muitos judeus e cristãos, relíquias mortas e quebradiças da crença. Ele evoca, por exemplo, a qualidade viva do povo judeu e a riqueza simbólica do Velho Testamento, e com sensibilidade e respeito genuínos ilumina a majestade da crença e história judaicas".

"De modo idêntico", continua Kennedy, "Joseph Campbell refamiliariza cristãos com a aura de significados que pairam sobre as narrativas religiosas do Novo Testamento. Como é nesta aura, isto é, nas conotações que, por sua natureza, se desenvolvem das metáforas, que na abordagem da história judaica deve ser encontrada a mais profunda significação das histórias da vida e obra de Jesus. Descrever os Testamentos como mito não é, como destaca Campbell, expor afirmações falsas ou exageradas neles contidas. A noção contemporânea dos mitos como falsidade tem levado as pessoas a concebê-los como fantasias que passam por verdade. Entretanto, a mitologia é um receptáculo da verdade muitíssimo mais confiável do que números de recenseamentos e de almanaques, os quais, estando sujeitos ao tempo, o que não ocorre com o mito, tornam-se desatualizados tão logo são impressos. O propósito de Joseph Campbell ao explorar os mitos bíblicos não é descartá-los como inacreditáveis, mas expor mais uma vez seu núcleo vivo e nutriente".

O nome que Eugene Kennedy dá a esta obra, "isto és tu", é uma sentença emblemática trazida do hinduísmo e que Shopenhauer invoca em sua obra como expressão detentora de um significado central: a identificação da unidade fundamental que atravessa toda a vida e que alguém, tomado de uma percepção singular, reconhece haver entre si e todas as coisas existentes, as conseqüências e riquezas significativas desse aforismo hindu são amplas. Aparece citado com freqüência nesta obra de Campbell, e revela, entre outras coisas, sua percepção da mitologia como expressão dessa unidade da vida e dessa fonte original comum humana que se expressam metaforicamente nos símbolos da mitologia. De fato, para Campbell, o que parece ser uma tradição religiosa diferente e diversa é na verdade expressões diferentes de uma experiência única que é compartilhada por todos os povos.

Joseph Campbell se tornou um estudioso respeitado, e sua obra fascina leitores os mais variados. O poder do mito, editado no Brasil, obteve extraordinário sucesso junto ao público brasileiro.

A edição deste isto és tu é mais uma obra que se torna disponível ao público brasileiro, o que revigora e afirma o fascínio que Joseph Campbell exerce no amplo público que conquistou por sua capacidade extraordinária de tornar acessível o conhecimento dos significados profundos expressos nos símbolos da mitologia e da religião.

ISTO ÉS TU
Redimensionando
a metáfora religiosa



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

JOSEPH CAMPBELL

ISTO ES TU
Redimensionando
a metáfora religiosa

Seleção e Prefácio

Eugene Kennedy

Tradução

Edson Bini

LANDY

EDITORA

Título original

THOU ART THAT TRANSFORMING RELIGIOUS METAPHOR

© **Joseph Campbell Foundation**

© **Para a língua portuguesa no Brasil:**

Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda.

Joseph Campbell

ISTO ÉS TU Redimensionando a metáfora religiosa

Seleção e Prefácio

Eugene Kennedy

Tradução

Edson Bini

Revisão

Vilma Maria da Silva

Capa

Camila Mesquita

Editor

Antonio Daniel Abreu

Diagramação eletrônica:

Oficina das Letras Apoio Editorial S/C Ltda. *internet:* www.oficinasdasletras.com.br

Direitos reservados para a língua portuguesa no Brasil

LANDY

Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda.

Alameda Tietê, 17 — Tels. (11) 3088.4776 / 3081.4169

3085.5235 — Fax (11) 3081.4169 / 3088.4776

CEP 01417-020 — São Paulo, SP, Brasil

e-mail: landy@landy.com.br

internet: www.landy.com.br

04 / 2002

Para **JEAN ERDMAN CAMPBELL**

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Capítulo I

METÁFORA E MISTÉRIO RELIGIOSO

O significado do mito

A função dos mitos

Metáfora, a língua nativa do mito

Metáfora e mistério

Capítulo II

A EXPERIÊNCIA DO MISTÉRIO RELIGIOSO

Simbolismo e experiência religiosa

Experimentando o mistério

Capítulo III

NOSSAS NOÇÕES DE DEUS

Elementos de nossa experiência do mistério
de Deus

Símbolos: fora do tempo e do espaço

Capítulo IV

A IMAGINAÇÃO RELIGIOSA E AS REGRAS DA TEOLOGIA TRADICIONAL

A imaginação e sua relação com a indagação

Teológica

Capítulo V

SÍMBOLOS DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

De que tipos de deuses dispomos?

Gênese

Abraão, pai do povo judeu

Capítulo VI

ENTENDENDO OS SÍMBOLOS DA ESPIRITUALIDADE JUDAICO-CRISTÃ

O nascimento virginal

A gruta

A criança

Fuga para o Egito

A criança como mestre

O Messias

Milagres

A última ceia

Judas

Crucificação

A cruz

O fim do mundo

Capítulo VII SESSÃO DE PERGUNTAS

Apêndice

UMA DISCUSSÃO

Nota introdutória

RESSURREIÇÃO DA TERRA — A ALVORADA DE UMA NOVA PERCEPÇÃO ESPIRITUAL

UMA BIBLIOGRAFIA DE JOSEPH CAMPBELL

Como autor

Como editor

Sobre o autor

Sobre a Fundação Joseph Campbell

PREFÁCIO

"*Tat tvam asi*" é uma frase que aparece com frequência nesta reunião de reflexões espirituais de Joseph Campbell. Estas palavras também imprimem uma marca de celebração em torno de sua vida e obra. Traduzido do sânscrito como "isto és tu", este epigrama capta tanto o espírito generoso de Campbell como seu enfoque de estudioso. O grande estudioso de mitologia não só se limitou a compreender as profundas implicações espirituais dessa frase como também, de maneira inteiramente espontânea, viveu segundo elas.

Joseph Campbell gostava de fazer a pergunta de Schopenhauer presente no ensaio deste intitulado *Dos fundamentos da moralidade*: "Como é possível que o sofrimento que nem é meu e nem me interessa me afete de imediato como se fosse meu e com força tal a ponto de impelir-me à ação?... Isto é algo realmente misterioso, algo para o que a razão não pode dar nenhuma explicação e para o que não é possível encontrar base alguma na experiência prática. Não é desconhecido nem mesmo aos mais insensíveis e egoístas. Diante de nossos olhos surgem exemplos todos os dias de reações instantâneas do gênero, sem reflexão, uma pessoa ajuda outra, vindo em sua ajuda, até mesmo pondo em ostensivo perigo a própria vida por alguém que viu pela primeira vez, não dispondo de nenhuma outra informação em sua mente salvo a de que o outro experimenta necessidade e tem a vida em perigo..."¹

A resposta de Schopenhauer, que Campbell se comprazia em fazer sua, era que a reação e resposta imediatas representavam a ruptura de uma realização metafísica melhor traduzida por "isto és tu".² Isso pressupõe, como escreveu o filósofo alemão, a identificação com alguém que não é ele mesmo, uma penetração da barreira entre as pessoas, de maneira que o outro não é mais percebido como um estranho indiferente, mas como uma pessoa "na qual eu sofro, a despeito do fato de sua pele não envolver meus nervos".³

Essa compreensão fundamental, como prossegue Schopenhauer, revela que "meu próprio verdadeiro ser interior realmente existe em toda criatura viva... [e] é o fundamento dessa compaixão (*Mitleid*) sobre a qual repousa toda virtude autêntica, isto é, altruísta, e cuja expressão se acha em toda ação benéfica".⁴

Joseph Campbell não era apenas movido pela compaixão nas suas relações pessoais, como qualquer um que algum dia o ouviu discursar ou que lê seus livros pode facilmente perceber, mas ele também compreendia que essa realização espiritual era central para a compreensão da linguagem metafórica através da qual tanto a mitologia quanto a religião, cujas imagens e energia fluem de uma fonte comum na imaginação humana, se expressam. "As metáforas de qualquer mitologia", como escreveu, "podem ser definidas como signos afetivos derivados de intuições precisamente desse jogo do *Self* através de todas as formas de um modo local de vida tornadas manifestas mediante representações ritualizadas, narrativas pedagógicas, preces, meditações, festivais anuais e coisas semelhantes, de uma tal maneira que

¹ "On the Foundations of Morality", *Sämtliche Werke*, Arthur Schopenhauer (Verlag der Cotta'schen Buchhandlung, 1895-1898), p. 293.

² *Ibid*

³ *Op. cit.*, p. 254.

⁴ *Op. cit.*, p. 293.

todos os membros da comunidade pertinente possam estar presos, nas suas mentes e corações, ao seu conhecimento e assim movidos a viver em harmonia".⁵

Para Campbell, a mitologia era, num certo sentido, o poderoso órgão de catedral através do qual as ressonâncias tonais de uma centena de tubos independentes se fundiam numa mesma música extraordinária. O que era comum nesses temas multiplicados era sua origem humana, como se cada um fosse um recipiente do mesmo brado eterno do espírito, modulado em variações incomuns e deslumbrantes, no campo do tempo. Nós, homens e mulheres, encontramos a nós mesmos nas expressões criativas de nossas aspirações e desejos humanos e nas tragédias de nossa própria tradição particular. De fato, essas expressões nos parecem realmente tão familiares e quase naturais, que quase excluem a possibilidade de os mesmos sentimentos e ideais serem expressos de forma inteiramente diferente por alguma outra tradição. Contudo, se escutarmos e olharmos cuidadosamente, nos descobriremos na literatura, ritos e símbolos de outros, ainda que a princípio estes nos pareçam distorcidos e estranhos. *Isto és tu* seria a avaliação de Campbell, citando a intuição espiritual subjacente de sua vida e obra, *tat tvam asi*.

O que Campbell ouviu nesses coros variados e, por vezes, praticamente indecifráveis, foi um sentido compartilhado de maravilhamento e assombro ante o mistério do ser. A compaixão que Campbell reconhecia como a mais nobre de todas as reações humanas não foi, como ele bem compreendeu, evocada por todas as tradições com o mesmo interesse e convicção. A tradição judaico-cristã, todavia, da qual ele próprio provinha, foi uma fonte poderosa de ensino da compaixão de uma maneira que não foi tão sensivelmente desenvolvida ou enfatizada nos costumes de algumas outras culturas. Quando a tradição judaico-cristã foi levada a terras onde era desconhecida, trouxe consigo seus defeitos e excessos criticados freqüentemente. Mas também trouxe algo novo e revolucionário, um sentimento bem-desenvolvido de compaixão pelo sofrimento alheio.

Esta é a razão por que ao reunir realmente em alguns casos, ao enxertar em um só ramo as muitas reflexões de Joseph Campbell a respeito da herança espiritual judaico-cristã, o tema da compaixão emerge tão eloqüentemente. Muitos que eram chegados a Joseph Campbell partilham de uma convicção acerca desse notável estudioso da religião comparada, que tinha uma orientação própria. Tão absorto ficava quando dava palestras sobre seu assunto, que mal tinha ciência de si mesmo ou de quanto sabia. Às vezes, perguntas de um auditório ou de amigos faziam vir à tona observações ou explicações marcantes. Estas se assemelhavam aos tesouros mitológicos escondidos na terra, em relação aos quais ele dizia, às vezes, que só podiam ser desenterrados por acidente. "Onde você cambaleia e cai", ele diria, lembrando um lema sobre nossa humanidade comum, "é aí que você descobre o ouro".

Isso se aplica à jornada exigida para a criação deste livro, pois muitas das introspecções de Joseph Campbell nos símbolos e mitos judaico-cristãos estavam embutidas em palestras, nas quais figuravam apenas como exemplos de temas mais amplos. De modo análogo, também sessões de debate *mineraram* dele, por assim dizer, tesouros de conhecimento que não poderiam de outra maneira vir à superfície. As

⁵ *The Inner Reaches of Outer Space: Metaphor as Myth and as Religion*, Joseph Campbell (Alfred van der Marck Editions, 1986), p. 113.

respostas a esses questionamentos, que por vezes se transformavam em minipalestras, amiúde iluminavam vastas paisagens da história bíblica. Eram ministradas, entretanto, de uma forma que colocava os questionadores no mesmo plano dele, como se estivessem examinando o mesmo problema juntos a partir de um idêntico fundo de conhecimento da Bíblia, da religião e da mitologia. Muitas destas foram transformadas nos textos deste volume, de modo que, quiçá pela primeira vez, muito do que Joseph Campbell conhecia sobre as origens, símbolos e significados da espiritualidade judaico-cristã acha-se reunido em um único volume.

Não se trata, é claro, de uma inovação em matéria de produzir um livro coeso. É o método da própria mitologia tal como o é de muitas das coleções de discursos e escritos de qualquer tradição religiosa. Alguns destes capítulos são edições de palestras específicas, como mencionado na nota explicativa [nesta edição, apresentada ao final de cada capítulo]. Mais tipicamente, representam a integração de várias versões da mesma palestra, com o propósito de assegurar a melhor evocação do estilo e dos *insights* do discursador. Joseph Campbell, *o palestrante*, é, como anteriormente observado, diferente de Joseph Campbell, o refinado estilista da prosa. Isto nos permite encontrar o discursador que prendia seus ouvintes como um mestre faz com seus estudantes e que, como o historiador Heródoto, sabe usar digressões como parte de seu projeto.

Joseph Campbell, como um arqueólogo chamando de volta à vida um antigo povoado conhecido apenas por seus ossos e artefatos ressecados, revela a vitalidade no que parece ser, mesmo para muitos judeus e cristãos, relíquias mortas e quebradiças da crença. Ele evoca, por exemplo, a qualidade viva do povo judeu e a riqueza simbólica do Velho Testamento, as quais, graças à alquimia inversa daqueles que as consideram mediante o sentido literal sufocante de Cecil B. DeMille,⁶ têm sido espiritualmente depreciadas ao longo dos séculos. Nada desmentirá melhor a falsa acusação, feita após sua morte, de ser Campbell anti-semita do que a genuína sensibilidade e respeito com os quais ele ilumina a majestade da crença e história judaicas.

De modo idêntico, Joseph Campbell refamiliariza cristãos com a aura de significados que pairam sobre os incidentes e narrativas religiosas do Novo Testamento. Como ao tratar da história judaica, é nesta aura, isto é, nas conotações que, por sua natureza, se desenvolvem das metáforas, que deve ser encontrada a mais profunda significação das histórias da vida e obra de Jesus. Descrever os Testamentos como mito não é, como destaca Campbell, expor afirmações falsas ou exageradas neles contidas. A noção contemporânea dos mitos como falsidade tem levado — como Campbell ilustra nestas páginas ao lembrar de um entrevistador detestável e mal-informado — as pessoas a concebê-los como fantasias que passam por verdade. Entretanto, a mitologia é um receptáculo da verdade muitíssimo mais confiável do que números de recenseamentos e de almanaques, os quais, estando sujeitos ao tempo, o que não ocorre com o mito, estão desatualizados tão logo são impressos. O propósito de Joseph Campbell ao explorar os mitos bíblicos não é descartá-los como inacreditáveis, mas sim expor mais uma vez seu núcleo vivo e nutriente.

⁶ Diretor e produtor de cinema norte-americano (1881-1959), cuja obra-prima foi a super-produção *The Ten Commandments* (Os Dez Mandamentos). (N.T.)

Muitos elementos da Bíblia parecem destituídos de vida e inacreditáveis porque têm sido considerados como fatos históricos em vez de representações metafóricas de realidades espirituais. Foram aplicados de um modo concreto a grandes figuras, como Moisés e João Batista, como se fossem relatos em tempo real de suas ações. O fato de esta acentuada ênfase sobre o histórico em lugar do espiritual ter se mantido até adentrarmos o século XXI ilustra o atraso que os líderes das religiões institucionais permitiram constituir-se entre suas idéias estáticas e o entendimento (celeremente desenvolvido) da nova e sólida erudição. Não seguir a prescrição do Papa João XXIII de "ler os sinais dos tempos" os deixa atrás até de seus próprios tempos.

Há pouco progresso evidente no que respeita ao ensino religioso formal, o qual não consegue incorporar ou sequer reconhecer os avanços na pesquisa que nos permitem ler com renovada compreensão os grandes documentos e tradições das religiões ocidentais predominantes. As necessidades espirituais das pessoas são descuradas por líderes religiosos que insistem em reafirmar o caráter histórico-fatual de metáforas religiosas, com o que distorcem e adulteram seu significado.

Isso deixa a religião organizada operar, numa versão contemporânea do purgatório, através de um verão infundável de "julgamentos simiescos", tais como o célebre *caso Scopes* de 1925 em Dayton, Tennessee, no qual o depoimento bem motivado de William Jennings Bryan com base na interpretação literal e histórica da Bíblia foi destruído mediante interrogatório cruzado por Clarence Darrow. Esse conflito, ele próprio mitologizado numa peça e filme, tem perpetuado a idéia tragicamente equívoca de que a ciência e a religião se opõem e consomem caminhos mutuamente exclusivos rumo à verdade de nossas vidas e do universo. O drama do julgamento — suas particularidades sendo reorganizadas em função de finalidades dramáticas -encerra uma verdade que existia antes do próprio raso e que continua viva após ele: as trágicas conseqüências que se seguem quando, a favor da melhor das intenções e da pior das razões, os homens combatem a verdade para defender suas crenças obsoletas. Assim, líderes religiosos institucionais abraçam desnecessariamente uma frágil caricatura da religião que é facilmente demolida por conferencistas populares, totalmente estranhos à sua profundidade teológica, como o astrônomo Carl Sagan.

O não apreciar a natureza metafórica da literatura e discurso religiosos tem levado a numerosas cruzadas ou expedições embaraçosas visando a defender os relatos bíblicos sobre a criação. Os amargos combates em torno de teorias "criacionistas" *versus* teorias "evolucionistas" presentes nos livros são apenas um exemplo da razão por que o *caso Scopes* se tornou mitologizado. Os homens organizam expedições caras para localizar os restos da arca de Noé no monte Ararat, mas, é claro, jamais a encontram. Crêem, todavia, que simplesmente não a notaram uma vez que a arca deve ter existido literalmente e seu madeiramento tem que estar em alguma parte, ainda oculto de seus olhos. Essa arca, entretanto, pode ser facilmente percebida e sem necessidade de viagem pelos que compreendem que ela é uma nau mitológica numa história extraordinária cujo assunto não é registro histórico, mas iluminação espiritual. Apreciar o Gênesis como mito não é destruir esse Livro, mas redescobrir sua vitalidade e relevância espirituais.

Essa incapacidade tartamudeante de apreender as estruturas mitológicas do imaginário religioso tem isolado crentes fundamentalistas nas suas defesas selvagens e, com freqüência, violentas de crenças

literalistas, concretas em todas as partes do mundo. O *axo Scapes* findou com o infeliz opróbrio daquele que seria, de outra maneira, um grande homem, William Jennings Bryan, e o aviltamento da religião como uma mixórdia de crenças e superstições não mais relevantes para o século XX, resultado suficientemente ruim, não obstante brando comparado às conseqüências das guerras que prosseguem sendo travadas para sustentar interpretações concretistas dos ensinamentos religiosos.

Nas seleções que compõem este volume, Joseph Campbell fornece uma base inovadora, ainda que não nova, para o nosso entendimento da tradição judaico-cristã. Ele se preocupa em solucionar os colossais problemas que procedem da corrente má interpretação dada pela religião institucional das metáforas espirituais como fatos históricos. A palavra *metáfora* provém do grego *meta*, que indica uma passagem, ou um ir de um lugar para outro e *de forein*, mover ou carregar. Metáforas *nos carregam de um lugar para outro*, nos capacitam a cruzar fronteiras que, de outra maneira, estariam fechadas para nós. Verdades espirituais que transcendem o tempo e o espaço só podem ser transportadas em receptáculos metafóricos cujo significado é encontrado em suas conotações, ou seja, no grande número de testemunhos das múltiplas faces da verdade que espontaneamente evocam, *não* em suas denotações, os invólucros duros, fatuais, unidimensionais de sua referência histórica.

Assim, o *nascimento virginal*, como o leitor chegará a saber, não se refere à condição biológica de Maria, a mãe de Jesus, mas a um renascimento do espírito que todos podem experimentar. A *terra prometida* não se refere a uma localização geográfica, mas ao território do coração humano, no qual qualquer um pode penetrar. No entanto, feixes de condenações têm sido emitidos e guerras intermináveis têm sido travadas em torno de aplicações errôneas elementares dessas próprias metáforas, que deveriam nos capacitar a cruzar as fronteiras do tempo e do espaço e não a permanecer Ilustrados e para sempre postados no palco empoeirado do seu período histórico concreto. As denotações são singulares, limitadas pelo tempo e não-espirituais; as conotações da metáfora religiosa são ricas, atemporais e se referem não a um outro alguém no mundo exterior de uma outra era, mas a nós e a nossa experiência espiritual interior de exatamente agora.

Joseph Campbell também delinea o mítico lema religioso que explica o caráter hesitante dos líderes de religiões institucionais. Cristo, como o leitor lembrará ou redescobrirá, escolheu Pedro dizendo, com efeito: "Tu não compreendes as coisas espirituais e, portanto, farei de ti o chefe de minha igreja". Assim, também Buda elegeu o desajeitado Ananda para um papel similar. Talvez, como observa Campbell reiteradamente, a busca espiritual só possa ser empreendida por nós mesmos, isto é, não podemos esperar que bispos e rabinos a realizem por nós. Deste modo, na história dos cavaleiros da saga arturiana, cada um devia encetar a busca do Graal — uma meta espiritual e não material — "ingressando na floresta na região mais escura desta", ou seja, no lugar onde ninguém abrisse uma trilha antes. A inércia da religião organizada constitui um repto constante ao crescimento espiritual: é inevitável que tenhamos que construir nossa própria senda em lugar de trilhar a de outra pessoa.

A herança religiosa do próprio Joseph Campbell era a católica romana. Ele abandonou formalmente a Igreja quando, na condição de um estudante de mitologia, sentiu que a Igreja ensinava uma fé literal e concreta que era insustentável para um adulto. Em torno dos vinte e cinco anos, Campbell,

como outros de seu tempo, se afastara das estruturas do catolicismo. Mais tarde Campbell suavizou o que num certo ponto pareciam ser sentimentos amargos em relação ao catolicismo, reconhecendo a necessidade pedagógica de ensinar crianças através da interpretação concreta em lugar de fazê-lo através de metáforas para elas incompreensíveis. Nunca, entretanto, voltou a assistir à missa, embora compreendesse e ressaltasse profundamente o potente simbolismo desta em muitas de suas palestras.

Nenhum crente autêntico de qualquer tradição sentirá sua fé reduzida pela leitura de Joseph Campbell; ao contrário, sentirá que não precisa abrir mão de sua tradição para experimentar uma percepção mais profunda de seus ensinamentos e rituais mais sagrados.

No fim de sua vida, nas palavras de Pythia Peay num artigo sobre "Campbell e o catolicismo", "Campbell estava sendo submetido a tratamento a *laser* no *St. Francis Hospital* em Honolulu. Seu quarto, como todos os demais naquele hospital, tinha um pequeno crucifixo de bronze pendurado na parede. Em lugar do usual Cristo em padecimento com a cabeça tombada e o corpo ensangüentado, a figura na cruz do quarto de Campbell estava totalmente vestida, tinha a cabeça erguida, os olhos abertos e os braços estendidos, o que parecia um abraço quase jubiloso do divino". Este era o *Cristo triunfante* sobre quem Campbell escrevera freqüentemente como um símbolo do zelo da eternidade pela encarnação no tempo, que envolve a dissolvência do uno no múltiplo e a aceitação dos sofrimentos de uma maneira confiante e jubilosa.

Segundo Peay, Campbell "experimentou profundamente o âmago do símbolo cristão" durante as últimas semanas de sua vida. Ela cita as palavras da esposa dele, Jean Erdman: "Ele se achava emocionado ao ver aquilo, porque para ele esse era o significado místico de Cristo que refletia o estado de reconciliação com o Pai." No quarto do hospital, de acordo com sua esposa, "ele experimentou emocionalmente o que compreendera intelectualmente antes. Ver aquela imagem num quarto de hospital católico o ajudou a libertar-se do conflito que vivera com sua religião da infância".⁷

Joseph Campbell esteve completamente encarnado no tempo, um homem vivaz e encantador, transbordante de entusiasmo com o grandioso mistério do ser no qual ele próprio estava plenamente envolvido. Mas ele teve que acolher a morte antes de sua mensagem ser liberada ao enorme público que pela primeira vez se familiarizou com ele por meio das entrevistas de Bill Moyers na televisão. Ele experimentou uma ressurreição da qual, numa medida ou outra, todos nós somos testemunhas. De maneira cruel, a partir de então era para ele padecer uma crucificação nas mãos dos críticos, alguns dos quais desempenharam o papel de Judas traíndo o auxílio e os modelos que ele lhes concedera para ajudá-los em seus próprios estudos da mitologia. Outros pareceram invejar sua súbita fama e estar furiosos por ele ter alcançado, de um modo a partir do além da eternidade, alguma coisa que fora negada a eles em seu desgastado tambor rotativo do tempo.

Outros ainda preferem realizar uma leitura equívoca, interpretar mal ou tomar as palavras de uma outra pessoa pelo que Campbell escreveu. Podemos citar, à guisa de exemplo, o teólogo católico que afirma que Campbell descreveu a missa católica como algo que não vai além de um espetáculo da Julia

⁷ "Campbell and Catholicism", *Common Boundary*, March/April 1992, Pythia Peay, p. 28-33.

Child. O que Campbell realmente sugeriu, como os leitores descobrirão nestas páginas, foi que a riqueza do mistério fora furtada da missa pelos reformadores que a traduziram para o vernáculo e viraram o sacerdote para as pessoas. Foram, na sua apropriada comparação, os reformadores que não compreenderam os símbolos que tornaram a missa mais parecida com um *show* televisivo do que com uma refeição sacramental.

Joseph Campbell dispensa advogados contra tais críticos. Teria ficado tão surpreso e consternado com eles como o teria com sua imensa fama. Suas obras, devido ao caráter que lhes é inerente, igualmente sobreviverão aos críticos. Com efeito, nos muitos livros e palestras de Campbell encontramos o vocabulário de que necessitaremos para discursar espiritualmente no século à sombra do qual agora vivemos. Este livro constitui um esforço no sentido de fornecer o primeiro esboço de um léxico que permita às pessoas penetrarem e respirarem o espírito dentro das velas da grande embarcação das instituições judaico-cristãs que parecem agora abonançadas.

Enquanto escrevemos este prefácio, o *Carter Center for Peace Studies* de Atlanta está monitorando um total de cento e doze conflitos, muitos destes baseados em reivindicações étnicas conflitantes pelo mundo afora. Ameaçam destruir o conceito de um mundo unificado e reconduzir milhões de pessoas ao isolamento angustiante e de contenda entre si. A mensagem central de Joseph Campbell é que essas cisões étnicas constituem a amarga colheita das distorções dos ensinamentos religiosos plantadas há muito tempo. Quando direitos espirituais são exigidos com base em metáforas religiosas apresentadas como fatos e geografia e não como símbolos do coração e do espírito, surge um mundo angustiosamente dividido que acarreta consigo a inevitabilidade da grande tragédia.

Mesmo o vocábulo *compaixão* tem sido desvalorizado atualmente, convertendo-se num conceito protoplásmico tanto não-fundado no sacrifício quanto embebido no sentimentalismo indiscriminado. Tem sido absorvido como uma pequena democracia e incorporada a um vizinho totalitarista, pelos entusiastas da *Nova Era* que o revestiram de vagueza astral. A compaixão, contudo, requer muito mais de nosso caráter, exigindo que cada um de nós empreenda uma jornada heróica até os limites extremos das vidas das pessoas que parecem diferentes de nós. Isto é fundamentalmente uma experiência espiritual, e não precisamos deixar nossas casas, nem sequer a cadeira onde estamos sentados, para ingressarmos nela.

O exercício da compaixão, identificado como o mais elevado ideal religioso e espiritual na obra de Joseph Campbell, requer um triunfo sobre os antigos obstáculos que assomam com espadas flamejantes diante de toda geração: o *desejo* e o *medo da morte*. Os esforços de Campbell podem ser comparados àqueles de um mestre de restauração artística que deseja que vejamos novamente a obra-prima de nossa herança espiritual ocidental como era antes de ter sido tão obscurecida e alterada pela história.

Sua extensa tela foi pintada em reiteradas ocasiões ao longo dos séculos, às vezes por seus inimigos, com excessiva frequência por seus amigos, de modo que o vigor das cores e imagens originais se perdeu. O trabalho de Campbell, semelhante ao que desvelou cores vividas sob o embotamento glaucômico que obscurecera a Capela Sistina de Miquelângelo, nos faculta ver mais uma vez, como o cego viu no Evangelho, o esplendor da criação.

Num sentido genuíno, poderíamos dizer que Joseph Campbell prega *o fim do mundo*, esta grandiosa metáfora da espiritualidade que tem sido tão explosivamente empregada por aqueles que tomaram sua pele denotativa e arrojaram ao lado sua carne conotativa, pois, como explica Campbell, *o fim do mundo* não é um evento cataclísmico de cujo terror do julgamento final nos aproximamos cada vez mais. O fim do mundo acontece todos os dias para aqueles cuja introspecção espiritual lhes permite ver o mundo como ele é, transparente para a transcendência, um sacramento do mistério ou, como escreveu o poeta William Blake, "infinito". *O fim do mundo* é, portanto, a metáfora de nosso começo espiritual e não o nosso fim cruel e ígneo.

A tradição espiritual judaico-cristã, restaurada por Joseph Campbell, é totalmente diferente do sectarismo despedaçado e farisaico que lança as pessoas umas contra as outras na guerra, que é ao mesmo tempo imperdoável e infundável. O mais significativo ensinamento da tradição é realmente aquele da compaixão, que requer que morramos para nós mesmos para ascendermos àquela visão reveladora de que partilhamos da mesma natureza humana com todas as outras pessoas. *Tat tvam asi*.

A mensagem de Joseph Campbell para o século XXI não é apocalíptica. É repleta de esperança porque nos enraíza uma vez mais nas fundações da tradição judaico-cristã e na tarefa de vencer o desejo e o medo que, por si sós, nos mantêm exilados daquele jardim no qual, longe de nos contemplarmos mutuamente com vergonha, abraçamos a humanidade da qual todos nós temos a marca.

Tat tvam asi. Isto és Tu.

EUGENE KENNEDY, Ph.D.

Capítulo I

METÁFORA E MISTÉRIO RELIGIOSO

O significado do mito

Permitam-me começar explicando a história do meu impulso no sentido de situar a metáfora no centro de nossa exploração da espiritualidade ocidental.

Quando o primeiro volume do meu *Historical Atlas of World Mythology, The Way of the Animal Powers*¹ foi lançado, os editores me remeteram a uma viagem de publicidade. Trata-se do pior tipo de todas as viagens possíveis porque você se dirige sem vontade a *disc jockeys* e jornalistas, eles próprios não desejosos de ler o livro sobre o qual se supõe que conversarão com você a fim de mostrá-lo ao público.

A primeira pergunta que me faziam era sempre: "O que é um mito?" Isto é um excelente começo para uma conversa inteligente. Entretanto, numa cidade entrei numa emissora de rádio para um programa de meia hora ao vivo, e nesta emissora o entrevistador era um homem jovem, de olhar vivo, que imediatamente me advertiu, "Sou duro, deixo claro para você. Estudei direito".

A luz vermelha acendeu e ele começou, à guisa de argumento: "A palavra *mito* significa uma falsidade. O mito é uma mentira".

E eu repliquei com minha definição de mito: "Não, o mito não é uma mentira. O todo de uma mitologia é uma organização de imagens e narrativas simbólicas, metáforas das possibilidades da experiência humana e a realização de uma dada cultura num determinado tempo".

"É uma mentira", ele contrapôs.

"É uma metáfora".

"É uma mentira".

Isso persistiu por cerca de vinte minutos. Mais ou menos quatro ou cinco minutos antes do encerramento do programa, percebi que esse entrevistador realmente não sabia o que era uma metáfora e decidi tratá-lo como ele estava me tratando.

"Não", eu disse, "digo a você que é metafórico. Dê-me um exemplo de metáfora".

"Dê-me você um exemplo", ele retrucou.

Ofereci resistência: "Não, quem está fazendo a pergunta desta vez sou eu". Não ensinara na escola durante trinta anos para nada. "E quero que você me dê um exemplo de metáfora".

O entrevistador ficou inteiramente desconcertado, a ponto de dizer: "Vamos entrar em contato com algum professor." Finalmente, faltando coisa de um minuto e meio para terminar o programa, achou ocasião e disse: "Vou tentar. Meu amigo John corre muito depressa. As pessoas dizem que ele corre como um cervo. Eis aí uma metáfora".

Como os últimos segundos da entrevista se escoavam, respondi: "Essa não é a metáfora: A metáfora é: John é um cervo".

Ele contra-atacou: "Isto é uma mentira".

¹ *Historical Atlas of World Mythology, volume I: The Way of the Animal Powers*, Joseph Campbell (Alfred van der Marck Editions, 1983).

"Não", eu disse, "é uma metáfora".

E o espetáculo terminou. O que sugere esse incidente a respeito de nossa compreensão comum de metáfora?

Isso me fez refletir que a metade das pessoas do mundo pensa que as metáforas de suas tradições religiosas, por exemplo, são fatos. E a outra metade sustenta que não são, de modo algum, fatos. O resultado é que temos pessoas que se consideram crentes porque aceitam metáforas como fatos, e temos outros indivíduos que se classificam como ateus porque acham que as metáforas religiosas são mentiras.

A função dos mitos

Vejo as mitologias tradicionais cumprindo quatro funções. A primeira função é a de harmonizar a consciência com as pré-condições de sua própria existência, ou seja, a função de alinhar a consciência *despertadora* com o *mysterium tremendum* deste universo, *como ele é*.

As mitologias primitivas, incluindo a maioria das mitologias arcaicas, dizem respeito a ajudar as pessoas a admitir ou dizer *sim* a elas. Fazem-no, entretanto, da maneira mais monstruosa, decretando rituais que contêm assassinatos hediondos realizados bem diante dos olhares dos espectadores e com a participação de toda a comunidade. Se alguém não puder afirmá-lo, não estará afirmando a vida, pois isso é o que a vida é. Houve, então, na história humana um momento no qual a consciência recusou-se a aceitar essa interpretação, e surgiu um sistema de mitologias preocupadas em auxiliar os indivíduos a se afastarem, colocarem-se a si mesmos a uma certa distância dessa concepção de experiência básica.

A religião de Zoroastro apareceu introduzindo a noção de que o mundo era originalmente bom — inócuo, por assim dizer — e que um princípio maléfico atuou para desencadear uma queda. Desta queda resultou esta situação infeliz, miserável, involuntária conhecida como *condição humana*. Adotando a doutrina de Zoroastro e participando de uma obra benéfica, as pessoas se associam às forças da restauração, eliminam a infecção do mal e se movem rumo ao bem novamente.

É essencialmente esta, em termos gerais, a mitologia encontrada na tradição bíblica: a idéia de uma criação benéfica e uma queda subsequente. Em lugar de culpar pela queda um princípio maléfico anterior ao homem, a tradição bíblica culpa o próprio homem. A obra de redenção restaura a situação benéfica e, uma vez concluída esta, acarretará o fim do mundo tal como o conhecemos, isto é, o mundo de conflito e competição, este universo de vida devorando a vida.

Quer concebamos a mitologia em termos da afirmação do mundo como ele é, da negação do mundo como ele é ou da restauração do mundo ao que *deve* ser, a primeira função da mitologia é despertar na mente um sentimento de assombro perante essa situação mediante uma entre três formas de participar dela: exteriorizando, interiorizando ou efetuando uma correção.

Julgaria isso como a função essencialmente religiosa da mitologia, ou seja, a função mística, a qual representa a descoberta e reconhecimento da dimensão do mistério do ser.

A segunda função de uma mitologia tradicional é interpretativa, apresentar uma imagem consistente da ordem do universo. Por volta de 3200 a.C, surgiu o conceito de uma ordem do universo,

lautamente com a idéia de que a sociedade, homens e mulheres participam dessa ordem cósmica por ser ela, realmente, a ordem básica da vida do todo.

Antes disso, nas sociedades primitivas, o foco do assombro não era uma ordem cósmica, mas a aparência extraordinária do animal que age diferentemente de outros membros de sua espécie, ou uma certa espécie de animal que parece ser particularmente hábil e inteligente, ou algum aspecto notável da paisagem. Tais coisas excepcionais predominam nas mitologias do mundo primitivo. Na era das grandes civilizações, todavia, atinge-se a experiência de um grandioso *tremendum* misterioso que se manifesta tão impessoalmente que não se é capaz sequer de elevar-lhe preces, podendo-se apenas experimentar assombro perante ele. Os próprios deuses são simplesmente agentes desse grande mistério superior, cujo segredo é encontrado nas matemáticas. Isto pode ainda ser observado em nossas ciências, nas quais a matemática do tempo e do espaço é considerada o véu através do qual o mistério grandioso, o *tremendum*, exhibe a si mesmo.

Todas as mitologias tradicionais refletiram a ciência do seu tempo. Não é de se surpreender que a Bíblia reflita a cosmologia do terceiro milênio a.C. Aqueles que não compreendem a metáfora, a linguagem da revelação religiosa, se vêem defrontando as imagens que aceitam ou contestam como fatos.

Uma das mais atordoantes experiências deste século² ocorreu em 1968 numa grande aventura em torno da lua. Na véspera de Natal, os primeiros versos do Gênesis foram lidos pelos astronautas, três homens que voavam ao redor da lua. O incongruente nesse episódio é que eles se achavam muitos milhares de quilômetros além do céu mais elevado concebido na época em que o Livro do Gênesis foi escrito, quando a ciência de então sustentava o conceito de uma Terra plana. Lá estavam eles, num momento observando quão seca era a lua e, no seguinte, lendo como as águas acima e as águas abaixo haviam sido muradas.

Um dos momentos mais maravilhosos dessa experiência contemporânea foi descrito por meio de imagens majestosas que simplesmente não foram apropriadas. Aquele momento merecia um texto religioso mais adequado. Ainda assim, chegou a nós com todo o assombro de algo sábio, algo ressoante de nossas origens, embora realmente não o fosse. As velhas metáforas foram entendidas como relatos fatuais da criação. A cosmologia moderna deixara muitíssimo atrás toda aquela modesta imagem de jardim da infância do universo, mas, a título de ilustração de concepção popular errônea, as metáforas da Bíblia, que não significavam fatos, foram pronunciadas por homens, crentes de que o eram, para milhões, que também acreditavam que essas metáforas eram fatuais.

A terceira função de uma mitologia tradicional é dar validade e respaldo a uma ordem moral específica, a ordem da sociedade da qual surgiu essa mitologia. Todas as mitologias chegam a nós no âmbito de uma certa cultura específica e precisam falar a nós através da linguagem e dos símbolos dessa cultura. Nas mitologias tradicionais, a idéia é realmente de que a ordem moral está organicamente, ou de alguma maneira uniforme, relacionada com a ordem cósmica.

² Isto é, século XX. (N.T.)

Por meio desta terceira função, a mitologia reforça a ordem moral moldando a pessoa às exigências de um grupo social específico geográfica e historicamente condicionado.

À guisa de exemplo disso, os ritos primitivos de iniciação, que tratavam os indivíduos com plena crueldade, visavam resolver o problema de fazer indivíduos em processo de crescimento vencer o primeiro grande limiar de seu desenvolvimento. Esses ritos comumente incluíam escarificação e certas cirurgias menores. Tais ritos eram realizados para que as pessoas pudessem compreender que não possuíam mais o mesmo corpo que possuíam quando crianças. Podiam olhar para si próprias posteriormente e ver que eram diferentes, que não eram mais crianças. Essas incisões, marcações com ferro em brasa e cortes visavam incorporá-las, mente e corpo, num corpo cultural mais amplo, mais duradouro cuja mitologia explicativa se tornava a deles próprios. A força aqui, cumpre observar, reside na sociedade e não na natureza.

Assim, foi a autoridade social na Índia, por exemplo, que manteve o sistema de castas bem como os rituais e mitologia do *sati*. É precisamente aqui, poderíamos observar, que surge uma grande dificuldade. Há um perigo real quando as instituições sociais inculcam nas pessoas estruturas mitológicas que não combinam mais com sua experiência humana. Por exemplo, quando se insiste em certas interpretações religiosas ou políticas da vida humana, pode ocorrer dissociação mítica. Pela dissociação mítica, pessoas rejeitam ou são seccionadas de efetivas noções explicativas a respeito da ordem de suas vidas.

A quarta função da mitologia tradicional é conduzir o indivíduo através dos vários estágios e crises da vida, isto é, ajudar as pessoas a compreender o desdobramento da vida com integridade. Essa integridade supõe que os indivíduos experimentarão eventos significativos a partir do nascimento, passando pelo meio da existência até a morte em harmonia, primeiramente com eles mesmos, em segundo lugar com sua cultura, em terceiro lugar com o universo e, finalmente, com aquele *mysterium tremendum* que transcende a eles próprios e a todas as coisas.

Metáfora, a língua nativa do mito

A vida de uma mitologia brota e depende do vigor metafórico de seus símbolos. Estes transmitem mais do que apenas um conceito intelectual, pois seu caráter interior é tal que proporcionam um sentido de efetiva participação numa realização de transcendência. O símbolo, energizado pela metáfora, comunica não simplesmente uma idéia do infinito, mas uma certa realização do infinito. E preciso lembrar, entretanto, que é possível que as metáforas de um período historicamente condicionado e os símbolos inervados por elas não sejam comunicáveis a pessoas que vivem muito depois daquele momento histórico, e cuja consciência foi formada graças a experiências completamente diversas.

Enquanto épocas e condições mudam drasticamente, o sujeito do condicionamento histórico no decorrer dos séculos — a saber, a complexa unidade psicossomática que chamamos de pessoa humana — permanece uma constante. O que Adolph Bastian descreveu como "idéias elementares" e aquilo a que Jung se referiu como "arquétipos do inconsciente coletivo" são as forças motoras biologicamente

arraigadas e referências conotadas para as mitologias que, moldadas nas metáforas de períodos históricos e culturais em mudança, se mantêm elas mesmas imutáveis.

As metáforas desempenham sua função de falar a esses níveis profundos dos seres humanos quando emergem recente e viçosamente do contexto contemporâneo da experiência. E uma nova mitologia está se tornando rapidamente uma necessidade tanto social quanto espiritual na medida em que as metáforas do passado, tais como o *nascimento virginal* e *aterra prometida*, conseqüentemente lidas erroneamente como fatos, perdem sua vitalidade e se tornam concretizadas. Mas essa nova mitologia já está implícita entre nós, nativa da mente que aguarda, tal como o príncipe adormecido aguarda o beijo de sua amada, para ser despertada pela nova simbolização metafórica.³ Esta será extraída necessariamente da vida, pensamento e experiência contemporâneos e, como a linguagem especial capaz de tocar mediante o seu próprio poder as camadas mais íntimas da consciência, fornecerá uma mitologia revigorada para nós.

Artistas partilham da vocação, de acordo com suas disciplinas e artes, de fundir as novas imagens da mitologia, ou seja, eles produzem as metáforas contemporâneas que nos permitem compreender a natureza transcendente, infinita e abundante do ser como ele é. Suas metáforas constituem os elementos essenciais dos símbolos que tornam manifesto o esplendor do mundo como este é, isto em lugar de argumentar que este deveria ser de um modo ou outro. Elas o revelam como é.

Uma mitologia pode ser entendida como uma organização de figuras metafóricas conotativas de estados de espírito que não pertencem definitivamente a este ou àquele local ou período histórico, embora as figuras elas mesmas pareçam superficialmente sugerir uma tal localização concreta. As linguagens metafóricas tanto da mitologia quanto da metafísica não denotam mundos ou deuses reais, e sim conotam níveis e entidades no interior da pessoa tocada por elas. As metáforas apenas aparentam descrever o mundo exterior do tempo e do espaço. Seu universo real é o domínio espiritual da vida interior. O Reino de Deus está no interior de você.

O problema, como notamos muitas vezes, é que essas metáforas, que dizem respeito àquilo que é inexprimível mediante qualquer outro recurso, são mal lidas prosaicamente como se aludissem a fatos tangíveis e a ocorrências históricas. A *denotação* — isto é, a referência no tempo e no espaço: um particular *nascimento virginal*, *o fim do mundo* — é tomada como a mensagem, e a *conotação*, a rica aura da metáfora na qual pode ser detectada sua significação espiritual, é cabalmente ignorada. O resultado é que ficamos com a inflexão "étnica" particular da metáfora, a roupagem histórica, e não com o núcleo espiritual vivo.

É inevitável, portanto, o entendimento popular se focalizar nos rituais e lendas do sistema local, e o significado dos símbolos é reduzido às metas concretas de um sistema político particular de socialização. Quando a linguagem da metáfora é mal compreendida e suas estruturas superficiais se fragilizam, ela evoca meramente uma ordem de coisas correntes limitadas pelo tempo e pelo espaço, e seu signo espiritual, se realmente transmitido, se torna cada vez mais débil.

Intrigou-me grandemente a ênfase na exegese profissional de toda a mitologia judaico-cristã-islâmica haver sido sobre a denotação e não sobre a conotação do imaginário metafórico que constitui sua

³ No tradicional conto de fadas é o príncipe que beija a princesa. O curioso é que aqui Campbell afirma o contrário. (N.T.)

linguagem ativa. O *nasimento virginal*, mencionado por mim, foi apresentado como um fato histórico e transformado num concreto artigo de fé acerca do qual os teólogos têm discutido há centenas de anos, freqüentemente com conseqüências graves e produtoras de ruptura. Praticamente todas as mitologias do mundo usaram essa idéia "elementar" ou co-natural de um nascimento virginal para se referir a uma realidade espiritual em lugar de uma realidade histórica. O mesmo vale, como sugeri, para a metáfora da *terra prometida*, que em sua denotação nada assinala, exceto um pedaço de geografia terrena a ser tomado pela força. Sua conotação, ou seja, seu significado real, contudo, é a de uma *região* espiritual no coração que só pode ser adentrada por meio da contemplação.

Não pode haver efetivo progresso no entendimento de como funcionam os mitos até que compreendamos e permitamos que os símbolos metafóricos se dirijam, do seu modo próprio e inalterado, aos níveis interiores de nossa consciência. A contínua confusão sobre a natureza e função da metáfora é um dos principais obstáculos — amiúde colocados em nosso caminho por religiões organizadas, que a focalizam miopeamente em tempos e lugares concretos — à nossa capacidade de experimentar o mistério.

Metáfora e mistério

A mitologia pode, num real sentido, ser definida como *a religião* de outro povo. E a religião pode, num certo sentido, ser entendida como uma incompreensão popular da mitologia.

A mitologia é um sistema de imagens que dota a mente e os sentimentos de um sentido de participação num campo de significado. As diferentes mitologias definem os significados possíveis da experiência de uma pessoa em termos do conhecimento do período histórico, bem como o impacto psicológico desse conhecimento difundido através de estruturas sociológicas sobre o sistema complexo e psicossomático conhecido como *ser humano*.

Numa mitologia tradicional ou, se se prefere, sistema religioso tradicional, as imagens e os rituais por meio dos quais estas imagens são integradas na vida de uma pessoa são apresentados oficialmente pelos pais ou pela evangelização religiosa, e se espera que o indivíduo experimente os significados e os sentimentos visados.

Se, como aconteceu no mundo contemporâneo, todos os fundos das imagens de nossa herança religiosa se transformam, como ocorre quando encontramos a nós mesmos num mundo de máquinas em lugar de um mundo de vida pastoral, essas imagens alteradas realmente não podem e não comunicam os sentimentos, as emoções e os significados que comunicaram às pessoas que viveram no mundo em que essas imagens foram desenvolvidas.

Um sistema de símbolos mitológicos somente atua se operar na esfera de uma comunidade de pessoas que tenham experiências essencialmente análogas, ou, para nos expressarmos de outra maneira, que partilhem do mesmo domínio de experiência de vida.

Como, no período contemporâneo, podemos evocar o imaginário que comunique o mais profundo e mais ricamente desenvolvido sentido de experiência de vida? Essas imagens devem apontar além de si mesmas para aquela verdade definitiva que é imperioso exprimir: que a vida não possui nenhum significado absolutamente fixo. Essas imagens têm de apontar para além de todos os significados dados,

além de todas as definições e relações, para aquele mistério realmente inefável que é justamente a existência, o ser de nós mesmos e de nosso mundo. Se atribuimos a esse mistério um significado exato, reduzimos a experiência de sua real profundidade. Mas quando um poeta transporta a mente para um contexto de significados e a arremessa adiante deles, conhece-se o maravilhoso arrebatamento que advém de ir além de todas as categorias de definição. Aqui percebemos a função da metáfora que nos permite realizar uma jornada, que de outra maneira nos seria impossível realizar, ultrapassando todas as categorias de definição.

* Esse material a respeito do significado e função do mito foi extraído das palestras de Joseph Campbell, intituladas "Metaphor as Myth and as Religion", ministradas no *Jung Institute* em São Francisco (fitas L916, L917, L918 nos arquivos de áudio da Fundação Joseph Campbell), em 1985. Estas foram complementadas com base em anotações do editor (Eugene Kennedy) provenientes de uma entrevista com Campbell em 4 de março de 1986 em Honolulu, e posteriormente publicadas na seção de *Forum* do *National Catholic Reporter*. O ensejo para a entrevista foi a publicação de *The Inner Reaches of Outer Space: Metaphor as Myth and as Religion*, obra na qual se pode encontrar uma abordagem mais completa desse assunto e outros correlatos.

O material sobre metáfora como língua nativa do mito foi extraído de quatro palestras ministradas na Universidade de Beloit, Beloit, Wisconsin, em janeiro de 1969.

Capítulo II

*A EXPERIÊNCIA DO MISTÉRIO RELIGIOSO **

Simbolismo e experiência religiosa

No tocante à tradição mística, é possível dividir o mundo em dois grandes grupos: um a oeste do Irã, que inclui o Oriente Próximo e a Europa, e o outro a leste do Irã, que inclui a Índia e o Extremo Oriente.

Concentremo-nos no Ocidente. Nossas religiões se originaram todas do Levante, do Oriente Próximo, e não da Europa. O zoroastrismo, o judaísmo, o cristianismo e o Islã são qualificados como as grandes religiões do mundo. Em todas estas, Deus criou o mundo, e Deus e o mundo não são idênticos. Há em nossa tradição uma distinção ontológica e essencial entre criador e criatura.

Isso leva a uma psicologia e estrutura religiosa totalmente diferentes daquelas das religiões nas quais essa distinção não é feita. A meta das religiões ocidentais não é concretizar um sentido de identidade com o transcendente; sua meta é realizar uma relação entre os seres humanos e Deus, que não são idênticos. A típica postura do Levante, do Oriente Próximo do qual procedem nossas religiões, é a submissão do discernimento humano ao poder concebido como sendo Deus.

Na tradição ocidental, o divino não está dentro de você. Quando você se volta para seu interior, encontra uma alma humana e esta alma humana talvez esteja ou não esteja numa adequada relação com seu criador. O grandioso mundo da tradição bíblica nos diz que a natureza é corrupta e que ocorreu uma queda, quer seja designada como *pecado original* ou não. Todo o conceito *de pecado* está aqui envolvido, porque se tem uma responsabilidade em relação a Deus quanto a obedecer algum tipo de lei que se concebe ter sido estabelecida por Ele.

Nesta tradição como você se relaciona com Deus? A relação é realizada através de uma instituição, o que podemos chamar de *primeira dissociação mítica*, na medida em que dissocia a pessoa do princípio divino. O indivíduo só pode tornar-se associado ao divino através da instituição social. Assim, na tradição judaica Deus e Seu povo celebram um pacto relativo a sua relação especial.

Na tradição cristã, Cristo constitui o centro porque Ele é o Deus verdadeiro e o homem verdadeiro. Isso é considerado como um mistério devido à unidade dessas duas naturezas. No Oriente não é mistério algum visto que no Oriente cada um de nós é concebido precisamente como um fragmento de Deus.

A cultura religiosa ocidental está consignada a esses grupos sociais e suas várias asserções bíblicas e eclesásticas, as quais, à luz da moderna pesquisa histórica e científica, estão sendo questionadas. Contudo, por força desse sistema, fomos despojados do sentido de nossa própria divindade. Fomos confiados a uma organização social ou instituição hierárquica que formula uma asserção para si mesma. E agora a própria asserção está em questão. Isto gera o que denominamos *alienação*, isto é, um sentimento

individual de distanciamento, alheamento e indisposição em relação à instituição religiosa por meio da qual nos ligamos a Deus.

O Deus da instituição não recebe sustentação da experiência da realidade espiritual que você mesmo tem. Isto abre uma brecha que abala a própria validade do ser humano. O primeiro objetivo do místico é dar validade à experiência humana individual.

Experimentando o mistério

Como antes mencionado por nós, o propósito primordial de uma mitologia dinâmica, que podemos destacar como sua função propriamente *religiosa*, é despertar e conservar na pessoa uma experiência de assombro, humildade e respeito ante o reconhecimento daquele mistério último que transcende todo nome e toda forma, "do qual," como lemos nos *Upanishads*, "as palavras se afastam". Nas décadas recentes, a teologia freqüentemente tem se concentrado no exercício literário da explicação de textos arcaicos que são constituídos por nomes, incidentes, máximas e ações historicamente condicionados e ambíguos, todos atribuídos ao "inefável". Fé, poderíamos dizer, nas antiquadas escrituras ou fé na mais recente ciência pertencem igualmente nestes tempos exclusivamente àqueles que até agora não têm idéia de quão misterioso, lealmente, é o mistério deles mesmos.

Em quantos de nós é gerado o significado descrito pelo físico Erwin Schrödinger de que "essa sua vida que você está vivendo não é meramente um fragmento da existência integral, mas é num certo sentido o *todo*, com a ressalva de que o todo não está constituído de um modo que possa ser avaliado mediante um simples olhar. Isto... é o que os brâmanes expressam através daquela fórmula sagrada, mística que é, no entanto, realmente tão simples e tão clara: *Tat tvam asi*, isto és tu".¹

Esta é a compreensão básica de todo discurso metafísico, que é imediatamente conhecido — na sua cognoscibilidade exclusiva a cada um — somente quando os nomes e formas, que chamo de máscaras de Deus, se dissolvem. Todavia, como muitos observaram, inclusive William de Occam, Immanuel Kant e Henry Adams,² a categoria ou nome da própria unidade pertence à mente, e não pode ser atribuída a nenhuma suposta substância, pessoa ou "Fundamento do Ser".

Quem, então, pode falar a você ou a qualquer um de nós do ser ou não-ser de Deus, salvo implicitamente apontando além de suas palavras e de si mesmo e de tudo que sabe, ou é capaz de narrar, rumo ao transcendente, a experiência do mistério?

Por vezes, assoma a questão quanto a ser a experiência do mistério e da transcendência mais acessível aos que passaram por algum tipo de treinamento religioso e espiritual, para os quais, como disse, ela toda foi completamente nomeada. Talvez seja menos acessível a estes, precisamente porque têm tudo nomeado no livro. Uma forma de privar você mesmo de uma experiência é, com efeito, ter a expectativa

¹ *My View of the World*, Erwin Schrödinger (Cambridge University Press, 1964), p. 22.

² *William de Occam (Ockham)* (?1285/1300-?1343/ 1349), teólogo e filósofo inglês medieval; membro da Ordem dos Franciscanos. Seu pensamento é classificado como peripatético nominalista. *Immanuel Kant* (1724-1804), filósofo alemão (prussiano) moderno; seu sistema filosófico (que se desenvolve fundamentalmente como teoria do conhecimento) é oficialmente chamado de *criticismo* ou filosofia crítica. *Henry Adams* (1838-1918), historiador norte-americano. (N.T.)

dela. Uma outra é ter um nome para ela antes de ter a experiência. Carl Jung³ afirmou que uma das funções da religião é nos proteger da experiência religiosa. Assim é porque na religião formal tudo é concretizado e formulado. Entretanto, devido à sua natureza, uma tal experiência é a experiência que somente você pode ter. No momento em que você a classifica entre as de outras pessoas ela perde seu caráter. Um conjunto preconceituoso de conceitos aprisiona a experiência, dando-lhe um fim abrupto, de maneira que não nos atinge diretamente. Religiões repletas de ornatos e minúcias nos protegem de uma experiência mística explosiva que seria excessiva para nós.

Há duas espécies de meditação: a discursiva e a ordenada. Na meditação discursiva, tal como aquela advogada por Inácio de Loyola,⁴ você considera uma certa cena religiosa: as *sete angústias da virgem abençoada* ou a narrativa da *crucificação*, organizando-a como alguém que montasse um palco na imaginação. Trata-se aqui de um prelúdio defensivo a uma espécie de meditação. Uma outra espécie de meditação é explosiva porque transporta você além de todos os nomes, formas e conceitos, e aí você não pode recuar. Se, contudo, você primeiramente se dedicou por muitos anos à meditação discursiva, esta servirá como um estado intermediário pelo qual você pode voltar. Nas instituições em que a meditação tem sido praticada por muito tempo — nas Ordens contemplativas, por exemplo — isso é bem entendido.

Descubramos o caminho do mistério por meio de uma meditação sobre o nascimento, vida e morte de Jesus. Nesse aspecto, a questão do século I -se o cristianismo era *uma* religião de mistério ou *a* religião de mistério da qual todas as demais foram refigurações — é relevante. Os muitos símbolos, tais como os animais das religiões de mistério egípcias transmitindo o alento de seu espírito ao menino Jesus — do deus Osíris o touro, de seu irmão Set o asno ali na manjedoura -, sugerem seu antigo entendimento de que era isso mesmo. Assim, igualmente, no mesmo cenário da natividade, os Magos usam o chapéu de Mitras ao renderem homenagem.

Fica claro que em Orfeu e Cristo temos exatamente o mesmo arquétipo, como o tema do abandono do mundo físico, ainda simbolizado por uma cruz em astronomia, pelo espiritual. Eles deixam a Terra, símbolo da *Mãe* para ir ao domínio do *Pai*.

Na passagem de um rito neolítico de fertilidade para um rito espiritual de fertilidade vemos a morte e a ressurreição do grão refigurados no símbolo da morte do velho Adão e do nascimento do novo. Como observei antes, embora não saiba como prová-lo, a grande percepção de São Paulo no caminho para Damasco foi a de que a calamidade da morte daquele jovem rabino, Jesus, era uma contraparte da morte e ressurreição do salvador encontrada nos mistérios clássicos. Paulo também percebeu que o mito cristão da *queda na árvore do horto* e a *releição no calvário sobre o madeiro da releição* são os dois aspectos das duas árvores⁵ no *jardim do Éden*. A primeira, a *árvore da queda* representa a passagem do eterno para o domínio do tempo. A segunda é a *árvore* do retorno do domínio do tempo ao espiritual. Assim, aquela

³ Carl Gustav Jung (1875-1961), psiquiatra e psicanalista suíço não ortodoxo; suas investigações, teoria e práticas médicas envolveram uma incursão na alquimia, astrologia e mitologia. (N.T.)

⁴ Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da Companhia de Jesus ou Ordem Jesuíta. Loyola, de nacionalidade espanhola, é uma das figuras mais importantes da história da Igreja e, como os demais fundadores das Ordens cristãs, foi canonizado. (N.T.)

⁵ *A árvore da ciência do bem e do mal e a árvore da vida*. (N.T.)

árvore é a árvore do limiar, o loureiro, que pode ser visto em seus dois aspectos: indo do sagrado ao profano e do profano de volta ao sagrado.

Quando o homem comeu o fruto da *árvore*, descobriu a si mesmo na esfera da dualidade em lugar daquela da unidade. O resultado foi que se encontrou a si mesmo fora, exilado. Os dois querubins postados na entrada representam ali o mundo dos pares de opostos no qual, tendo sido expulso do mundo da unidade, está ele agora localizado. Você é mantido em exílio por seu comprometimento com esse mundo.

Cristo vai além disso — "Eu e o Pai somos um" — de volta ao domínio da unidade do qual fomos expulsos. *Estes* são mistérios. Aqui reside um eco e uma transposição para um outro conjunto de imagens, de que nós mesmos estamos experimentando. O que surge agora com o grão, como partículas daquela vida una que informa todas as coisas, é a revelação da unidade espiritual em todos os seus aspectos. Aqui também se acha a revelação de que uma vida una pode ser personificada como uma Divindade, como na tradição cristã, e tudo provém da Divindade. Mas a personificação não é o importante. O que temos aqui é uma revelação transteológica, transpersonificada.

Quando se está pronto para ver a cintilação eterna, por assim dizer, através da treliça do tempo, se é capaz de experimentar o mistério. Isto acontece especialmente na arte portadora de símbolos mitológicos que ainda nos falam.

Tudo isso pode ser observado na superfície de um antigo vaso de dupla face. Num dos lados, vemos Triptolemo como um homem velho com Hermes diante dele com grãos de trigo. Hermes está segurando o caduceu. Virando o vaso, vemos que, além disso, Dionísio é conduzido por um sátiro com a taça de vinho. Triptolemo é associado ao pão, ao grão, e Dionísio ao vinho. Estes são os elementos dos sacramentos católicos romanos da missa.

Numa peça de cerâmica com figuras vermelhas do século V a.C. é possível ver a deusa com os dois poderes, o poder serpentino e o poder solar. O poder serpentino é a picada da morte ao ego que abre o olho e o ouvido ao eterno.

Há duas espécies de perspectiva religiosa. Uma é ética, opondo o bem ao mal. No Ocidente cristão de fundamento bíblico, a ênfase é na ética, no bem contra o mal. Somos assim compelidos pela nossa própria religião ao campo da dualidade. A perspectiva mística, entretanto, encara o bem e o mal como aspectos de um único processo. Isso se encontra no signo *yin-yang* chinês, o *dai-chi*.

Temos, então, essas duas perspectivas religiosas totalmente diferentes. A idéia do bem e do mal absolutos no mundo após a *queda* é bíblica e, como resultado, você não se apóia na natureza corrompida. Ao contrário, você corrige a natureza e se alia ao bem contra o mal. Cultos orientais, pelo contrário, colocam você em contato com a natureza, e o que os ocidentais classificam como bem e mal se entrosam. Mas o que nos dá o direito — nos indaga essa tradição oriental — de qualificar essas coisas de más se fazem parte do processo da natureza?

Fiquei bastante impressionado quando estive pela primeira vez no Japão e me encontrei num mundo que nada sabia da *queda do jardim do Éden* e, por conseguinte, não considerava corrupta a natureza.

Nas *Escrituras Shinto* lê-se que os processos naturais não podem ser maus. Na nossa tradição todo impulso natural é pecaminoso a menos que tenha sido purificado de alguma maneira.

Em algumas representações artísticas vê-se a Divindade e à Sua direita se postam as três Graças. As Musas estão vestidas porque a arte veste o mistério. A revelação final é o próprio mistério despido. A primeira das três Graças é Eufrosine, ou arrebatamento, enviando a energia de Apoio ao mundo; a segunda é Aglaia, esplendor, trazendo a energia de volta; e envolvendo ambas, encontramos Tália, abundância. Pode-se reconhecer que estas são as funções da *trindade* na tradição cristã de base bíblica, na qual esses mesmos poderes recebem uma forma masculina.

Finalmente, não importa se você irá designá-los como masculino e feminino. A transcendência está além de toda designação. Esse símbolo se refere ao que poderia simplesmente ser chamado de meditação total. O Pai é Tália, a abundância que une as outras duas. O Filho é Eufrosine, o arrebatamento do amor que se despeja no mundo. O Espírito Santo, o Paracleto, é Aglaia, que nos leva de volta. A energia ela própria se origina de Apoio, que na tradição cristã é a substância divina una da qual são personalidades os três componentes da *trindade*.

(*) Parte deste material foi extraído de palestras ministradas por Campbell sob o título "Symbolism and Mystical Experience" (fitas L117, L121, L122, L124, L126, L127) e apresentadas em Wainwright House entre 3 de outubro e 12 de dezembro de 1966.

Lembre-se da minha afirmação anterior de que a experiência do mistério não nasce da expectativa dele, mas da renúncia a todos os programas que você mantém, porque seus programas se baseiam no medo e no desejo. Largue-os e o brilho surgirá.

Há também aqui material retirado das palestras sobre "Mystical Experience and the Hero's Journey" apresentadas no Esalen Institute em Big Sur, Califórnia (fitas L179, L180), em 13 e 14 de outubro de 1967. Algum material foi incorporado a partir de sua "Way of Contemplation?", ministrada em 15 de outubro de 1967 no mesmo instituto. Algumas citações também foram acrescentadas e são provenientes da participação de Campbell num debate importante com convidados especiais sob o título "What is Spirituality" (fita L835) gravado em 10 de outubro de 1983 em Esalen. Uma pequena quantidade de material foi tomada de "The Need and Importance of Rites" (fita L90), uma palestra ministrada por Campbell no Cooper Union na cidade de Nova York em 20 de janeiro de 1964. Para uma exposição mais completa deste tema conferir *Myths to Live By* (New York, Arkana, 1993).

Uma abordagem mais ampla dos temas ligados ao herói pode ser encontrada em *The Hero with a Thousand Faces* (Princeton, New Jersey, Princeton University Press, Bollingen Series, second edition, 1968).

Conferir também a abordagem extensiva de Campbell de "The Metaphysical-Mystical Prospect", p. 609 e ss. em *The Masks of God: Creative Mythology* (New York, The Viking Press, Viking Compass Edition, 1970). As referências de Campbell a Wittgenstein sobre o místico (Op. cit., p. 675) são particularmente relevantes para quem se interesse tanto pelas fontes quanto pela amplitude da investigação intelectual de Campbell. A tradição mística cristã é discutida extensivamente (p. 588 e ss.) na seção "The New Universe".

Capítulo III

NOSSAS NOÇÕES DE DEUS *

A *Crítica da Razão Pura* de Kant nos fornece uma base para compreender a natureza inefável do divino. Como observa Kant, toda a nossa experiência nos chega dentro da esfera do tempo e do espaço. Por conseguinte, estamos separados uns dos outros porque existe espaço para nele estarmos separados. Tempo e espaço são os profundos fatores condicionantes de nossas vidas humanas. Somos incapazes de experimentar qualquer coisa salvo no campo do tempo e do espaço. Kant denomina isso "as formas estéticas da sensibilidade". É o que na Índia é chamado de *maya*. *Maya* é a esfera do tempo e do espaço que transforma o que transcende a manifestação num mundo fragmentado.¹

Quando se pensa no que se experimentou na apreensão de formas no tempo e no espaço, emprega-se a gramática do pensamento, cujas categorias fundamentais são: *ser* e *não-ser*. Existe um Deus? Se a palavra "Deus" significa qualquer coisa, essa coisa deve significar nada? Deus não é um fato. Um fato é um objeto no campo do tempo e do espaço, uma imagem na esfera do sonho. Deus não é sonho algum. Deus não é fato algum. "Deus" é uma palavra que nos refere além de alguma coisa suscetível de ser concebida ou nomeada. No entanto, as pessoas pensam em seu Deus como se tivesse sentimentos como nós, gostasse mais destas pessoas do que daquelas e tivesse certas leis para suas vidas. Moisés recebeu muita informação daquilo que poderíamos chamar de esse *não-fato*. Como é entendido particularmente na tradição judaico-cristã, Deus é um termo final.

Em quase todos os outros sistemas, os deuses são agentes, manifestações ou funcionários imaginados de uma energia que transcende toda conceitualização. Não são a fonte da energia, mas sim agentes dela. Expresse isso da seguinte forma: o deus é a fonte, ou é o deus uma maneira humana de conceber a força e a energia que sustentam o mundo? Na nossa tradição Deus é masculino. Entretanto, esta diferenciação masculino e feminino é feita no campo do tempo e do espaço, o campo da dualidade. Se Deus está além da dualidade, não se pode dizer que Deus é "Ele", não se pode dizer que Deus é "Ela"; não se pode dizer que Deus é um "Ele" ou "Ela" *neutro*.²

É por isso que, quando os mestres Zen falam, sempre dissolvem a palavra dizendo o contrário imediatamente depois. Aquilo que não é coisa alguma. Aquilo que não é nenhum *aquilo*. Trata-se da referência máxima de nossas metáforas. Há então referências metafóricas, conotações, este lado daquele limite último, franqueando o mistério da operação dessa energia transcendente no campo do tempo e do espaço.

Deveríamos nos tornar transparentes para a transcendência.³ Nas idéias que fazemos de nossas vidas, daquilo pelo que vale a pena viver, ligamos nós mesmos às formas fenomênicas com as quais estamos familiarizados.

¹ Uma discussão mais completa do conceito *kantiano* das formas *a priori* da sensibilidade e da filosofia de *maya* pode ser encontrada em *The Masks of God: Oriental Mythology* (Viking Press, 1962), p. 13 e ss., 177, 184, 237, 254, 335-336.

² No original *You cannot say God is an "It"*. (N.T.)

³ Cf. *The Inner Reaches of Outer Space* para um exame mais amplo desta idéia.

Se tomamos essas formas como coisas em si mesmas e ligamos nós mesmos àquelas aparências externas, não somos transparentes para a transcendência e nem o são as formas. A meta na psiquiatria, conforme se diz, é conduzir a estrutura mental que está governando nossas vidas à harmonia com essa energia oriunda de fontes que não compreendemos plenamente e não podemos localizar. Com isso nos tornamos transparentes para a transcendência. Tornamo-nos como vidraças e uma irradiação resplandece através de nós, que, de outra maneira, é bloqueada. Um deus deveria, de modo semelhante, ser propriamente transparente para a transcendência.

Quando Yahvé diz "Eu sou Deus", ele barra essa possibilidade. Quando, todavia, seu Deus é transparente para a transcendência, você também é. Aquilo que pertence ao transcendente, é o mesmo no deus e em você próprio. Se o deus se abre à transcendência, você é uno com o que chama de "Deus." Assim, a imagem do deus introduz você em sua própria transcendência. De alguma forma, isto pode ser de difícil compreensão. Mas quando o deus fecha a si mesmo e diz "Eu sou Deus", ele fecha você também, porque isso expressa que você é apenas um fato e, assim, a relação, nesses termos, é entre você e o fato que não é fato algum.

Eis aí por que para apreciar a linguagem religiosa, que é metafórica, deve-se distinguir constantemente a denotação, ou fato concreto, da conotação, ou mensagem transcendente.

Examinemos algumas imagens religiosas familiares. Um dos grandes temas tanto no judaísmo quanto no cristianismo é o *fim do mundo*. O que significa *o fim do mundo*? A denotação é que haverá uma formidável catástrofe cósmica e o mundo físico deixará de existir. É esta, como sabemos, a denotação. Qual a *conotação* do *fim do mundo*? No Evangelho de Marcos, capítulo 13, Jesus se refere ao *fim do mundo*. Ele o descreve como uma época sumamente terrível com fogo e enxofre devorando a Terra. Ele diz: "Melhor não estar vivo nessa época". E acrescenta: "Esta geração não desaparecerá, mas estas coisas acontecerão". Estas coisas, entretanto, não aconteceram. E a Igreja, que tudo interpreta concretamente, tomando a denotação em lugar da conotação como a expressão da mensagem, disse que *não*, que isso não aconteceu mas acontecerá, porque o que Jesus queria dizer com *geração* é a geração do Homem.

Ora, no Evangelho gnóstico de Tomás, parte da grande descoberta de meados do século⁴ de textos antigos, Jesus diz: "O Reino não virá como o esperado. O Reino do Pai está espalhado sobre a Terra e os homens não o vêem". Não o vendo, vivemos no mundo como se este não fosse o Reino. Ver o Reino — isto é, *o fim do mundo*. A conotação transcende a denotação. Não convém que você interprete a expressão "*o fim do mundo*" concretamente. Jesus usava o mesmo tipo de vocabulário usado pelos *gurus* orientais. No seu maduro sistema de ensino eles falam como se fossem eles próprios o objeto de seu discurso, ou seja, em suas mentes eles se identificaram com uma modalidade de consciência que, então, fala através deles.

Assim, quando Jesus diz: "Eu sou o todo", ele quer dizer: "Eu me identifico com o todo". Isso é o que ele quer dizer quando diz, no Evangelho de Tomás: "Racha o bordão e tu me encontrarás aí". Isto

⁴ Ou seja, século XX. (N.T.)

não se refere à pessoa que está falando com você, não àquele corpo físico; refere-se, ao contrário, ao que ele, com efeito, e você, com efeito, são de fato. *Isto és tu*.⁵

Em qualquer das tradições bíblicas ortodoxas não se pode identificar a si mesmo com Deus. Jesus se identificou com Deus nesse sentido. Mas Deus é uma metáfora, como também ele é uma metáfora para aquilo que nós todos somos. E Jesus diz nesse Evangelho de Tomás: "Aquele que bebe de minha boca se tornará como sou e eu serei ele". Não se trata do "eu" ali postado falando aos seus discípulos, fisicamente presente diante deles; trata-se do "eu" da dimensão de onde ele está falando. "Racha o bordão e tu me encontrarás aí; ergue a pedra, lá estou eu". E, é claro, "O Reino do Céu está dentro de ti. Está ele acima? Se for assim, as aves estarão lá antes de ti. É abaixo? Os peixes estarão lá antes de ti. O Reino do Céu está dentro de ti". Quem e o que estão no Céu? Deus está no céu. Onde está Deus? Dentro de você.

Esta idéia é o sentido do budismo Zen. Você tem de encontrá-la em você mesmo. Você é ela: "*Isto és tu. Tat tvam asi*". Esta mensagem da Índia nos eletriza, mas lamentavelmente as igrejas não a estão pregando.

Tenho recebido, de tempos em tempos, uma ou outra dessas coleções interpretadas dos místicos da tradição judaico-cristã, nas quais a denotação é consistentemente tomada pela conotação. Quando essas interpretações meditam em torno de Jesus, trata-se de veneração, não de misticismo. Meditam sobre os referenciais concretos da morte e ressurreição de Jesus.

Não se pode mais meditar sobre essas coisas dessa forma. Jesus morre, ressuscita e fisicamente ascende ao céu. Sua mãe Maria, alguns meses, ou algumas semanas, ou alguns anos mais tarde realiza o mesmo, o que é chamado de a *Dormência da virgem*, o que significa que ela jamais morreu como morremos, mas foi arrebatada ao céu, a *assunção da virgem*. Mas a ênfase na situação física simplesmente deprecia o símbolo porque este é com isso interpretado como um termo concreto.

É por isso que usei a expressão "The Inner Reaches of Outer Space"⁶ como título de um dos meus livros. Aquilo que é retratado como se fosse no espaço exterior realmente conota alguma coisa que deve acontecer no espaço interior. O *céu* ao qual os corpos de Jesus e Maria supostamente ascenderam fisicamente é realmente aquele ao qual você desce quando se volta para seu próprio interior, que é o "lugar", se empregamos ainda termos *concretizantes*, do qual você veio. E dentro do qual você está. E onde, com efeito, você está.

A realização mística fundamental, simples e grandiosa é aquela pela qual você se identifica com a consciência e não com o veículo da consciência. O seu corpo é um veículo da consciência.

Pense nas luzes num quarto. Você pode dizer: "As luzes — *plural* — estão acesas". Você pode dizer: "A luz — *singular* — está acesa". São duas maneiras de dizer exatamente a mesma coisa. Num caso você está acentuando o veículo da luz: "As luzes⁷ -*plural* — estão acesas". No outro você está acentuando aquilo do que está decisivamente falando, isto é, a *luz*.

⁵ Para uma discussão mais extensiva da origem do Evangelho de Tomás, *The Masks of God: Occidental Mythology* (Viking Press, 1964), p. 363.

⁶ *Os Limites Interiores do Espaço Exterior*. (N.T.)

⁷ Isto é, *as lâmpadas*. (N.T.)

Os japoneses usam dois termos muito simples para se referirem a essas condições. Um se refere a "o domínio ou mundo do indivíduo" e o outro a "o mundo do geral." Há também uma pequena expressão muito atraente: "Individual, geral — nenhuma obstrução". A ausência de obstrução significa que são o mesmo.

Se uma lâmpada queima e o superintendente do edifício se adianta e nota que ela não está funcionando, ele não diz: "Que pena! Esta é a lâmpada de todas as lâmpadas". Ele a remove, joga-a fora e instala uma outra lâmpada. O que é importante? É a iluminação ou a lâmpada? O que é importante e do que são veículos essas lâmpadas? Elas são os veículos da luz ou, para o que visamos aqui, da *consciência*.

E com o que nos identificamos, definitivamente? Com a lâmpada ou com a consciência? A consciência não estaria ali se a lâmpada não estivesse ali, mas é a consciência que tem significação aqui. Quando você se identifica com a consciência, o corpo se afasta documente. Nada pode acontecer a você. Está pronto para ser grato ao corpo e amá-lo por ter dado a você acesso a essa realização, mas ele é somente o veículo.

O que você descobre é que aquilo que não nasceu não morreu mas se manifestou através desse corpo e é a mesma coisa que é nos corpos dos outros. Pode-se agora dizer: "individual, geral, nenhuma obstrução". Como deveria ser entendida essa idéia? É o despertar do coração, o despertar de *Mitleid*, da compaixão. Por meio dessa compreensão os relacionamentos passam da paixão à compaixão. Esses relacionamentos não são mais de mera posse, ou de conflito com outras pessoas, mas de identificação com elas. Na identificação, é claro, pode-se participar do conflito, porém de um modo completamente diferente daquele da desapiadada animalidade.

O núcleo de nossas considerações é encontrado no nível que se eleva acima daquele da mera autopreservação. Aí surge o despertar da compaixão, o franqueamento da qualidade humana em nossos relacionamentos tanto com amigos quanto com estranhos.

Na obra de Jane Goodall sobre chimpanzés, ela descreve um incidente em que seu pequeno grupo de chimpanzés foi afligido por uma epidemia de paralisia infantil. Tanto adultos quanto filhotes morriam; era um desastre para a pequena comunidade. Um dos grandes líderes dos chimpanzés foi horripilantemente deformado pela doença.

Jane Goodall, naturalmente, passou a experimentar o sentimento que muitas pessoas que trabalham com animais experimentam, ou seja, que os animais são realmente mais "éticos", mais bondosos e generosos do que os seres humanos. Encontramos a mesma idéia no trabalho de Lilly com as toninhas.

Mas quando esse grande indivíduo ficou deformado, Goodall percebeu que em lugar de despertar compaixão em seus companheiros, produziu uma reação de aversão. Nada mais tinham a ver com ele e o abandonaram. Impressionou-me então o fato de ser a compaixão a possibilidade humana que não é, de modo algum, compartilhada por criaturas que são limitadas por sua natureza animal.

Entretanto, não é incomum entre nós experimentar uma inicial repugnância semelhante a do animal pelas pessoas gravemente deformadas. Vemo-nos não desejosos de nos aproximar delas. É preciso, então, que despertemos nossa compaixão para que nossa reação a elas seja humana.

Lembremos da crucificação e do grande problema do cristianismo para explicar por que Jesus Cristo foi crucificado. A teoria da expiação ou redenção sugere que Deus, o Pai, foi tão ofendido com a desobediência de Adão e Eva, que sua transgressão tinha que ser redimida. A ofensa era, contudo, tão grande, que o simples homem não era capaz de expiá-la, e o Filho de Deus se tornou homem a fim de expiar a falta de alguma maneira em idêntico nível.

A idéia da redenção foi explicada pelo papa Leão, o Grande, assim: o Homem depois da *queda* ficou sob a guarda do Demônio. O Demônio se apoderara do Homem, e o Homem foi redimido — como você *redimiria* alguma coisa dada como garantia, digamos numa casa de penhores — pelo ato de Jesus dando a si mesmo em expiação. O Demônio não podia se apossar de Jesus, e assim Satã foi ele próprio ludibriado tal como ludibriara o Homem.

Pense nisso no que toca às pessoas para as quais Paulo pregou sua mensagem. O apóstolo dirigiu-se a Atenas e eles zombaram dele. Ele foi até Jerusalém e o apedrejaram, a ponto de ter ele de pedir ao exército romano que o protegesse. Quando visitou Corinto, uma famosa cidade de mercadores, seus ouvintes, versados em operações bancárias, captaram sua mensagem. Esse mistério de expiação, culpa e pecado não é depreciado mas tornado inteligível porque é expresso nas metáforas das operações bancárias.

Abelardo,⁸ contudo, fez um discurso distinto. Ele, é evidente, foi o monge que viveu aquele trágico caso de amor com Heloísa, sua jovem discípula. Desenvolveu a concepção de que Cristo, ao padecer na cruz, representa aquela qualidade de vida que evoca nossa compaixão.

Tal mistério constitui também o tema das lendas arturianas do rei do *Santo Graal* que fora horrivelmente ferido. A *Terra Desolada* é o território das pessoas feridas, isto é, das pessoas que vivem existências inautênticas, vidas fragmentadas, que jamais descobriram a energia básica para viver, e vivem, portanto, nessa paisagem ferruginosa. Esta é a *Terra Desolada*, um aspecto destacado da lenda do *Graal*.

Como despertar a Terra Desolada? O rei do Graal foi ferido, e com seu ferimento numa terra na qual todos os demais são também feridos não há crescimento humano. O *ferimento do rei do Graal* simboliza a condição da sociedade. T. S. Eliot, em seu poema "A Terra Desolada"⁹ descreve sua visão da mesma situação em nossa sociedade.¹⁰

No século XIII, devido aos casamentos socialmente arranjados, tão-só porque *tinham que fazê-lo*, as pessoas viviam com cônjuges que não amavam. Não eram relacionamentos autênticos. O que, poderíamos perguntar, é um casamento autêntico? É um *mistério* no qual dois corpos se tornam uma carne; não é uma negociação na qual duas contas bancárias se fundem em uma.

Havia, contudo, pessoas nessa Terra Desolada em posições oficiais que não tinham conquistado suas funções e, de maneira alguma, representavam o emocional. São deixadas totalmente à margem dele. Referimo-nos à esquizofrenia, um estado no qual as pessoas estão divididas pela metade; inclusive chamamos essa crise de ruptura ou colapso mental. Essas almas partidas mergulham no mar noturno das

⁸ Pierre Abélard (Abailard) (1079-1142), teólogo e filósofo medieval francês ligado à escolástica, porém dissidente da Igreja. Ele teria seduzido *Héloise*, sua aluna em Paris e sobrinha do poderoso cônego Fulbert, que passaria a persegui-lo implacavelmente. Após o breve e complicado caso amoroso, retira-se para a Abadia de São Dionísio, onde principia a escrever *De unitate et trinitate divina*, e *Héloise* se torna noviça em Argenteuil. Mas as idéias expressas em sua obra atraíram para si a pecha de herege, e em 1122, em Soissons, ele é obrigado a lançar seu tratado nas chamas. (N.T.)

⁹ Thomas Stearns Eliot (1888-1965), poeta, dramaturgo e crítico inglês, mas nascido nos E.U.A. Ganhou o Prêmio Nobel em 1948. (N.T.)

¹⁰ "The Waste Land", *Collected Poems 1909-1962*, T. S. Eliot (Harcourt Brace and World, 1963).

suas realidades, da qual nada conhecem, e são aterrorizadas por demônios. Você pode acolher este preceito como uma fórmula teológica básica: uma divindade é a personificação de um poder espiritual, e divindades que não são reconhecidas se tornam demoníacas e são realmente perigosas. Esteve-se fora de comunicação com elas: suas mensagens não foram ouvidas ou, se ouvidas, a elas não se deu atenção. E quando elas realmente irrompem ao final, o custo a pagar é literalmente o inferno.

Os mitos se originam das visões das pessoas que buscam seu próprio mundo mais íntimo. Culturas são fundadas a partir de mitos. Consideremos, por exemplo, o grande mito sobre o qual foi fundada toda a civilização medieval. O grande mito -e não estou afirmando que não é baseado em fato, apenas que, fatural ou não, seu apelo psicológico se apresenta como mito — é aquele da *queda* e da *redenção*, a "queda" do homem e a "redenção" do homem. O todo da cultura medieval foi uma construção projetada para transmitir a mensagem e a graça dessa "redenção" ao mundo. Mas quando a historicidade dos fatos aos quais o mito estava vinculado foi questionada e os rituais através dos quais o mito era concretizado foram rejeitados, a civilização, essa civilização especificamente medieval, desmoronou e surgiu uma nova civilização, inspirada por novos sonhos, visões, crenças e expectativas de realização.

Os mitos, como os sonhos, são produtos da imaginação. E há dois tipos de sonhos: o simples sonho pessoal, no qual o sonhador se envolve em aventuras que refletem apenas seus próprios problemas pessoais, os conflitos de sua vida entre apetites e medos, desejos impulsionadores e proibições morais e materiais similares tipicamente tratados numa psicanálise freudiana; o outro é um nível onírico que pode ser concebido como o da visão, onde se transcendeu a esfera de um horizonte meramente pessoal e se entrou em confronto com os mesmos grandes problemas *universais* que estão simbolizados em todos os grandes mitos.

Por exemplo, quando somos atingidos por algo desastroso, quando você se defronta com uma tremenda calamidade, o que é que dá a você sustentação e o conduz através das adversidades? Será que você conta com alguma coisa que dá a você apoio e o leva em meio aos percalços? Ou acontece de falhar agora aquilo que você pensava ser o apoio? Este é o teste do mito, o mito edificante da sua vida.

Elementos de nossa experiência do mistério de Deus

Uma mitologia bem atuante numa civilização tradicional, como observamos, cumpre essencialmente quatro funções fundamentais, a primeira das quais chamei de a função mística de despertar e manter no indivíduo um sentimento de assombro e gratidão ante o que é e para sempre permanecerá sendo, o mistério do ser, o mistério do universo e de cada um no seu seio. Quando se considera o que é contemplado quando os olhos realmente se abrem para o mundo, o contemplado não é uma maravilha fácil de ser afirmada. Por centenas e milhares, e por milhões e centenas de milhões de anos, antes que os olhos se abrissem para contemplar o que realmente estava acontecendo ao redor, houve vida florescendo sobre esta Terra. E quando os olhos se abriram, o que viram? Viram coisas vivas se consumindo entre si, a vida vivendo da vida. A primeira função, portanto, de toda mitologia primitiva foi ensinar a afirmar e participar desse cenário.

Um princípio metodológico básico, a ser considerado ao interpretar a mitologia em termos psicológicos, nos indica que aquilo que no mito é chamado de "outro mundo" deve ser entendido psicologicamente como mundo interior ("o Reino do céu está dentro de ti"), e que aquilo que é referido como "futuro" é o agora. Numa cerimônia de casamento anglicana uma vez ouvi casualmente o sacerdote orientar o casal que se achava diante dele a viver suas vidas de uma tal maneira que merecessem a próxima vida, a vida eterna. Bem — eu pensei — não deixa de estar certo, mas aquilo não fora expresso de um modo inteiramente correto. Ele realmente deveria ter dito: "Vivam suas vidas, seu casamento, de uma tal maneira que neles possam experimentar a vida eterna". A *eternidade* não é futuro nem passado, a eternidade é *agora*. Na verdade, não pertence em absoluto à natureza do tempo, mas é, por assim dizer, uma dimensão de *agora e para sempre*, uma dimensão da consciência do ser a ser descoberta e experimentada interiormente e sobre a qual, quando descoberta, é possível cavalgar através do tempo e através da duração toda dos próprios dias. O que conduz ao conhecimento desta dimensão transpessoal, trans-histórica do ser e experiência existencial de cada um são os arquétipos mitológicos, esses eternos símbolos que são conhecidos de todas as mitologias e têm sido sempre a sustentação e os modelos da vida humana.

Um dos pontos mais interessantes em torno da Bíblia é que cada um dos principais temas mitológicos do Velho Testamento foi encontrado pelos estudiosos modernos no mais antigo complexo sumero-babilônico: o deus-serpente, a árvore no jardim da vida imortal, a modelagem do homem com o barro, o dilúvio e muitos outros. Penso, contudo, no que aconteceu à guisa de resultado: mitos que originalmente haviam apontado para a deusa como a fonte suprema apontam agora para um deus!

Essa mudança é altamente significativa e constitui uma das coisas mais desconcertantes no que toca à nossa tradição. Os símbolos falam diretamente à *psique*; sabe-se espontaneamente o que dizem, mesmo que a pessoa que os apresenta e interpreta esteja, talvez, falando uma língua diferente. Ele está dizendo: "Esta história está nos falando do Pai", ao mesmo tempo que o coração de cada um diz: "Não, está nos falando da Mãe". Todos os nossos símbolos religiosos nos falam assim num discurso duplo. Uma vez que o próprio São Tomás¹¹ afirma em sua *Summa contra gentiles* (Livro I, capítulo V): "Então tão-só conhecemos Deus verdadeiramente quando acreditamos estar Ele sumamente acima de tudo que pode o Homem possivelmente pensar de Deus", não pode certamente ser apropriado conceber aquilo que ultrapassa todo pensamento humano como uma mulher ou um homem. Em nossa tradição, o problema é tornado complexo ainda mais pela imagem de um Deus masculino sem uma consorte, de modo que não podemos sequer conceber a divindade como transcendente e includente de opostos sexuais. Essa imagem do divino é de suma importância psicológica e social. Como agora bem sabemos, essa representação enfaticamente assimétrica do mistério de Deus foi primordialmente concebida para sustentar a pretensão da superioridade dos conquistadores patriarcais sobre suas vítimas matriarcais.

O aspecto seguinte é que aquilo que não é de modo algum "aquilo", porque transcende a todas as categorias, é a "essência" do próprio ser de cada um. É imanente, está precisamente *aqui e agora*, no relógio que você usa, no pedaço de papel sobre o qual estou escrevendo. Tome qualquer objeto, trace um círculo

¹¹ São Tomás de Aquino (1225-1274), teólogo e filósofo medieval italiano, monge dominicano e o maior expoente da filosofia escolástica. (N.T.)

ao redor dele e você poderá encará-lo na dimensão do mistério dele. Você não precisa pensar que sabe o que ele é, porque realmente não sabe o que é ele, porém o mistério do ser do seu relógio de pulso será idêntico ao mistério do ser do universo e de você mesmo também. Qualquer objeto, qualquer bordão, pedra, planta, animal ou ser humano pode, dessa forma, ser colocado no centro de um círculo de mistério, para ser encarado em sua dimensão de maravilha e assim levado a servir como um suporte perfeitamente apropriado à meditação.

Já no século VIII a.C. no *Upnishad Chian-dogya* a palavra-chave para uma tal meditação é anunciada: *tat tvam asi*, "Isto és tu", ou "Você mesmo é isso!". O objetivo final de uma religião como o hinduísmo ou o budismo é produzir no indivíduo uma experiência, de um modo ou outro, de sua própria *identidade* com esse mistério que é o mistério de todo o ser. "Isto és tu!", não esse "tu" que você afaga e distingue de todos os demais.

Um caminho para atingir o conhecimento de um *you mais profundo* é distinguir, como dizem eles, entre o objeto e o sujeito do conhecimento, identificando por esse modo você mesmo com o sujeito, a testemunha, e não com o que é contemplado. Por exemplo, "Eu contemplo e conheço meu corpo: *eu não sou meu corpo*"; "Eu conheço meus pensamentos: *não sou meus pensamentos*"; "Conheço meus sentimentos: *não sou meus sentimentos*"; "Eu sou aquele que conhece, sou a testemunha". Então o Buda se aproxima e diz: "Mas não há testemunha alguma, tampouco". Você pode, deste modo, retirar-se para além da muralha do espaço. E aí chegamos à realização da aspiração, "*Neti! Neti!*, "Não isto! Não isto!" Qualquer coisa que você possa nomear *não o é absolutamente*. "*Iti! Iti! Está aqui! Está aqui!*" Este oxímoro, ou afirmação autocontraditória, é a chave para o que chamamos de mistério do Oriente.

Todavia, é o mistério também de muitos de nossos próprios místicos ocidentais, e muitos destes foram queimados por terem dito tanto. A oeste do Irã, em todas as três das grandes tradições que chegaram a nós da zona do Oriente próximo, quais sejam, o judaísmo, o cristianismo e o Islã, tais idéias são incogitáveis e pura heresia. Deus criou o mundo. Criador e criatura não podem ser idênticos já que, como Aristóteles¹² nos informa, *A não é não-A*. Nossa teologia, portanto, principia do ponto de vista da consciência desperta e da lógica aristotélica, enquanto num outro nível de consciência — e este, o nível ao qual todas as religiões têm que, em última instância, se referir — o mistério máximo transcende as leis da lógica dualística, da causalidade e do espaço-tempo.

Qualquer um que diz, como se afirma ter Jesus dito (João, 10:30): "Eu e o Pai somos um", é declarado em nossa tradição um blasfemo. Jesus Cristo foi crucificado por esta blasfêmia e, novecentos anos depois, o grande místico *sufi* Hallaj foi crucificado pela mesma razão. Conta-se que Hallaj comparou o desejo do místico ao da mariposa pela chama. A mariposa vê uma chama ardendo à noite numa lanterna e, tomada de um desejo irresistível de estar unida àquela chama, põe-se a revolutear em torno da lanterna, namorando a flama até o alvorecer, quando retorna às suas companheiras para narrar-lhes nas mais doces palavras a sua experiência. "Você não parece ter melhorado com isso", é o que comentam, pois notam que suas asas estão amarrotadas e feridas: esta é a condição do asceta. Mas a mariposa volta na noite seguinte

¹² Aristóteles de Estagira (384-322 a.C), filósofo grego fundador e mestre do *Liceu* em Atenas, preceptor de Alexandre da Macedônia e criador da filosofia peripatética. (N.T.)

e, encontrando um vão no vidro da lanterna, se une completamente à sua amada, tornando-se ela mesma a chama.

Nós não reconhecemos em nossa tradição a possibilidade de uma tal experiência de identidade com o fundamento do nosso próprio ser. O que acentuamos, ao contrário, é a consecução e a manutenção de uma relação com uma personalidade que é concebida como sendo nosso Criador. Em outras palavras, a nossa é uma religião de *relacionamento*: *a*, a criatura, *relacionada* com *X*, o Criador (*aRX*). No Oriente, diferentemente, a fórmula apropriada seria alguma coisa que se assemelha mais à simples equação: $a = X$.

Como, segundo a linha ocidental de pensar, consegue alguém relacionar-se com Deus? De acordo com o pensamento judaico, uma pessoa o consegue quando nascido de uma mãe judia. Deus, numa certa época, que é difícil precisar, firmou um pacto com o povo judeu, exigindo a circuncisão e um grande número de outras atenções ritualísticas, em troca do que os judeus desfrutariam para sempre de Seu cuidado exclusivo.

Na tradição cristã, com não menor exclusividade, o personagem histórico Jesus é tido como a exclusiva e única encarnação sobre a Terra da Divindade, o único *verdadeiro-Deus-e-verdadeiro-Homem*. Fomos ensinados a encarar esse avatar como um milagre. No Oriente, ao contrário, cabe a cada um realizar essa verdade em si mesmo, e a encarnação de Krishna, Rama ou do Buda é para ser pensada simplesmente como um modelo pelo qual se possa realizar o mistério da encarnação em si próprio.

Como *nós* conseguimos, entretanto, a necessária relação com Jesus? Através do batismo e, com isto, nos tornando membros de sua Igreja, quer dizer, dentro e por meio de um contexto social santificado que sublinha certas pretensões exclusivas. Essas pretensões dependem, para sua validação, da historicidade de certos milagres específicos. A tradição judaica depende da idéia de uma revelação especial a um povo "escolhido" singular, num certo lugar, e todas essas circunstâncias concretizadas no tempo histórico. Contudo, a documentação é questionável. Analogamente, a tradição cristã está baseada na idéia de uma única encarnação, cuja autenticação se encontra na prova de certos portentos, seguidos da fundação de uma Igreja e a continuidade desta Igreja através do tempo: cada fragmento desse dogma é também *histórico*.

Eis aí por que nossos símbolos têm sido todos tão incisiva e persistentemente interpretados como referentes não primariamente aos nossos *eus* interiores, mas a pretensos eventos históricos exteriores. Essa ênfase pode ser positiva para a instituição da Igreja ou para a prosperidade da Sinagoga, mas não pode, em absoluto, contribuir para a saúde espiritual do indivíduo que não foi convencido.

Símbolos: fora do tempo e do espaço

A história não é, como estamos bem cientes, a fonte real ou referência primordial desses símbolos. Eles são arquétipos psicológicos conhecidos de *todas* as mitologias, razão pela qual atualmente os *gurus* e os *roshis* da Índia e do Japão exercem uma influência tão profunda e tal atração sobre os ocidentais, especialmente os jovens. Estão dizendo aos nossos rebanhos que a referência desses símbolos universais reside dentro deles próprios. As instituições ocidentais deveriam entender que eles estão certos e lembrar que possuem os mesmíssimos símbolos nos altares de suas igrejas. Nós ocidentais também dispomos das mesmas lições espirituais nas palavras de muitos dos nossos maiores místicos.

A este pensamento eu adicionaria agora um outro, o de que quando você recebe um dogma que diz com precisão que tipo de significado experimentará num símbolo, explicando que tipo de efeito deveria ter sobre você, você estará com um problema. Este símbolo pode não ter para você o mesmo significado que teve para um Conselho de bispos levantinos no século IV. Se você não reagir como esperado, você põe sua fé em dúvida. A função efetiva de uma igreja é simplesmente preservar e apresentar símbolos, e realizar ritos, permitindo aos crentes experimentarem a mensagem por si mesmos de qualquer maneira que sejam capazes. Qualquer que possa ser a relação do Pai com o Filho, ou do Pai e o Filho com o Espírito Santo, segundo a definição da alta autoridade eclesiástica, o assentimento do indivíduo a uma definição não é nem de longe tão importante quanto ele ou ela ter uma experiência espiritual em virtude da influência do símbolo. Para reagir, por exemplo, ao *nascimento virginal* dentro do coração de cada um por um nascimento da vida espiritual que conhecemos como "de Cristo". Esse *nascimento virginal* interior está bem expresso na afirmação de São Paulo: "Eu vivo agora não eu, mas Cristo vive em mim" (Gálatas, 2:20).

Todos nós nascemos como animais e vivemos a vida que os animais vivem: dormimos, comemos, reproduzimos e lutamos. Há, todavia, uma outra espécie de vida, que é desconhecida dos animais, aquela do assombro ante o mistério do ser, o *mysterium tremendum et fascinans*, que pode ser a raiz e o tronco do sentido espiritual da existência de cada um. Esse é o nascimento — o *nascimento virginal* — no âmago de uma vida espiritual propriamente humana.

Como o místico Meister Eckhart¹³ declarou sobre essa crise num sermão à sua congregação ("Sermões e Conferências" LXXXXVIII): "É mais digno a Deus ter se manifestado como espírito no indivíduo virginal ou boa alma do que ter nascido de Maria corporalmente".¹⁴ E acrescenta: "Isto implica a noção de que somos o único Filho que o Pai tem eternamente gerado... O melhor que Deus já fez pelo Homem foi ser homem ele próprio". Ler o símbolo desta forma faz desprender a impureza da história a favor da imediatidade de nossa experiência do mistério.

Pense nisto! Brotamos desta nossa Terra. E a própria Terra se origina de uma galáxia, que, por seu turno, era uma condensação de átomos reunidos a partir do espaço. É possível considerarmos a Terra uma precipitação do espaço. É de se surpreender, então, que as leis desse espaço estejam arraigadas em nossas mentes? O filósofo Alan Watts disse uma vez: "A Terra está se povoando como as macieiras 'maceiam'. As pessoas são produzidas da terra como as maçãs das macieiras". Nós somos os órgãos sensores da Terra. Somos os sentidos do universo. Nós o temos bem aqui dentro de nós. E as divindades que pensamos outrora estar lá fora sabemos agora que foram projetadas para o exterior de nós mesmos. Elas são os produtos de nossa imaginação humana buscando interpretar, de um modo ou de outro, os mistérios do universo, que certamente vemos hoje como um universo muito diferente do que era nos dias em que Yahvé lançou pedras do céu sobre o exército dos amoritas e fez o sol imobilizar-se no céu até que sua nação eleita se vingasse de seus inimigos (Josué, 10-13).

¹³ Johannes Eckhart (?1260-?1328), místico e teólogo medieval alemão. (N.T.)

¹⁴ *Meister Eckhart*, Franz Pfeiffer, tradução de C. de B. Evans, 2 volumes (John W. Watkins, 1947), sermão 98.

Tampouco é nossa sociedade o que foi a antiga. As leis da vida social atualmente mudam a cada minuto. Não há mais segurança no conhecimento de alguma lei moral que foi comunicada. É preciso buscar os próprios valores e assumir responsabilidade pela nossa própria conduta, e não simplesmente seguir ordens transmitidas de algum período do passado. Ademais, estamos intensamente cientes de nós mesmos como indivíduos, cada um responsável pela sua própria senda, diante de si mesmos e de seu mundo.

Não podemos mais falar de "estrangeiros". Outrora foi possível aos antigos dizer: "Somos os eleitos de Deus!", reservar todo amor e respeito para si mesmos, e projetar sua maldade "lá fora". Isto hoje é suicídio. Temos agora que aprender de alguma forma a extinguir nosso ódio e desdém através da ação de um amor real, não uma mera verbalização, mas uma experiência *real* de amor compassivo e com isto frutificar, simultaneamente, tanto a vida de nosso semelhante quanto a nossa.

Há uma passagem na *Queste del Saint Graal*¹⁵ do francês arcaico que condensa o verdadeiro espírito do homem ocidental. Fala de um dia no qual os cavaleiros da corte de Artur se reuniram no salão dos banquetes aguardando que o jantar fosse servido. Era costume daquela corte nenhuma refeição ser servida enquanto não ocorresse uma aventura. Aventuras aconteciam com frequência naquela época, de maneira que não havia perigo de os cavaleiros de Artur ficarem famintos. Naquela oportunidade o Graal surgiu, envolvido em um samito, ficou suspenso no ar por um momento e se afastou. Todos ficaram exaltados e Gawain, o sobrinho do rei Artur, levantou-se e sugeriu um voto. "Eu proponho," ele disse, "que todos nós agora emprendamos a busca com o objetivo de contemplar aquele Cálice desvelado". E eles concordaram. Na seqüência há uma linha que quando li se fundiu em minha mente: "Acharam que seria desditoso avançar em grupo. Cada um ingressou na floresta no ponto que fora escolhido por si mesmo, onde era mais escuro e onde não havia nenhum caminho ou senda."

Nenhum caminho ou senda! Isto porque onde há um caminho ou senda é o caminho ou senda de uma outra pessoa. E isso é o que distingue incisivamente o espírito ocidental do oriental. Os *gurus* orientais aceitam a responsabilidade a favor da vida de seus discípulos. Eles dispõem de uma expressão interessante: "livre arbítrio delegado". O guru diz a você onde você está na senda, quem é você, o que fazer agora e o que fazer a seguir.

A qualidade romântica do Ocidente, por outro lado, é oriunda de um anseio sem precedentes, um anseio por alguma coisa que ainda nunca foi vista neste mundo. O que pode ser isto que até agora jamais foi visto? O que até então jamais foi visto é a realização da sua própria vida, que é única e sem precedentes. A sua vida é o que resta ainda ser trazido ao ser.

Neste nosso mundo moderno, no qual todas as coisas, todas as instituições parecem caminhar celeremente para o despedaçamento, não há significado no grupo, onde todo o significado foi uma vez encontrado. O grupo hoje não passa de uma matriz para a produção de indivíduos. Todo significado é encontrado no indivíduo, e em cada um esse significado é considerado como único. No entanto, pensemos a título de conclusão no seguinte: quando você viveu sua vida individual de seu próprio modo

¹⁵ *Busca do Santo Graal*. (N.T.)

aventuroso e, então, lança um olhar retrospectivo em sua trajetória, descobrirá que afinal você viveu uma vida humana que é um modelo.

Parte deste capítulo é baseada em "Metaphor as Myth and as Religion" (fita L918) apresentada no *Jung Institute*, São Francisco, em 1985. Material adicional foi extraído de uma série de palestras intituladas "The Experience of Mystery" apresentadas no *Theatre of the Open Eye (Teatro do Olho Aberto)* na cidade de Nova York, em 23 e 24 de abril de 1983.

A maior parte deste capítulo é baseada em *Man and Myth: Imagination and Its Relation to Theological Enquiry*, ed. Malcolm Spicer, *Department of Theological Studies*, Loyola de Montreal (Editions Declée & Cie., 1973).

Capítulo IV

*A IMAGINAÇÃO RELIGIOSA E AS REGRAS DA TEOLOGIA TRADICIONAL**

O problema para a religião e a função desta na era atual é despertar o coração humano. Quando o clero não desperta o coração ou se mostra incapacitado de fazê-lo, isto nos indica que é incapaz de interpretar os símbolos pelos quais se supõe que iluminam e nutrem espiritualmente seu rebanho. Quando, ao contrário, o clero se detém em problemas éticos e políticos, isto representa uma traição à espécie humana. Esta substituição pela ação social, ou denso envolvimento na regulamentação das decisões íntimas da vida familiar, nada tem a ver com a efetiva vocação do clero para abrir ao seu povo as dimensões do significado da *morte*, da *ressurreição* e da *ascensão* de Jesus. Estas últimas constituem um sistema de símbolos de atuação perfeita.

Faltando a essa simples orientação, a Igreja Católica Romana, por exemplo, traduziu sua liturgia latina para línguas locais, com isso diluindo ou removendo seu mistério essencial. Quando os católicos assistem à missa em latim, o sacerdote se dirige ao infinito numa língua que não tem associações domésticas; as pessoas que assistem são, assim, elevadas à transcendência.

Mas quando a liturgia é recitada na língua local de uma pessoa e a posição do altar é invertida, o sacerdote se assemelha menos a um intermediário do mistério do que a Julia Child, a cozinheira da televisão. A própria possibilidade de experiência transcendente é destruída. Uma pessoa pode experimentar um sentimento agradável e confortável, mas alcançá-lo não é difícil e as pessoas não vão à igreja simplesmente para experimentar esse tipo de sentimento.

Os símbolos religiosos foram, portanto, submetidos a um curto circuito por esse processo que as autoridades da Igreja equivocadamente julgaram um progresso. Isto constitui um exemplo do principal problema religioso da atualidade: os símbolos são cronicamente mal interpretados. As metáforas, as estruturas essenciais da linguagem religiosa, como observamos antes e lembraremos mais uma vez, são interpretadas do ponto de vista dos seus referentes concretos, ou denotativos, e o resultado é um povo ser arremessado contra um outro, quando na verdade o sentido íntegro da metáfora é transcender a separação e a dualidade. Quando o clero falha na sua tarefa primeira de entender os símbolos dos quais ele é o guardião, é-se forçado a considerar que só restam os artistas para nos realizar essa exploração espiritual.

As coisas se complicam quando você se move em uma narrativa povoada de personagens. Com este propósito, James Joyce¹ se volta para Aristóteles e para o que este chama de "emoções trágicas". A emoção trágica é uma emoção que causa em você uma ruptura e o transfere da mera aparência de um fenômeno para um arrebatamento. Aristóteles dá os nomes específicos de "piedade" e "terror" a essas emoções trágicas.

¹ James Joyce (1882-1941), poeta e romancista irlandês. (N.T.)

Stephen Dedalus, que é o herói de *Um Retrato do Artista quando Jovem* de Joyce, diz: "Aristóteles não definiu piedade e terror, eu defini".² As definições de Stephen de compaixão e terror são importantíssimas para qualquer artista que lida com a narrativa.

A piedade é a emoção que detém a mente diante de qualquer coisa que é grave e constante no sofrimento humano. A emoção que detém a mente diante de tudo que é grave e constante no sofrimento humano é inalterável e a une com o sofredor humano. O *sofredor humano* é a expressão importante aqui, não o sofredor *americano*, não o sofredor *negro*, não o sofredor *judeu*, mas o sofredor humano. A piedade é, então, a emoção que detém a mente ante tudo que é grave e contínuo no sofrimento humano e que a une ao sofredor humano.

Joyce e Aristóteles definem o *terror* de um modo que o distingue do *medo*. O terror é uma experiência estática do sublime, daquilo que transcende a dor. É a emoção que aprisiona a mente diante de tudo que é grave e constante no sofrimento humano e a une com a causa secreta. O que significa isso? Isso é a chave para a coisa toda: a causa secreta.

(1)

(2)

Imagine que um homem negro recebe um tiro e é morto por um homem branco. Qual é a causa da morte? É a bala da arma? Esta é a causa instrumental. Se você vai escrever a respeito de balas e de como estas não deveriam estar por aí, ou que é mau ter armas disponíveis em lojas de ferragens onde todos podem comprá-las, você poderá estar escrevendo um importantíssimo tratado sobre o controle de armas, mas não será uma tragédia, não importa como o faça atuar. O homem branco atira no homem negro.

Será a causa desse assassinato o conflito racial nos Estados Unidos? Se é este agora o objeto do seu tratado, temos novamente uma causa instrumental e não a causa secreta da morte desse homem negro. Talvez você esteja escrevendo um tratado social de grande importância, mas não será uma tragédia. É uma calamidade, mas não uma tragédia.

A razão de eu ter me referido a um homem branco e um homem negro é estar eu pensando especificamente em Martin Luther King Jr.³, e nas suas corajosas palavras pouco antes de seu assassinato: "Sei que ao clamar por esta justiça e esta causa, estou desafiando a morte". Esta é a causa secreta.

A causa secreta de sua morte é seu destino. Toda vida tem um limite e ao desafiar o limite você está trazendo o limite para mais próximo de você, e os heróis são os que desencadeiam suas ações, não importa que destino disso resulte. O que acontece, portanto, é uma variável dependente do que a pessoa faz. Isto é verdadeiro em relação à vida através de toda a existência. Aqui é revelada a causa secreta: o próprio curso de sua vida é a causa secreta de sua morte.

Isso também causa o acidente que, mais do que um outro evento, se converte na ocasião da morte de alguém. O acidente de você morrer *desta forma* em vez de num momento diferente e num lugar diferente é um cumprimento de seu destino: todas estas mortes são secundárias. O que necessariamente se

² *A Portrait of the Artist as a Young Man*, James Joyce (Jonathan Cape, Ltd., 1916. Viking Compass Edition, 1964), p. 232-233.

³ Martin Luther King, Jr. (1929-1968), pastor e líder negro norte-americano no movimento pelos direitos civis da raça negra nos E.U.A. (N.T.)

manifesta? Pelo evento é a majestade da vida que foi vivida e da qual ele constitui uma parte. Na arte você não diz "Não". Você diz "Sim". Quando dizemos: "Seria o caso de eu também morrer desta maneira", queremos dizer que desejaríamos poder morrer com esse cumprimento. A morte, deste ponto de vista, é entendida como uma realização do sentido e propósito de nossa vida.

A idéia da morte como um cumprimento ou realização é o fundamento dos sacrifícios nas grandes sociedades baseadas na agricultura. Também se acha na base da idéia da crucificação de Jesus.

Esta morte de nosso exemplo, a de Martin Luther King, Jr., é uma contraparte da morte de Cristo na cruz, de Jesus que veio voluntariamente encarnar-se aqui na Terra ciente de que a crucificação seria a sua morte. Todos nós temos, por assim dizer, que ingressar na vida desta maneira e dizer "Sim", não "Não" a ela.

Quando você diz "Não", você se alinha com os problemas de moralidade e de justiça e todas essas categorias. Este não é, contudo, nosso assunto aqui. Este é um degrau descendente da pirâmide onde encontramos os pares de opostos. Naquilo em que estamos envolvidos aqui inexistem pares de opostos, nenhum desejo ou medo.

A perspectiva do "Sim" à vida com sua cruz e com sua crucificação permite que o primeiro plano do evento se abra para o esplendor. Lembro-me de ter assistido a uma Companhia grega representar Édipo Rei.⁴ Édipo termina arrancando seus olhos, o tipo de ação física que era muito apreciada pelos gregos. Os membros do coro tinham suas costas voltadas para o público, e logo depois da exibição daquele horror, os integrantes do coro se viraram e abriram os braços — e ali você era capaz de sentir aquela passagem do sofrimento humano à majestade do conteúdo daquela peça, isto é, do mistério da vida mostrando a si mesmo através da ação da vida. Aí reside a chave para a arte. Está além do par de opostos, além do desejo ou do temor. Essa transformação é a experiência do sublime. "Estou além do medo da morte que ameaça aqui".

Esse sentido é originário do afastamento para dentro do *Self*,⁵ a arte que se coloca ante tudo. Através da arte pomos de lado todos os chamamentos, de modo que nos seja possível perceber e responder ao chamamento metafísico. Todas as religiões têm um primeiro plano ético. Mas existe um fundamento metafísico além do bem e do mal, além do Eu e do Tu, além da vida e da morte. Quando o símbolo é franqueado, o que irradia e flui é esse fundamento.

A função da mitologia, relembramos, é também espiritualizar tanto o lugar quanto as condições nas quais você vive. A função do artista é fazer isso por você. Todavia, os artistas responsáveis pela poesia da Bíblia, que é poesia gloriosa, não estão aqui agora. A obra deles foi concretizada. E o que temos é essa noção contínua e intrincada, esta corrupção da metáfora, de que a *terra santa*, a *terra prometida* está situada num outro lugar.

A *terra prometida* é qualquer ambiente que tenha sido metaforicamente espiritualizado. Um atraente exemplo dessa experiência universal é encontrado na mitologia dos navajos. Vivendo num deserto, os

⁴ Peça do poeta trágico grego Sófocles de Colona (495 ou 496-405 ou 406 a.C). Corneille e Voltaire também compuseram peças inspirados na figura mitológica de Édipo. (N.T.)

⁵ O *eu interior*, conceito distinto daquele de *ego*. (N.T.)

navajos atribuíram a cada detalhe desse deserto uma função e valor mitológicos, de forma que em qualquer lugar que as pessoas estivessem nesse ambiente, estariam meditando na energia e glória transcendentais que são o suporte do mundo. A *terra prometida* não é um lugar a ser conquistado por exércitos e sedimentado pela expulsão de outro povo. A *terra prometida* é um canto no coração ou é qualquer ambiente que haja sido mitologicamente espiritualizado.

Tais frases e expressões são metáforas para ajudar você a se ligar a esse colossal empreendimento de estar vivo. Pode-se conceber o ser humano como um animal destituído de um caráter fixo. Nietzsche⁶ qualifica o homem como "o animal enfermo", "*Das kranke Tiere*". Ele desconhece qual é a sua função. Mas a virtuosidade de homens e mulheres é tal, que podem ser noventa e oito coisas diferentes. Cada um de nós tem uma trilha a descobrir e pela qual seguir.

Assim, seja qual for o seu compromisso de vida neste momento, ele envolve certas relações *divinas*,⁷ quais sejam, aquelas forjadas por você com a divindade residente no seu interior. Um dos grandes problemas da tradição cristã surge da interpretação da graça sobrenatural, a qual afirma, com efeito, que a salvação não procede de você, mas de fora de você por meio de algum tipo de experiência ritual. Mas a função do sacramento do batismo, por exemplo, não é derramar alguma coisa dentro de você, mas extrair alguma coisa de você. Os sacramentos são uma evocação, não uma doutrinação.

A imaginação e sua relação com a indagação teológica

Nas *câmaras dos Bórgia* do Vaticano há uma pintura extraordinariamente interessante, que é criação de um pintor do século XVI chamado Pinturicchio, mostrando a deusa egípcia Isis no trono e instruindo seus dois discípulos. Moisés está sentado a sua esquerda, e Hermes a sua direita, pois fora em 1463 que Marsilio Ficino traduziu para Cosimo de Medici uma considerável parte do *Corpus hermeticum*, uma obra que naquele tempo se pensava ter sido um produto do mesmo período das Leis de Moisés e que, de qualquer forma, empregava muitas imagens simbólicas já conhecidas da fé cristã.

De fato as empregava, mas com uma diferença: enquanto no pensamento cristão, que segue o mosaico, a divindade é encarada como transcendente ao mundo, na tradição "hermética", que foi mais o desdobramento de uma linha de pensamento grega, a divindade habita a substância do universo e é sua própria essência. As mesmas imagens, conseqüentemente, que na linha de pensamento semítica são interpretadas como um sistema de regras de jogo que exigem que a divindade seja considerada como "lá fora", aparecem no *Corpus hermeticum* seguindo regras de jogo que requerem que o divino esteja presente tanto dentro quanto fora.

Toda tradição teológica estabelece suas próprias regras do jogo e não importa quais experiências de ordem mística ou visionária alguém possa ter. Será necessário, ao traduzi-las em palavras, harmonizá-

⁶ Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), filósofo alemão, crítico incisivo e contundente das concepções judaico-cristãs, das virtudes e valores associados ao cristianismo (humildade, amor como *caritas*, compaixão, perdão, defesa dos fracos e oprimidos etc), e principalmente da teologia cristã oficial, seus dogmas e a moral resultante. (N.T.)

⁷ Campbell utiliza o adjetivo *daemonic*. O puro sentido primordial grego (alusivo aos *dáimons*, *divindades*, inclusive benfazejas vinculadas à proteção do indivíduo humano) nos parece aqui ser precisamente o sentido recuperado e empregado. É preciso observar, contudo, que, a despeito da aproximação ou mesmo identificação que muitos fazem do *dáimon* (como o célebre *dáimon* de Sócrates) com o *anjo da guarda*, de cunho cristão, não se deve entender que o *dáimon* seja necessariamente *transcendente* ao indivíduo humano: o *divino* ou a *divindade* em nós pode não ser um *ser* pessoal distinto de nós, mas sim *imane*nte a cada um de nós, mesmo porque Campbell contempla aqui também a hipótese do panteísmo. (N.T.)

las, por assim dizer, com as regras do jogo da teologia particular que está em vigor. Na verdade, um dos problemas realmente graves enfrentados pelos místicos cristãos ao longo dos séculos tem sido o conflito dessas duas tradições discursivas opostas, a hermética e a mosaica. A que prevaleceu a partir do século IV foi a de Deus como um Ser transcendente, que não deve ser identificado nem com a substância do universo nem com a forma mais interior das formas de si próprio.

No *Renascimento*, contudo, o aparecimento dessa tradução do *Corpus hermeticum* engendrou uma nova compreensão dos valores de um ponto de vista místico que há muito fora natural à mente européia, ainda que suprimido desde o século de Teodósio. Pode-se já detectá-lo na tradição do *Graal*. Está certamente presente em Eckhart. Todo o movimento albigense foi baseado nele. Na verdade, manteve-se em tensão ou conflito com a tradição dominante todo o tempo. No Renascimento foi ousadamente revivido, inspirando entusiasmo por suas introspecções místicas em muitos dos maiores artistas da época: Botticelli, por exemplo, Leonardo e Ticiano.⁸ Eu diria que aqui reside o ponto crucial de nosso tópico, da relação da imaginação com o discurso teológico.

Carl Jung sugeriu como meio de sondagem de nossas próprias profundezas criativas uma técnica que ele chama de "imaginação ativa". Um meio de ativar a imaginação é propor a ela uma imagem mítica para contemplação e livre desdobramento. Imagens míticas — procedentes da tradição cristã ou de qualquer outra no que respeita a isso, visto que estão todas realmente vinculadas — falam aos centros profundíssimos da psique. Emergem da psique originalmente e falam de volta a ela. Se você tomar alguma imagem tradicional que lhe é proposta por sua própria tradição religiosa, o saber religioso da sua própria sociedade, propondo-a a você mesmo para meditação ativa, sem quaisquer regras estritas de jogo definindo o tipo de pensamentos que você deve ter em mente em relação a

Há, a meu ver, uma passagem misteriosíssima na segunda Epístola de Paulo aos Coríntios na abertura do capítulo 12, onde ele afirma: "Continuarei com visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo, que há catorze anos foi arrebatado ao terceiro céu, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus sabe. E sei que esse homem foi arrebatado para o interior do paraíso, se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus sabe, e ele ouviu coisas que não podem ser ditas, que não é possível ao homem proferir".

O que podemos supor estar Paulo querendo dizer com *coisas improferíveis* em relação às quais não é lícito falar? O que poderia ter ele querido dizer com isso? É forçoso que seja que, como sempre ocorre quando o místico se volta para seu interior, ele tem acesso a realizações que transcendem toda conceitualização e regras do jogo teológicas.

Tomás de Aquino, também, em sua *Summa contra gentiles*, afirma que se conhece Deus verdadeiramente somente quando se sabe que Deus transcende e está completamente além de tudo que pode ser pensado ou dito de Deus. Ele escreveu a *Summa theologica*, na qual se devotou durante a melhor

⁸ Sandro Botticelli (1444-1510), pintor italiano; Leonardo da Vinci (1452-1519), arquiteto, escultor, pintor e cientista italiano; Ticiano Vecellio (1477-1576), pintor italiano. (N.T.) ela (tais como aquelas propostas por Inácio de Loyola no tocante à meditação sobre os aspectos da *Paixão*), e permitir que sua própria psique a frua e desenvolva, você poderá ver a si mesmo mergulhando em imagens, experiências e ampliações que não se enquadram exatamente aos padrões da tradição nas quais você foi educado. O que você vai fazer a respeito disto? Vai se permitir ir adiante, seguindo sua própria imaginação ativada? Ou vai interromper a corrida logo no início em algum ponto crítico?

parte de uma existência a argumentos relativos a um elenco de atributos divinos, "a existência" de Deus, "a simplicidade" de Deus, "a perfeição", bem como "a vontade", "o amor", e "a misericórdia" de Deus.

O divino, contudo, transcende mesmo a categoria da transcendência, posto que esta também é uma categoria do pensamento, como o é seu complemento, imanência. Estou me expressando agora ao modo da tradição hermética, que leva a sério a idéia de transcendência. Algo deste caráter me parece estar implícito nas palavras de Paulo acerca de uma experiência "que não pode ser dita".

Como mencionei, o grande santo indiano do século XIX, *Sri Ramakrishna*, teria perguntado às pessoas que se dirigiam a ele para conversar sobre Deus: "Como você prefere falar sobre Deus, com forma ou sem? Isto dava conta muito bem do problema da personificação de "Deus". "Acredita num Deus pessoal?" Esta é finalmente uma questão secundária, uma questão que tem a ver com o que eu chamaria de as "regras do jogo" de um jogo espiritual que é eleito.

Que eu observe agora, como um mitólogo comparativo cuja carreira profissional tem sido despendida na comparação de tradições mitológicas da humanidade, que julgo extremamente útil permitir que a mente vagueie na exploração de todo o campo, observando que o que é dito de uma forma em uma tradição é dito de outra forma em outra. Todas se iluminam mutuamente. Tal tradição é a associada com o grande deus indiano *Shiva*, na qual um sistema teológico baseado não apenas em divindades masculinas como também em poderes femininos é personificado e visto em interação com o masculino sob a forma de pares de opostos que apontam além deles próprios para "coisas que não podem ser ditas". Aqui encontramos um outro conjunto de regras do jogo, que entretanto com freqüência exhibe essencialmente as mesmas imagens daquele, por exemplo, de Deus e sua consorte, a *Virgem*, porém mediante combinações totalmente novas. Estas podem iluminar ocasionalmente algumas das profundas coisas "inexprimíveis" da tradição da qual todos nós viemos.

De todas as tradições que estudei minuciosamente, a semita é a única na qual as regras do jogo exigem que a divindade seja considerada como absolutamente o outro. Só nos resta indagar: "Como esta posição singular veio a ser assumida? Por que teriam os semitas optado por essa postura?"

A resposta começa a surgir, acredito, no momento em que se considera o fundo semítico geral no deserto sírio-arábico como um conglomerado de tribos guerreiras, invasoras e nômades. Nota-se que, ao passo que em quase todas as demais tradições religiosas da humanidade os deuses principais são poderes da natureza, divindades cósmicas, com os vários grupos locais em papéis secundários, entre os semitas em geral, e mais notadamente entre os hebreus, o principal deus é a divindade patrona da tribo.

Quando você tem uma teologia do primeiro tipo, como a dos gregos e dos romanos, dos hindus e chineses, é possível voltar-se de uma tradição para a outra e reconhecer que o poder aqui chamado de Zeus é lá chamado de Indra, e não há nenhum conflito essencial. No sexto Livro das *Guerras da Gália* de César, por exemplo, no qual ele descreve as mitologias, ritos e religiões das tribos celtas, é difícil saber exatamente de qual dos deuses celtas ele está falando, uma vez que sempre a eles aplica os nomes latinos correspondentes. Os celtas, ele constatou, veneravam Mercúrio e Apoio, Marte, Júpiter e Minerva; no que concernia a estes, ele observou que eles sustentavam precisamente a mesma opinião sustentada por outras nações.

Ora, seria possível imaginarmos um judeu reconhecendo Yahvé no caráter, digamos, de Júpiter? Quando o seu principal deus é seu deus tribal, nenhuma outra tribo pode possuir a mesma teologia. É impossível dizer: "Aquele que vocês chamam de *Baal* nós chamamos de *Elohim*". Nossos deuses não são os mesmos. Ademais, as leis de um deus tribal são fundamentalmente leis sociais. Ao contrário das leis gerais da natureza, conhecidas de todo o gênero humano, elas são locais, históricas e específicas.

O principal impulso da tradição do Velho Testamento é clara e especificamente a luta de "Yahvé", uma divindade tribal, contra todos os outros deuses do mundo — os deuses da natureza e todos os demais deuses nacionais. Muitos, na verdade a maioria, dos reis do Velho Testamento, um após outro, abandonaram os caminhos da retidão para venerar nos cimos das montanhas as divindades do vasto mundo da natureza, que todos os outros veneravam, e os escribas sacerdotais pertencentes à causa de Yahvé os injuriavam por essa traição. É difícil resistir ao poder da natureza. E também no interior de nós mesmos, a natureza — a *mãe-natureza* — é um poder ao qual é difícil resistir. E não é ela, tampouco, guia inferior para a virtude e a glória da vida.

O que penso ter sido provado pela história é que essas leis sociais locais estabelecidas em oposição às leis da natureza não têm mais validade como norteadoras da conduta, se é que, de fato, algum dia tiveram essa validade. A totalidade de sua história é de violência fanática. No impulso inexorável das religiões bíblicas contra as leis das religiões da natureza, uma tensão foi criada de tal forma que a natureza foi efetivamente corrompida do ponto de vista da imaginação. Que prazer era viver durante uma estação no Japão onde ninguém jamais ouvira falar da *queda do jardim do Éden!* Todo o sentido da *queda* é o de que a natureza é corrupta. Como resultado disto, quando você é jovem e está repleto do maravilhamento diante da natureza, tudo que VOCÊ espontaneamente deseja fazer é condenado como pecaminoso.

Isso introduz na nossa vida religiosa uma forma de agonia que considero peculiar à nossa tradição e distintamente patológica. Somente em alguns períodos esporádicos, um dos quais o Renascimento, e em certos raros gênios espirituais, encontramos pessoas dentro do aprisco dessa tradição que descobriram um caminho para se transferirem, amiúde através do fogo, a uma reconciliação de seu insípido saber espiritual com as glórias do mundo penetrado pela vida.

Esse mundo penetrado pela vida discursa no nosso interior quando permitimos que atue a imaginação ativa. É a razão de ser ele, inclusive, um pouco perigoso. Deuses suprimidos se transformam em demônios e, freqüentemente, são com esses demônios que logo defrontamos quando nos voltamos para nosso interior. Além disso, o poder que foi especialmente suprimido na principal arremetida de nossa tradição é aquele que na maior parte do mundo está representado na imagem da grande *Deusa*. Ela é chamada na Bíblia (II Reis, 23:13) de "a abominação". Mas as próprias imagens dessa mesma Bíblia provêm de um contexto mitológico mais antigo no qual a *Deusa* era suprema. As imagens dela e das divindades da natureza, suas filhas, foram objeto de apropriação e transformadas de modo a se harmonizarem com uma tradição estrita e implacavelmente patriarcal, de orientação masculina, da qual todos os símbolos, conseqüentemente, foram colocados às avessas.

Quem, por exemplo, deseja o amplexo de Abraão? Quem já ouviu falar de um homem dar nascimento a uma mulher, como Adão a Eva? Há em todo este símbolo a produção e o arquitetar

falacioso de uma campanha deliberada de sedução, transferindo a mente e o coração do feminino para o masculino, isto é, das leis da natureza para as leis e interesses de uma tribo local. Além disso, como já sugeri, é certamente desconcertante a psique ter que reagir a imagens que expressam uma coisa para o coração e são apresentadas à mente programadas num outro significado oposto. Este paradoxo produz uma espécie de situação esquizóide e, sem dúvida, uma das principais razões para a prosperidade da psicanálise atualmente é essa confusão e esse curto-circuito das imagens simbólicas com as quais os sistemas conscientes e inconscientes de nossas mentes tiveram de ficar em contato.

Um infortúnio extra para a saúde de nossa civilização pode ser visto no próprio Dr. Freud,⁹ que foi seriamente infectado tanto quanto a Bíblia por aquilo que agora é chamado de *chauvinismo* masculino. O *movimento feminista* pode exercer uma importante influência neste caso, estendendo-se, inclusive, ao campo da simbologia religiosa. Entrementes, no rebanho cristão, foi decerto um grande triunfo para Maria o fato de a despeito da resistência da comunidade protestante bibliólatra — para a qual a *mariolatria* tem exatamente o mesmo significado que a "Abominação" tinha para Elias — ter sido ela capaz de avançar mais e mais para a órbita da genuína divindade. A *assunção de Maria ao céu* foi em 1950 declarada como dogma a ser objeto de crença como acontecimento histórico. Deve-se, ademais, considerar, a título de uma imagem para contemplação, sua *coroação no céu*.

De fato, Maria é até encarada como *co-salvadora*, co-sofredora com seu Filho redentor da vida. A linha divisória aqui entre "veneração" e "culto" está se tornando cada vez menos fácil de ser definida. As regras do jogo estão mudando sensivelmente. Caso venham algum dia a ceder completamente, uma efetiva vitória terá sido granjeada sobre o provincialismo patriarcal de nosso passado (*Extra ecclesiam nulla salus!*) e a favor de um futuro mais amplamente humanizado, graças simplesmente a uma transformação dos símbolos essenciais através da imaginação mitológica redesperta e reativada de homens e mulheres nos nossos dias.

Este é o dogma do papa Bonifácio VIII registrado em sua bula *Unam Sanctam* ("santidade única"). Traduz-se: "Não há salvação fora da Igreja!".

Uma parte deste capítulo provém da palestra "Metaphor as Myth and as Religion" (fita L918) apresentada no Jung Institute, em São Francisco, em 1985.

Este capítulo também encontra raízes em seções de *Man and Myth: Imagination and Its Relation to Theological Enquiry*, citado anteriormente, obra que, por sua vez, foi baseada na palestra "Imagination and its Relation to Theological Enquiry" apresentada na *Loyola University*, Montreal, Canadá, em 17 de outubro de 1972.

⁹ Sigmund Freud (1856-1939), psiquiatra austríaco e criador da psicanálise. (N.T.)

Capítulo V

*SÍMBOLOS DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ**

De que tipos de deuses dispomos?

Antes de emprendermos um exame minucioso dos significados mais profundos e vitais dos símbolos cujas superfícies são tão familiares que se tornaram estáticas e frágeis, gostaria de considerar mais uma vez algumas noções fundamentais. A compreensão de nossas idéias de Deus e a maneira como falamos das divindades são essenciais à apreciação da riqueza da tradição ocidental.

No que tange à narrativa do *Dilúvio* temos duas mitologias. Uma é a da cultura agrícola, a mitologia da cidade antiga do *karma* cíclico — das idades do ouro, da prata, do bronze, do ferro, durante as quais a condição moral do mundo deteriorou. O Dilúvio então aconteceu e a extirpou a fim de produzir um recomeço. A Índia está repleta de histórias de dilúvio desse tipo, já que o *Dilúvio* é uma história básica associada a essa experiência cíclica através daquilo que poderíamos denominar um *ano de anos*.

A segunda mitologia é aquela de um Deus que criou pessoas, entre as quais algumas se comportaram mal. E então ele disse: "Lamento ter criado essas pessoas. Olhai para o que eu fiz! Vou destruí-las todas". Trata-se de um outro Deus e certamente não o mesmo Deus da primeira mitologia. Dou destaque a esta observação porque duas idéias totalmente diferentes de Deus estão envolvidas na palavra "Deus".

Este último Deus é o que cria. Concebe-se este Deus como um fato. *Esse*, dizemos, é o Criador. Conceituamos esse Deus como um *Ele neutro*. Pelo contrário, no dinamismo impessoal dos ciclos do tempo os deuses são simplesmente agentes do ciclo.¹ Os deuses hindus não são, portanto, criadores da maneira que Yahvé (Jeová) é um criador. Este Yahvé criador é, poder-se-ia dizer, um *fato metafísico*. Quando se decide a fazer alguma coisa, é prontamente concretizada. Este que aparece nas mitologias de Deus na Bíblia foi produzido pelos nômades que, como povo de pastores, haviam herdado a mitologia do processo de caça, no qual Deus é considerado *externo, lá fora*. O povo de agricultores tem uma mitologia de Deus *aqui dentro, interno*, como o dinamismo que informa o todo da vida.

Para dar uma clara idéia do real significado dessa mitologia ligada à agricultura, temos que examinar o efetivo número de anos que leva para que o equinócio da primavera passe por todos os signos do zodíaco. Chamado de "a progressão dos equinócios", leva 25.920 anos para completar um ciclo do zodíaco. Divida 25.920 por 60 e você terá 432. Este número, como veremos, produz o vínculo entre a mitologia agrícola e os ciclos reais do tempo.

Há alguns anos um amigo me deu um livro, *Aeróbica* de Cooper, que informava quantas voltas completas um homem teria que nadar todos os dias para permanecer saudável. Lia-se numa nota de rodapé: "Um homem em perfeita forma física, em repouso, apresenta uma pulsação cardíaca de

¹ O *Trimurti* do hinduísmo é composto por Brahma, o deus criador, Vishnu, o deus preservador, e Shiva, o deus destruidor. Eles atuam na dinâmica e ciclo vital do universo no tempo — a criação implica a preservação e a destruição, e esta a recriação, isto sucessivamente num processo de ciclos *eternos*, ou seja, no qual não há nem começo nem fim. (N.T.)

cerca de um batimento por segundo". A sessenta segundos num minuto e sessenta minutos em uma hora, num dia de vinte e quatro horas, o coração bate 86.400 vezes. Dividido por dois, temos 43.200. O batimento cardíaco combina com a pulsação do universo; são idênticos. A coincidência do ritmo constituía o ponto significativo das antigas mitologias cósmicas. Estas encaravam este microcosmo,² ou seja, pequeno universo, e o macrocosmo (o grande universo) como ressoantes com idêntica pulsação. Quando uma pessoa diz ao médico: "Peguei uma febre", o médico toma seu pulso a fim de verificar se apresenta algo harmonioso com as 43.200 pulsações, quer dizer, *para descobrir se o paciente está em sintonia com a natureza*.

121

Tais cifras, ancoradas na descoberta sumeriana de que a ordem do universo pode ser detectada matematicamente, podem ser encontradas quase em toda parte. Nos épicos sagrados hindus, o número de anos calculado para o presente ciclo do tempo, *Kali Yuga* como é conhecido, é 432.000, o número do "grande ciclo" (*mahayuga*) é 4.320.000. Nos *Eddas* islandeses, lê-se sobre as 540 portas do salão de Odin (de Wotan), através das quais, no fim do ciclo de tempo vigente, 800 guerreiros divinos passariam para combater os *antideuses* naquele "Dia do Lobo" até o mútuo aniquilamento. Se multiplicarmos 540 por 800 teremos 432.000.

Uma antiga narrativa babilônica, traduzida para o grego por um sacerdote babilônio chamado Berossos em 280 a.C, nos diz que 432.000 anos decorreram entre a época da ascensão da cidade de Kish e a chegada do dilúvio mitológico (a narrativa bíblica provém desta fonte mais antiga). Num célebre documento em torno das "Datas no Gênese", o assiriólogo Julius Oppert, em 1877, demonstrou que nos 1.656 anos da *criação* até o *dilúvio* haviam transcorrido 86.400 semanas. Se dividirmos por dois, teremos novamente 43.200.³

Trata-se de uma sugestão, inumada no Gênese, de que há duas noções de Deus em suas páginas. A primeira era a do criador voluntarioso e pessoal que se entristeceu com a perversidade de suas criaturas, e prometeu solenemente destruí-las. O outro Deus, num completo contraste, pode ser encontrado oculto nesse número disfarçado, 86.400, uma referência velada à cosmologia dos gentios, sumero-babilônica, a cosmologia matemática dos ciclos, sempre recorrentes, do tempo impessoal. Durante esse ciclo, reinos e povos surgem e desaparecem em estações do múltiplo de 43.200. Lembramos que o povo judeu foi exilado na Babilônia por meio século, e poderia, realmente, ter absorvido essas noções que, perfeitamente ocultas, fornecem um subtexto de ciclos recorrentes de tempo em suas Escrituras.

A misteriosa progressão do céu noturno, então, com o movimento silencioso de luzes planetárias através de estrelas fixas, proporcionara, ao ser mapeada matematicamente, a revelação fundamental de uma ordem cósmica. A imaginação humana reagiu a partir de seu cerne, e um colossal

² Ou seja, o ser humano. (N.T.)

³ "Die Daten der Gênesis", *Königliche Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen, Nachrichten 10*, Julius (Jules) Oppert (1877), p. 201-227. Cf. também "The Mystery Number of the Goddess", *The Mythic Dimension*, Joseph Campbell (1993) para um exame mais detido da numerologia do espírito e da natureza dupla da narrativa no Gênese.

conceito assumiu forma: o universo como um ser vivo na imagem de uma grande mãe, dentro de cujo útero todos os mundos, tanto da vida quanto da morte, tinham sua existência. O corpo humano é uma duplicata em miniatura dessa forma macro-cósmica. Através do todo uma harmonia secreta mantém o controle. É função da mitologia e dos ritos relevantes tornar conhecida a nós essa percepção macro-microcósmica, tal como é função da medicina (lembramos dos 43.200 batimentos cardíacos a cada doze horas) nos manter em harmonia com a ordem da natureza.

Essas antigas mitologias, portanto, punham a sociedade em harmonia com a natureza. Seus festivais eram correlacionados com os ciclos das estações. Isso também colocava o indivíduo em harmonia com a sociedade e, através desta, em harmonia com a natureza. Não há tensão entre o indivíduo e a sociedade num tal mundo mitológico. As regras, bem como os rituais de uma tal sociedade colocam as pessoas em harmonia não só com seu mundo social, o mundo da natureza exterior, como também com sua própria natureza humana interior.

No desenrolar do segundo milênio a.C. ocorreu algo estranho nos domínios do Oriente próximo, ou o que eu chamo de "a grande inversão". Como você sabe, quando se tem pessoas que acham que o mundo está aquecendo, sua reação subjetiva é querer resfriá-lo. Naquela época, observa-se os primórdios da meditação, o esforço de desatar o eu do mundo. Uma outra leitura dessa inversão exhibe o espírito do jainismo, baseado nos ideais de não-violência. A questão prosaica "Como pode alguém viver e ser não violento?" tem uma resposta prosaica: "Não pode". Conseqüentemente, a lei do jainismo é morrer, e não retornar. Esta é uma saída radical de um mundo crescentemente super-aquecido.

No entanto, uma outra leitura pode ser encontrada na mitologia dos adeptos de Zoroastro, daqueles associados a Zoroastro, em relação a quem ignoramos as datas. Uma opinião é de que ele viveu em torno de 1200 a.C, e uma outra é de que viveu seiscentos anos depois, em torno de 600 a.C. Ele é aproximadamente do mesmo período de Homero e, talvez, como este, devesse ser encarado mais como o símbolo de uma tradição do que como uma pessoa individual. Zoroastro foi o profeta dos persas, o povo que levou os judeus de novo a Jerusalém, os mesmos persas que, posteriormente, deram origem aos caldeus. A idéia básica de Zoroastro é de que há dois Deuses, um bom e outro mau. O Deus bom é um Deus da Luz, da Justiça, da Sabedoria, que criou um mundo perfeitamente bom. Seu nome é *Ahura Mazda*, "O Pai primeiro da Ordem reta, que deu ao sol e aos astros suas trajetórias". As lâmpadas *Mazda* receberam este nome em função desse Deus da Luz. Contra ele se coloca um Deus do mal, *Angra Mainyu*, "O Enganador", que é o deus das mentiras, da escuridão, da hipocrisia, da violência e da malignidade. Foi ele que lançou o mal neste mundo bom e corretamente criado. Assim, o mundo no qual vivemos é uma mistura de luz e trevas, de bem e mal. Essa visão de mundo constitui a mitologia da *Queda*. Em sua transformação bíblica, é a *Queda*.

Há, então, um mundo da natureza que não é bom, e nós não nos colocamos em harmonia com ele. Ele é mau e nos desligamos dele ou dele nos afastamos para corrigi-lo. A partir desta visão surge uma mitologia que apresenta a seguinte seqüência: Criação, uma Queda, seguida por Zoroastro (ou

Zaratustra), o que ensina o caminho da virtude que trará uma restauração gradual do bem. No último dos dias, após uma formidanda batalha conhecida como *Armagedon*, ou o *Ajuste de Contas dos Espíritos*, Zoroastro reaparecerá, numa segunda encarnação, o poder do mal será aniquilado e tudo será paz, luz e virtude para sempre. Com certeza, todos conhecem muito bem esta mitologia.

Quando os *Manuscritos do Mar Morto* e os demais manuscritos do deserto foram descobertos em meados do século XX, os estudiosos vieram a saber que um desses antigos escritos hebraicos, denominado "A Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas" era puro mazdeísmo. A influência de Zoroastro, particularmente sobre a comunidade hebraica, está representada na obra dos essênios. Temos, portanto, na própria Bíblia, esta concepção do mundo como erro. Conseqüentemente, ao longo da leitura do Velho Testamento ficamos sabendo de reis que, ante a visão de Yahvé (Jeová), fazem o bem ao destruir as religiões da natureza. Essas histórias representam uma tensão entre duas mitologias completamente diferentes. Uma é aquela da natureza como bem, com a qual os indivíduos se esforçam para se harmonizarem, o que é considerado como um ato virtuoso, saudável e humanamente sustentador. A outra vê a natureza negativamente, e a opção das pessoas é dizer "não" a ela e dela se separar.

Julgo essa distinção das mitologias como sumamente importante. Temos as mitologias da natureza, que nos colocam em sintonia com nossa própria natureza. Há, entretanto, é necessário que o notemos, mitologias contra a natureza. Estas são as mitologias dos povos nômades.

Quando se vive no deserto, não se pode depender muito da mãe-natureza, e a percepção social desta situação é acentuada. O Deus dessa sociedade pode ser negativo no deserto. Entre os gregos, ambas as posturas tendem a caminhar em paralelo. A partir dessa integração vemos o reaparecimento da noção da *Deusa*. Na Índia, por exemplo, depois das invasões indo-européias — em torno da época da invasão hebraica de Canaã entre o século XIII e século XIV a.C. -, assistimos a um ressurgimento do culto à Deusa.

Vale a pena examinar a idéia de divindade presente nessas religiões da Deusa-Mãe. A palavra "Brahman" se refere a algo que está além de todos os conceitos e, no que concerne a isto, há duas formas de interpretar a palavra "transcendente". Uma significa alguma coisa que está lá fora e assim *transcende* este lugar aqui. Neste sentido, Yahvé (Jeová) é transcendente. Poder-se-ia dizer que Yahvé é um fato sobrenatural, lá fora.

A outra forma de interpretar a palavra "transcendente" é a de Kant na *Crítica da Razão Pura*, como o mistério último do ser que *transcende* toda conceitualização, além do pensamento, além das categorias.

Esta é a noção encontrada nos *Upanishads*. Na Índia, quando o poder feminino da Deusa reviveu durante seu período, houve alguma compreensão de que o mistério maior é descoberto no mistério do próprio ser de cada um, mas esse mistério é mais profundo do que pode alcançar o pensamento de qualquer indivíduo.

Esta experiência espiritual foi chamada de gnosticismo, do grego *gnosis* (conhecimento) e descreve esta compreensão intuitiva do mistério que transcende o discurso. Por esta razão, a linguagem que usamos para nos referir ao mistério religioso é a metafórica.

A metáfora é a linguagem do mito que permanece, como observamos, como um termo ainda largamente mal-compreendido. Mesmo muitas pessoas tidas como bem-educadas pensam que "mito" significa alguma coisa que é falsa, isto é, uma mentira ou distorção a respeito de alguma pessoa ou acontecimento.

Mas esta incompreensão surge, como sabemos, somente quando interpretamos mal a linguagem metafórica. Todas as nossas idéias religiosas são a metáfora de um mistério. É absolutamente vital lembrar que se você substitui a conotação da metáfora por sua denotação, você perderá completamente a mensagem encerrada no símbolo.

Deus é um símbolo. A conotação do símbolo reside além de todo nome, além de toda numeração, além de todas as categorias do pensamento. É costume perguntar: "Deus é uno ou Deus é múltiplo?" São, entretanto, categorias do pensamento e não se prestam devidamente quando nos referimos ao que está além de todo discurso.

Vocês provavelmente conhecem muito bem uma das minhas citações favoritas de Heinrich Zimmer, que costumava dizer: "As melhores coisas não podem ser ditas. As segundas melhores são mal-compreendidas". Por que as segundas melhores são mal-compreendidas? Porque são metáforas que, não cansamos de repetir, são interpretadas, e mal, por sua denotação e não por sua conotação.

Jesus morre, ressuscita e vai para o Céu. Esta metáfora expressa algo religiosamente misterioso. Jesus não poderia ter ido literalmente para o Céu porque não existe um tal lugar geográfico para ir. Elias ascendeu aos céus numa carruagem — nos disseram — mas não há como entender essa afirmação como a descrição de uma viagem literalmente falando.

Trata-se de eventos espirituais descritos por metáforas. Parece haver apenas dois tipos de pessoas: as que pensam que as metáforas são fatos e as que sabem que não são fatos. Aquelas que sabem que elas não são fatos são as que chamamos de "ateus" e as que pensam que são fatos são "religiosas". Qual destes grupos realmente capta a mensagem?

Nenhum bem é realizado jogando-se a mensagem fora. Todas as mensagens do mito, desde a era dos povos agrícolas, falam sobre o que constitui os valores da vida de cada um, e de todas as vidas. E, afinal, a mensagem está ali encerrada nesta mesma coisa que parece estar barrando a você porque é tomada literalmente em lugar de metaforicamente. Então, especialmente pelo fato de se encontrarem fragmentados todos os distintos horizontes no âmbito dos quais o mito tem se desenvolvido, compreendemos que, visto que estamos todos juntos na superfície de um planeta, temos de começar a interpretar nossa própria mitologia como algo que se refere não precisamente a nós, mas sim, na sua conjunção com todas as mitologias expressas pela metáfora, a todos.

E extremamente importante lembrar o ciclo, se você quiser, já mencionado por mim. À medida que as mitologias patriarcais cresciam em poder, elas rebaixavam as mitologias da Deusa-Mãe. Estas

então voltaram a se afirmar, por exemplo, por volta do século VII a.C. na Grécia quando renasceram nos Mistérios de Elêusis, as maravilhosas religiões do mistério. Na Índia também retornaram, e a Deusa se mantém como a principal divindade na Índia. Kali, sob uma de suas várias formas, é Shakti, a energia que informa toda a vida. Assim, os mitos realmente reaparecem numa relação mútua.

Começamos, então, a procurar novamente a vida fervilhante nos textos e tradições que parecem fixos e mortos.

Gênese

E interessantíssimo observar nos capítulos V e VI do Gênese como os sacerdotes resolveram a relação entre os reis mesopotâmicos, que viveram para aquele período 43.200 anos, e os dez patriarcas hebreus. Uniram as duas mitologias de Yahvé e dos ciclos de tempo matematicamente elaborados.

A primeira parte do Livro do Gênese é pura mitologia e, em grande parte, a do povo da Mesopotâmia. Temos aqui o *Jardim do Éden*, pois esta é a idade mitológica na qual ingressamos num jardim mitológico. A história de não comer a maçã da árvore proibida constitui um antigo tema folclórico denominado "a coisa proibida". Não abra esta porta, não olhe ali, não coma este alimento. Se você quiser entender por que Deus teria feito uma coisa como essa, tudo que você precisa fazer é dizer a alguém: "Não faça isto". A natureza humana fará o resto.

A idéia de Deus, nesta história, era tirar Adão e Eva daquele Jardim. E o que era o Jardim? Era um lugar de concórdia, de unidade, de ausência de cisão na natureza das pessoas ou das coisas. Quando se come o *Fruto do Conhecimento do Bem e do Mal*, entretanto, passa-se a ter conhecimento dos pares de opostos, que não incluem apenas o bem e o mal, a luz e as trevas, o certo e o errado, como também o macho e a fêmea e, que se acresça: Deus e o Homem.

O homem comeu o fruto do conhecimento do bem e do mal. Para que ele não comesse o fruto da segunda árvore, que é o da vida imortal, Deus expulsa o homem do Jardim e coloca dois querubins com uma espada flamejante entre eles para vigiar o portal.

Adão e Eva são separados de Deus e se tornam cientes dessa ruptura no seu sentimento de unidade. Procuram cobrir sua nudez. E a questão se torna a seguinte: como voltarem ao Jardim? Para compreender este mistério, é preciso esquecer tudo a respeito de julgamento e ética e, inclusive, esquecer o bem e o mal.

Jesus diz: "Não julgueis para não serdes julgados". *Este* é o modo de voltar ao Jardim. Você tem que viver em dois níveis: um a partir do reconhecimento da vida como ela é sem ser julgada, e o outro, de acordo com os valores éticos da própria cultura ou da própria religião pessoal e particular. Não são tarefas fáceis.

Eu disse que Deus expulsou Adão e Eva do Jardim do Éden, mas na verdade eles expulsaram a si mesmos. Esta história libera seu significado somente dentro de uma interpretação psicológica. Se você tentar explicá-la como um acontecimento histórico ocorrido em alguma época remota, parecerá

ridícula. Não havia um Jardim do Éden como um lugar concreto. Acreditar nisto é compreender mal e dar um sentido falso à linguagem metafórica da religião.

Você nem sequer pode arranjar uma data na qual situar essa idéia. Na evolução da espécie, tal idéia apareceu com o *Homo erectus* quando o cérebro humano media 1.000 centímetros cúbicos? Ou surgiu posteriormente com o homem de Neanderthal ou apenas pré-historicamente com Cro-Magnon? Quando surgiu tal noção?

Esse local idílico não corresponde a um fato histórico. O *Jardim* é uma metáfora para o seguinte: nossas mentes e nosso pensar em termos de opostos — homem e mulher, bem e mal — são tão santos quanto aqueles de um deus.

Vamos dar uma olhada nesse Jardim agora que já nos postamos imaginativamente nele.

O que é essa árvore da vida imortal? Mesmo depois de sondar profundamente as discussões rabínicas em torno das duas árvores presentes no Jardim do Éden, ela permanece enigmática.

Observe meticulosamente e você talvez perceba, como eu, que elas são a *mesma* árvore. Você está no Jardim e a árvore é o caminho para fora. O caminho para fora é através do conhecimento do bem e do mal, um processo simbolicamente expresso pelo *comer o fruto dessa árvore*. É como se você estivesse saindo de um quarto onde tudo é unidade para entrar num quarto onde, no momento em que você passa pelo limiar, tudo é subitamente duplicidade.

Dê uma olhada de volta ao portal do Jardim onde estão os dois querubins com a espada flamejante entre si, e você estará fora, exilado do lugar onde tudo era unidade.

Qual é o caminho de volta? A idéia parece ser de que Deus está nos mantendo fora do Jardim, proibindo o nosso reingresso. Na tradição budista, entretanto, o Buda diz: "Não tenha medo, faça a travessia".

Mas o que significa isso?

Dos dois guardiões do tema budista, um tem sua boca aberta, o outro a boca fechada: são opostos. Um representa o *medo*, o outro representa o *desejo*.

O medo é o medo da morte e o desejo é o desejo de ter mais deste mundo: medo e desejo é o que mantém você fora do Jardim. Não é Deus que nos mantém exilados, mas nós mesmos.

Qual, então, é o caminho de volta ao Jardim? Temos que superar o medo e o desejo. "Olhai os lírios do campo", ensina Jesus, "eles não mourejam, nem fiam". Blake,⁴ no seu "Casamento do Céu e do Inferno", diz com efeito: "Remove os querubins do portal e verás que tudo é infinito. Limparás o desejo e o medo de teus olhos e contemplarás tudo como uma revelação do Divino".

Todo esse ensinamento está bem aqui diante de nós. No Evangelho de Tomás, descoberto nos vasos Nag Hammadi desenterrados do Templo Egípcio, diz Jesus: "As pessoas perguntam: 'Quando virá o Reino?'" E Jesus responde, num exemplo de puro gnosticismo: "O Reino não virá pela espera. O Reino do Pai está em toda a Terra e os homens não o vêem".

⁴ William Blake (1757-1827), artista gráfico, ilustra-dor e poeta visionário inglês. (N.T.)

É disso que fala a história da expulsão do Jardim do Éden. Não se trata de uma ocorrência histórica, mas de uma experiência psicológica, espiritual, uma metáfora para o que está acontecendo a nós exatamente agora.

A história da Queda e da expulsão do Jardim do Éden é uma das duas narrativas da criação no Livro do Gênesis — a mais antiga das duas. Deus tinha um Jardim, nos diz a história, porque Ele precisava de um Jardim. Este tema remonta à antiga Suméria. Em suas histórias, os deuses se cansaram de lavrar os campos e alimentar a si mesmos, e assim criaram a espécie humana para lavrar os campos para eles.

Conseqüentemente, os deuses tinham um jardim. E perguntam ao homem o que irá fazer além de cuidar desse Jardim. E então Deus cria os animais e os traz para que o homem os nomeie. Mas a mera ação de dar nomes aos animais já é atividade suficientemente árdua para o homem. E Deus tem esta magnífica idéia de levar Adão ao sono e retirar de seu flanco o que Joyce chama de "a consorte do tamanho da costeleta".

Este é um tema mítico de um período em torno do século IX a.C. Nos *Upanishads* indianos pode-se encontrar a mesma história, mas com uma diferença. Aquilo que é transcendente forma a si mesmo e conhece sua própria existência. Ele diz: "Eu, Aha!"

Porém, mal se torna autoconsciente, torna-se receoso. Experimenta o medo. Então pensa — uma vez que um tal Deus é um *Ele neutro*: "Do que deveria eu ter medo? Sou a única coisa que existe".

E então pensa: "Desejaria não estar sozinho". E se dilata, divide-se em dois e se torna macho e fêmea. O macho então gera a raça humana na fêmea. E *ela* pensa: "Como poderia ele unir-se a mim se somos da mesma substância?" Ela se transforma numa vaca e ele se transforma num touro, em seguida ela numa égua e ele num cavalo, e assim é criado o mundo inteiro.

Ele olha à sua volta e diz: "Eu emanei isto. O mundo é Deus".

Bem, a diferença entre este relato e o bíblico é que neste Deus não se divide. Ao contrário, *ele corta Adão pela metade* — poder-se-ia dizer — na criação de Eva. São duas interpretações do mesmo símbolo, e este símbolo interpretado duplamente tem sua origem numa mitologia comum.

Voltemo-nos para o *Banquete* de Platão,⁵ que é de cerca de quatrocentos anos depois, e encontraremos aquela maravilhosa história das pessoas que eram como *duas* pessoas, quer dizer, cada uma possuía quatro braços, quatro pernas e iam avante. Existiam três tipos delas: macho-macho, fêmea-fêmea e macho-fêmea. Os deuses então se tornaram infelizes por causa delas, traíram-nas, e Zeus mais Apoio as cortaram pela metade e viraram suas cabeças, de modo que ambas as partes olhassem para a mesma direção. O ponto onde ambas eram antes unidas foi rompido e é reconhecido agora como o umbigo.

Entretanto, tudo que faziam essas criaturas era se abraçarem, ardentemente desejosas de voltarem à unidade. E, com efeito, pensaram os deuses: "Jamais conseguiremos algum trabalho

⁵ Platão de Atenas (427-347 a.C.), filósofo grego fundador e mestre da *Academia*. Foi discípulo de Sócrates e mestre de Aristóteles. (N.T.)

realizado desse jeito". Assim, eles as separaram completamente e colocaram uma ali e a outra aqui, uma e outra numa procura mútua. Este é um mito comum dotado de um tema singular, que é encontrado naquela região do mundo naquela época. É o mito do *andrógino* original.

Segundo a Cabala, se você viver uma vida *moral* — ou seja, se sua mente permanecer corretamente posicionada e você não for uma pessoa sensual — então a pessoa com a qual você se casar será aquela que é sua outra metade.

O próprio Deus é masculino e feminino. Os nomes dados a Deus combinam esses elementos masculino-femininos, isto é, essa noção de uma separação e de uma reassociação.

Você pode encarar esses temas míticos simplesmente como contos de fadas, ou podem se tornar luzes para a sua vida. E todo este simbolismo está presente no Gênese quando é lido atentando-se para sua conotação, ou seja, o verdadeiro sentido metafórico que nos proporciona sua mensagem e significação espirituais.

O primeiro capítulo do Gênese, um texto muito posterior, descreve uma criação inteiramente diferente. Esse texto é pós-Ezra, e surge após o exílio na Babilônia e o retorno a Jerusalém. Aqui Deus cria por meio da palavra. Existe, cumpre lembrar, um texto egípcio no qual Deus cria enunciando todas as criações. Mediante uma única palavra ele cria. Esta noção da palavra como um símbolo sexual é ampliada. Os dentes são a vagina e a língua é o falo, e a partir de sua formação conjunta das palavras todos os deuses, os céus e o mundo são gerados. Este é o Deus que cria no primeiro capítulo do Velho Testamento. Neste, também, a história de Caim e Abel é provavelmente uma transformação daquele primeiro *assassinato* ou separação da qual tudo se origina.

Abraão, pai do povo judeu

No capítulo XII do Gênese, lemos sobre Abraão deixando Ur e se dirigindo para Canaã, onde Deus lhe prometera uma grande descendência. Primeiramente chamado de *Abrão*, é num importantíssimo momento desse ciclo que ele recebe o nome de *Abraão*. Assim, também *Sarai* se torna *Sara* como parte de toda a transformação da consciência cuja iminência é aqui marcada. A palavra "hebreu" aparece no Velho Testamento pela primeira vez com respeito a Abraão — Abraão, o *hebreu* — por volta de 2000 a.C. Designamos esse período e a seção da Bíblia que se propõe a fazer a sua crônica com o nome dos protagonistas dessa seção, quais sejam, "Os Patriarcas". Os relatos dos patriarcas constituem três ciclos de histórias realmente grandiosos, o primeiro dos quais é o de Abraão.

Com Abraão o leitor entra na etapa inicial da presença semita no Oriente próximo. Os povos primitivos ali foram tanto o sumeriano, o primeiro povo altamente civilizado, quanto o semita. Em seguida os acadianos, que eram semitas, se tornaram dominantes. O rei Sargão tornou-se o primeiro grande imperador semita, e a história de seu nascimento nos parecerá familiar.

Havia uma mulher que vivia acima do rio Eufrates que tinha um filhinho. Não sabia como cuidaria dele e, assim, o colocou num pequeno cesto de junco, lacrou-o com betume e o pôs a flutuar no rio. Retirado das águas pelo jardineiro do Imperador, aquele bebê cresceu e se tornou Sargão I.

Ouvimos falar, com certeza, dessa história em algum lugar antes. É a de Moisés. As bases comuns são de aproximadamente 2000 a.C.

Descobrimos aqui um quadro histórico no qual foram introduzidos temas míticos e folclóricos. A este dá-se o nome de "lenda". Primeiramente, há puro mito nos relatos da Criação, do Dilúvio e da Torre de Babel. Todos estes são mitologia pura.

Com a Torre de Babel dispõe-se de um toque histórico porque ela inverte o zigurate mesopotâmico, ou seja, aquelas estruturas templóides giratórias ao centro do círculo sagrado do espaço, onde se uniam o poder terrestre e o celestial. Esses edifícios não ameaçavam o céu, mas disponibilizavam aos deuses do céu um caminho pelo qual descessem para receber o culto dos escravos da Terra. Devemos também nos lembrar da história da Torre de Babel como um reforço da idéia hebraica de que todas as línguas, exceto o hebraico, detinham importância secundária.

Entende-se como *lenda* uma história vagamente rememorada na qual temas simbólicos foram enxertados. As lendas, portanto, devem ser interpretadas não como eventos, mas como expressões de uma idéia simbolizada ou sistema de idéias.

Lendas são encontradas na Bíblia ao longo do Pentateuco até Josué. Não há necessidade de perguntar: "Como o Mar Vermelho se fendeu?" Isto era e é um evento mitológico. Há os que, inclusive cientistas, insistem em tentar explicar a travessia do Mar Vermelho: "Oh, o vento estava soprando, a água era rasa e o leito de areia foi revelado". Esta não é a resposta!

No relato de Josué, na narrativa do segundo Moisés, o povo judeu atravessa o rio Jordão, repleto de água, perfeitamente seco. As muralhas de água recuam e todo o contingente de 600.000 pessoas cruza o rio. Encontram doze pedras no meio do rio e, prossegue a história, eles as pegam como uma espécie de fetiche. Todos são temas míticos e não cabe a pergunta: "Trata-se de um fato histórico?", mas sim estas outras: "Qual é o significado e o propósito do mito? Onde encontramos outros símbolos da travessia da água?"

A *história* que cerca esses episódios é sumamente misteriosa; no entanto, a questão apropriada concerne à natureza do mito. Como identificamos essa narrativa mitológica? O mito é aquele da descida dos Patriarcas ao Egito.

José se dirige a um poço. O poço está seco, mas entendemos que o poço existe. Significa passagem pela água ao Egito e passagem através da água para fora do Egito. A *água* sempre representa o domínio abaixo da esfera da manifestação, o lugar da nova energia, o novo dinamismo. Refere-se ao campo do inconsciente, imergindo nesse domínio e emergindo de volta dele.

Quem emergiu? — nós indagamos. Os Patriarcas imergiram. Quem emergiu? Um povo. Esta é a pepita de ouro do grandioso mito judaico. Na tradição judaica, a coisa santa é o povo. Tal como na crença católica romana, toda porção da hóstia da Eucaristia é o todo, assim também todo judeu é Israel. Esta mitologia poderosíssima tem mantido o povo judeu unido há séculos, na verdade, há milênios. E, como toda grande história, continuará exercendo esse efeito.

Primeiro é a promessa a Abraão, seguida pela maravilhosa narrativa que Thomas Mann⁶ desenvolveu belamente em seu romance *José e seus Irmãos*.⁷ Neste texto Mann apresenta os notáveis contos de Jacó e Esaú. Todos os paralelos daquela narrativa egípcia de Osíris e Set são encontrados nesse relato de Jacó e Esaú. Mann mostra o paralelo na sua interpretação mitológica do que tinha sido uma história. Havia um Jacó, havia um Esaú — havia indivíduos que teriam ostentado esses nomes e poderiam ter vivido essas vidas, e que representam a continuidade dessa tradição. Mas o significado depende e flui dos temas mitológicos. Os temas mitológicos são introduzidos para explicar por que José é o grande favorito de seu pai e, invejado por seus irmãos, é vendido como escravo no Egito.

Através do poço José entra no Egito. Todas estas narrativas são de vidas que são orientadas de acordo com o que chamo de "imperativo mitológico", porque identificam o indivíduo que irá ser o líder e guia heróico que empreende uma aventura espiritual própria. Esse indivíduo se afasta para o interior de uma floresta, para um deserto, para uma montanha e lá suporta uma experiência constituída por provas, cujo fruto ele traz para os outros.

Que jornada foi esta com Moisés? Em primeiro lugar há a narrativa do que é conhecido como *o desterro da criança*, na qual esta é abandonada e acolhida por uma outra família, sendo educada no pensamento de que pertence a esta família e desconhecendo que sua verdadeira família é outra.

Um dos discípulos de Freud, Otto Rank, escreveu um livro importantíssimo, *The Myth of the Birth of the Hero* (O Mito do Nascimento do Herói). Rank apresentou algo como oitenta e cinco exemplos do que é conhecido como "o abandono da criança". A criança nasce, a família por uma razão ou outra a abandona no bosque ou coisa que o valha. O bebê pode ser adotado por um animal — Rômulo e Remo acolhidos por lobos, por exemplo — ou por camponeses, e crescerá pensando ser esta sua família. Otto Rank salienta que muitas crianças se imaginam a prole de alguma família ilustre e eminente. Todas as narrativas do bebê desterrado mostram que a família que adotou a criança era inferior à verdadeira família dela. A única exceção a esta regra é a narrativa de Moisés.

No tempo de Moisés, a família eminente era a do faraó. Esta família adotou uma criança proveniente de um lar humilde. Rank sugere que a família verdadeira da criança é a que ele ou ela nega. A família verdadeira é a que ele pensa ser a família adotiva. Conseqüentemente, a verdadeira família de Moisés era a família egípcia, e Moisés era um egípcio. Seu nome é um nome egípcio e não significa "retirado das águas", ainda que isto tenha sido sugerido por alguns.

Quando aconteceu o *êxodo*? Tem havido muita polêmica a respeito desse período. Recentemente, alguns estudiosos judeus o situaram por volta de 1450 a.C, e o nome do faraó é *Moisés*. Moisés significa "o filho de", "o menino". A narrativa significativa de Moisés é que ele presencia um egípcio maltratando um judeu, e mata o egípcio, o que o obriga a deixar o Egito e o obriga a penetrar o mundo do deserto, onde ele se casa e exerce um trabalho humilíssimo de pastor. Então a *voz proveniente da sarça ardente* fala, alterando a sua vida. Este é o fogo que não é consumido, e dessa

⁶ Thomas Mann (1875-1955), romancista alemão. Recebeu o Prêmio Nobel em 1929. (N.T.)

⁷ *Joseph and his Brothers*, Thomas Mann, tradução de H. T. Lowe-Porter (Alfred Knopf, 1934).

experiência decorre uma missão de vida. Alguém que experimenta o desterro infantil com isto descobre sua missão de vida, e retorna para realizá-la. Quando ocorreu? Há uma faixa temporal de duzentos anos nesse caso durante a qual tais eventos podem ter ocorrido. A data, contudo, não é o importante. O que é importante é o significado do mito.

Ingressando na terra do Egito e saindo da terra do Egito, o povo judeu tornou-se um povo íntegro, e seu destino passou a lhe pertencer, diferentemente daquele do povo que o cercava. Esse povo judeu sai detentor deste conceito fortemente unificador da Divindade que depositou toda a sua vontade de vida nele. O verdadeiro sentido do mito é que os judeus são um povo santo no mundo.

Temas históricos na Bíblia se tornaram efetivamente históricos, enraizados em acontecimentos reais, com os Livros Crônicas e Reis, os quais são baseados em crônicas genuínas dos tesouros públicos da Casa real de Davi, de cerca de 1000 a.C. Ainda que históricos, há muita lenda neles. Eventos puramente lendários são igualmente encontrados mesmo em narrativas bem posteriores. Embora haja um marcante interesse da parte de arqueólogos em realmente datar essas coisas, esta datação não pode ter nada a ver com o antigo Livro do Gênesis antes do capítulo XII. As datações podem começar por afetar o período de Abraão, Jacó e José, mas, como observei, não se tenta encontrar história verdadeira até Reis e Crônicas. Em Juízes, as lendas são transparentemente claras. A imobilização do sol de Josué é uma lenda, não história. O fato de não poder o sol ser literalmente paralisado não diminui o valor disso se o encararmos como evento lendário, do qual o significado e o objetivo acrescem grande valor ao que foi experimentado pelo povo judeu.

O mito central da Bíblia é o do exílio. O cristianismo é a continuação do Velho Testamento. Houve, como sabemos, uma grande polêmica sobre isso nos primeiros quatro séculos do cristianismo. Era o cristianismo uma nova religião? Ou era o estágio seguinte do Velho Testamento?

Recordemos os dois guardiões no portal do Éden. E o Buda (sentado sob a árvore do conhecimento da vida imortal) diz: "Faça a travessia". O povo judeu pensa em si mesmo como em exílio, uma palavra que muito lhe diz respeito. Os cristãos, entretanto, seguiram Jesus, que fez a travessia ao renunciar à sua vida física. Esta foi a grande compreensão de Paulo acerca desse jovem rabino que foi crucificado por ter dito: "Eu e o Pai somos um". Isto é gnosticismo saudável. Quando Hallaj, novecentos anos depois, disse a mesma coisa, também foi crucificado pelos muçulmanos. Você não pode se identificar com Deus quando concebe Deus como um fato. Quando você concebe Deus como uma metáfora daquilo que é a dinâmica da vida, e se vincula a isto, você é Deus.

Assim, o Cristo representa o reingresso no Jardim do Éden. O Reino do Pai é aqui sobre a Terra. Mas quantos cristãos o interpretam assim? O problema surgiu porque o cristianismo ficou preso entre as duas influências que descrevemos. Historiciza tudo e, ao mesmo tempo, transmite a mensagem gnóstica muito intensamente. Pense no que acontece no cristianismo relativamente ao evento no Jardim. Trata-se de um puro evento mitológico, mas também é interpretado como um evento histórico. Jesus crucificado é um evento histórico que é interpretado como a resposta àquele evento mítico anterior.

Munido destas diferentes idéias de Deus — um externo como fato, e outro interior — você se acha distendido entre uma *religião de identidade* e uma *religião de relacionamento*. O judaísmo é uma religião de relacionamento, aquela do Deus com Seu povo e o povo com Ele. Como um membro desta religião, você não é Deus, pelo contrário você está no exílio, você está privado de Deus. O poder notável do judaísmo pode ser observado no povo que tão intensamente experimenta essa relação com Deus através de sua participação na história de Israel. O resultado é que este povo tem uma vida espiritualmente informada.

Como *história*, o Gênese e o Êxodo se tornaram mitologizados. Assim, quando os lemos, não deveríamos tentar fazê-lo como história propriamente dita, mas como um sentido da *história* do povo judeu, uma interpretação dessa história que acentua suas bases espirituais. Isto é o que ela realmente é. Tal *história* se torna a inspiração, imagem através da qual os leitores colocam a si mesmos em contato com o transcendente mediante sua participação nesse mesmo destino. Um filósofo judeu do século XVII disse: "Chegamos a conhecer Deus não através da contemplação do universo, mas através da contemplação da história da raça humana". Esta *história* judaica é tão poderosa porque oferece uma compreensão de um princípio divino que atua num povo santo. Assim, trata-se de uma religião de *participação* dada por Deus, não de identificação.

O hinduísmo é exatamente o oposto, pois nele a compreensão e realização importantes são transcendentais a todas as regras sociais. Quando o iogue penetra a floresta, ele deixa sua casta atrás de si.⁸ Todas as obrigações sociais são rejeitadas e ele se encontra verdadeiramente fora da casta. Há, inclusive, rituais representativos da violenta ruptura das regras da casta, para que alguém possa ir além da sociedade. Trata-se de uma outra espécie de religião, que recentemente exerceu grande atração na América. O que seus gurus têm dito aos jovens é: "Qual a importância do que aconteceu há muito tempo atrás? O que está acontecendo agora dentro de vocês?" Eis aqui a atração que a visão oriental apresenta para os jovens.

Seja a judaica ou a cristã, nossas religiões frisaram com demasiada intensidade o aspecto estritamente histórico, de modo que acabamos por estar, por assim dizer, cultuando o acontecimento histórico, em lugar de sermos capazes de ler através daquele evento histórico a mensagem espiritual para nós mesmos. As pessoas se voltam para a religião oriental porque nesta descobrem a mensagem real que tem sido mantida inacessível pelo literalismo e historicismo excessivos em suas próprias religiões, e que, agora, lhes é franqueado novamente.

Nasci e cresci católico e fui um católico muito devotado. Minhas crenças, contudo, ruíram porque a Igreja interpretava e então apresentava seus símbolos em termos concretos. Por um longo tempo experimentei um terrível ressentimento contra a Igreja, e sequer me passava pela mente entrar numa Igreja católica. Depois, através de meu próprio estudo da mitologia e matérias correlatas, comecei a entender o que realmente acontecera, isto é, que, como sucedera comigo, a religião

⁸ A figura daquele que busca o *bodhi* (*iluminação*) no budismo é ainda mais radical e incisiva na ruptura com o mundano, a classe social e o exclusivismo nacionalista: Sidarta Gautama era o jovem príncipe herdeiro de um grande e riquíssimo reino. Ele o abandonou (bem como esposa e filho) para trilhar seu caminho e tornar-se o *Buda*. (N.T.)

organizada deve apresentar-se de uma forma às crianças e de outra aos adultos. O que eu rejeitava eram as formas literais, concretas, históricas que eram apropriadas quando eu era jovem. Após ter compreendido isso, apreendi melhor o que era a mensagem. Pode-se fazê-lo. E inevitável as crianças receberem um ensino em termos puramente concretos. Mas, depois, a criança cresce e percebe quem é Papai Noel. Ele é realmente o *papai*. Assim, também temos de crescer da mesma maneira no aprendizado acerca de Deus, e as igrejas institucionais devem crescer apresentando a mensagem dos símbolos aos adultos.

Tive uma experiência interessantíssima nesse sentido. Um jovem hindu nas Nações Unidas lera alguns livros de minha autoria e alguns da autoria de Heirich Zimmer sobre hinduísmo editados por mim. Era um hindu muito religioso. Um dia ele me disse: "Quando vou a um país estrangeiro, quero estudar a religião dele. Comprei uma Bíblia. Não consigo encontrar religião alguma nela". Isto tinha a ver com a história da relação de Deus com um povo, e para um hindu isso não significa nada. E ele não era capaz de interpretar a mensagem ali presente.

Agora, a história que se contrapõe a esta foi o breve, porém interessante diálogo que tive com Martin Buber quando ele esteve em Nova York em 1954. Ele dava uma palestra em Colúmbia, eu ergui a mão e disse: "Há uma palavra sendo usada aqui esta noite que não compreendo".

Ele disse: "Qual a palavra?"

"Deus", eu disse.

"Você não entende o que significa Deus?", replicou.

E eu disse: "Não sei o que você quer dizer com Deus. Você disse que Deus ocultou sua face, que estamos no exílio. Acabei de chegar da Índia, onde as pessoas experimentam a Deus o tempo todo".

E sabe o que Buber disse? "E o que você quer?... que comparemos?" Ali eram exibidos dois lados de encarar a idéia de Deus.

Se você opta por ter um Deus que não seja comparável a nenhum outro Deus, então você deve afirmar e, por assim dizer, prender-se a esse Deus. Quando o Deus se abre à transcendência, o crente também o faz. Quando o Deus se fecha, o mesmo faz o crente. Mas então talvez você esteja face a face com algo que não pode controlar. A melhor coisa que podemos fazer com a Bíblia é lê-la espiritualmente e não historicamente. Leia a Bíblia do seu próprio jeito e apreenda a mensagem, porque ela diz algo especial a cada leitor, baseado na experiência deste, ele ou ela. A dádiva de Deus chega nos *teus* próprios termos. Deus, puro e em Si mesmo, é excessivo. Carl Jung disse: "A religião é um sistema para nos defender da experiência de Deus". Talvez fosse uma espécie de impudência pensar que o modo de você entender Deus é o modo que Deus é.

(*) Muito deste capítulo constitui uma fusão com base em duas palestras de tema idêntico, ambas intituladas "Gênesis and Exodus as History and Myth". A primeira foi proferida no *Hillel Jewish Center* em Los Angeles, Califórnia em 17 de outubro de 1985 (fita L858). A segunda foi proferida no *Theatre of the Open Eye*, na cidade de Nova York, em 10 de dezembro de 1985 (duas fitas, L859).

Análises mais extensivas de alguns destes temas, num contexto ligeiramente diferente, podem ser encontradas na obra de Campbell *The Masks of God: Creative Mythology* (Viking Press, Compass Edition, 1970), como, por exemplo, no capítulo III: "A Palavra atrás das Palavras", p. 83-171.

Capítulo VI

ENTENDENDO OS SÍMBOLOS

DA ESPIRITUALIDADE

*JUDAICO-CRISTÃ**

O cristianismo, da maneira como entendemos, é uma das três religiões mundiais. A primeira foi o budismo, que começou no fim do século VI ou início do V a.C. Supõe-se que o Buda viveu aproximadamente entre 563 e 483 a.C. O mais antigo registro do mito do Buda se acha no cânone Pali, em torno de 80 a.C, formulado no Ceilão cinco séculos depois e quinhentas milhas distante do local dos acontecimentos. Não se trata provavelmente de estrita biografia nem de modo algum daquilo que um moderno biógrafo desejaria ter conseguido.

Com Cristo tivemos os primórdios da segunda religião mundial. As datas referentes a Cristo estão aproximadamente entre 7 antes da era cristã e 30 d.C. Escolhi 7 a.C. porque este era o tempo do astro associado ao Seu nascimento, a conjunção de Júpiter e Saturno. Saturno é o astro de Israel, do qual vem o nome *Sábado*, Júpiter é o astro da realeza, e a conjunção de ambos no signo de Peixes — Peixes estava extremamente vivido em 29 de maio do ano 7 a.C. — identifica esse astro com aquele que figura no relato dos Magos. Não há, todavia, razão para que acreditemos que Cristo nasceu nessa exata ocasião e que os Magos chegaram, ou qualquer outra coisa dos outros eventos supostamente históricos.

A terceira das religiões mundiais é o Islã, cujo início é associado à Hégira no ano 622 A.D. O que une essas religiões mundiais, em contraposição às que podem ser chamadas de *as religiões étnicas*, é o fato de serem religiões de caráter confessional ou de credo. Dependem de crença e profissões de fé. Religiões como o hinduísmo, o judaísmo ou o xintoísmo não são religiões de credo, mas de nascimento. Representam ordens inteiramente diferentes de religiões, uma vez que as primeiras são de credo e as últimas, étnicas.

Devido a essa base de credo do cristianismo, que nada tem a ver com origem étnica, o tema do *nascimento virginal* desempenha um papel na vida do *salvador*. Disso não se segue que Jesus literalmente nasceu de uma virgem ou que Ele caminhou sobre as águas ou voou pelo ar. A biografia de um salvador mitológico é ela mesma uma afirmação em imagem do sentido da doutrina. Torna-se inerente à personalidade do salvador-herói, do mesmo modo que as lendas se tornam inerentes a todas as grandes figuras. A guisa de exemplo, tome-se Abraham Lincoln,¹ que era conhecido como um grande contador de piadas.

Dentro de dois ou três decênios depois de sua morte, qualquer um que tivesse uma boa piada para contar a atribuí-a a Abe Lincoln. Coisa análoga acontece com as muitas anedotas a respeito da

¹ Abraham Lincoln (1809-1865), político norte-americano abolicionista do partido republicano. Foi o décimo sexto Presidente dos E.U.A. (1861-1865). Morreu assassinado. (N.T.)

honestidade de George Washington.² Aderiam, como limalhas de ferro a um ímã, ao conjunto de fatos e tradições ligados à sua integridade. Apresentam-se como um grande número de testemunhas da grandeza do homem, e sua exatidão histórica é destituída de importância.

Pessoas detentoras de um certo valor e especial força de caráter atuam muito semelhantemente a ímãs com os materiais míticos que estão sempre a flutuar no ar. À medida que se tornam aderidas a essas figuras, se transformam em constelações em torno delas, iluminando seu caráter e seu ensinamento. A biografia do *salvador* é, portanto, um caminho para descobrir qual é, afinal, o ensinamento do salvador. Há, entretanto, um certo *mythos* básico do salvador que habita a atmosfera da construção da história humana. Conta-se com este *mythos* em todos esses casos. Podemos observar essa narrativa vinculada ao Buda e a Cristo, os temas dos relatos de suas vidas são espantosamente próximos. No entanto, uma outra tradição está presente na Índia, qual seja, os salvadores dos *jainas*. Há vinte e quatro salvadores do mundo (*Titankas*) ou construtores (*Tirthankaras*) da passagem à *praia mais distante*. Suas biografias encerram também os elementos do *mythos* do salvador encontrados naquelas do Buda e de Cristo. Examinemos agora alguns desses temas comuns e familiares.

O nascimento virginal

O primeiro desses temas é o *nascimento virginal*. Este mito aparece não apenas nas vidas das grandes pessoas como também naquelas de muitas figuras sumamente menos importantes. As divindades gregas geravam filhos nas ninfas; essas concepções, visto serem os pais divindades, são realmente *nascimentos virginais*. Na lenda, esse nascimento miraculoso se torna reduzido ao pai se encontrar morto. Na tradição céltica, muitos contos falam do guerreiro ou herói que parte para a batalha, mas antes de fazê-lo gera um filho. O herói morre e assim o filho nasce sem pai, e isto é considerado como um nascimento virginal. Entre os índios americanos, são típicas as narrativas de jovens mulheres que concebem pelos raios do sol. Quando a criança cresce e se torna um rapaz, ele pergunta: "Quem é meu pai? Onde está meu pai?" E a mãe diz: "Não sei, é impossível que vás em busca de teu pai. Ele é o Sol". Apesar disso, o rapaz se põe a procurar seu pai. Esta procura do pai desconhecido, esta busca do pai, é um tema intimamente associado ao tema do *nascimento virginal*.

James Joyce lidou de maneira muito interessante com esse tema em *Ulisses*. Stephen Dedalus está em busca de seu pai espiritual. Ele sabe quem é seu pai terreno, mas tem que descobrir quem é seu pai espiritual. Quem foi que lhe concedeu o seu caráter? Qual é o símbolo daquele fundamento ou fonte de seu ser com o qual seu sistema-ego consciente tem que pôr a si mesmo em relação? Esse pai espiritual não é necessariamente o pai físico.

Há então toda uma tradição de mitologias envolvendo o progenitor espiritual e o filho que precisa ir em busca desse pai. Não se trata sempre de um *nascimento virginal* num sentido físico. O nascimento do Buda não é exatamente um *nascimento virginal*, ainda que a rainha Maya³ seja apresentada freqüentemente como uma virgem. O Buda *nasce* do flanco de sua mãe, de sorte que, mais

² George Washington (1732-1799), político do partido federalista e primeiro Presidente dos E.U.A. (1789-1797). (N.T.)

³ Devaki. (N.T.)

uma vez, não se trata de um nascimento físico, mas da representação de um nascimento espiritual. *Este nascimento virginal*, como podemos notar amiúde, é um renascimento espiritual interior no nível do coração. Este nascimento é obtido por adolescentes nos ritos de puberdade através dos quais eles morrem como meninos e renascem como homens jovens. Na nossa própria tradição temos uma tendência a concretizar as coisas, de modo que esse *nascimento virginal* se torna um problema em muitos níveis, inclusive no biológico. Pode uma criança nascer de uma virgem? Se isto não é possível, concluímos que Jesus não nasceu de uma virgem. A Igreja católica enfatiza o caráter histórico e físico do nascimento virginal, dizendo que a virgindade de Maria foi restaurada após o nascimento de Jesus e faz disto um artigo de fé.

Acontece algo em muitas narrativas da Índia. Foi dito que o formidável santo Vyasa, que foi chamado de o Homero daquela terra, e foi ainda mais do que isto, nasceu de uma virgem. Mas tratava-se de um tipo muito incomum de virgem, que, conforme a narrativa, tinha ela mesma nascido de um peixe em circunstâncias extraordinárias (é significativo notar que Cristo, nascido de uma virgem, também foi associado à imagem do peixe).

A ocasião tinha muito de hindu. O avô de Vyasa, Vasu, acabara de casar e alguns parentes que estavam numa caçada o visitaram e o convidaram para caçar na noite de seu casamento. Na Índia constitui um pecado não manter relações sexuais com a esposa quando se considera estar ela pronta para ser fecundada. Equivocadamente, eles pensavam que esta condição ocorria logo após o período da menstruação. De qualquer modo, precisamente na noite em que se suponha estar ele com sua esposa, seus parentes o convidaram para uma caçada, e Vasu a eles se juntou acreditando que era seu dever, ou *dharma*, ao qual era devotado, fazer o que os parentes queriam. Enquanto Vasu se achava na floresta, num ambiente de grande beleza, com árvores floridas, uma idéia muito erótica ocorreu a sua mente, e ele experimentou um orgasmo, conseguindo depositar o sêmen numa folha. Entregou esta folha com o esperma a uma ave para que esta o levasse a sua esposa para fecundá-la, mas a ave foi atacada durante o voo por um falcão e a valiosa carga caiu no rio Ganges, onde foi tragada por um peixe fêmea que foi imediatamente fecundado. Este peixe foi apanhado por um pescador e, ao ser aberto, foi encontrada em seu interior uma garotinha.

Ela cresceu transformando-se numa bela moça, mas tinha um terrível cheiro de peixe e, a propósito, foi-lhe dado o nome de *Cheiro de Peixe*. O pescador que a apanhara deu-lhe o trabalho de barqueira, ou seja, de transportar as pessoas através do rio. Toda esta história, evidentemente, é simbólica. Assim, esta moça, *Cheiro de Peixe*, transportava as pessoas de uma margem a outra do rio. Um grande iogue no barco se sentiu subitamente dominado pelo desejo, e no meio do Ganges propôs a ela que mantivessem relações. Ela objetou: "Não, as pessoas estão olhando das margens".

Mas o iogue replicou: "Ora, isto não é nada, farei surgir uma névoa".

A névoa desceu sobre eles e ela disse: "Além do mais, sou virgem e assim não seria correto. Meu pai não gostaria disso".

Ele disse: "Bem, sou um iogue e posso restaurar sua virgindade. Isto é fácil". O caso amoroso aconteceu então e ela continuou com seu trabalho. Quando chegou a hora do parto, ela foi para uma pequena ilha e deu à luz um menino cujo nome, é claro, é Vyasa. O menino se tornou esse maravilhoso santo. Logo que nasceu, ele disse: "Quando precisar de mim, basta pensar em mim, mãe, e eu aparecerei". Depois disso, ele, o bebê, entrou na floresta.

A narrativa prossegue relatando algumas das horrendas experiências da mãe e a vinda de Vyasa finalmente para salvá-la. O ponto principal, entretanto, é que essa narrativa é antiga e familiar, o tema do *nascimento a partir de uma virgem* fecundada de maneira mágica por um iogue ou por um santo. Encontra-se também na lenda cristã num ponto destacado. E o mito do nascimento de um grande líder espiritual, e nada tem a ver com a biologia. Afirmar tal coisa, contudo, não diminui mas amplia sua significação religiosa. Trata-se da conotação de uma metáfora que, quando restringida à denotação, conduz a uma argumentação e não ao assombro.

A gruta

O tema do nascimento em uma gruta é também antiqüíssimo. Este símbolo está associado particularmente ao solstício de inverno, quando o sol alcança o ponto mais extremo da declinação terrestre e a luz se acha no nadir do abismo. Tal é a data do nascimento do deus Mitra, que é senhor da luz. Ele nasceu — lembramos que sua mãe é a Terra — empunhando uma arma talhada na rocha. Mitra foi o principal concorrente do cristianismo durante os três primeiros séculos da era cristã. A data do natal foi estabelecida em 25 de dezembro, que era a época do solstício, a fim de instaurar a competição com o Senhor da Luz, Mitra. Ninguém realmente sabe quando Cristo nasceu. Foi determinado que fosse 25 de dezembro por razões mitológicas, não históricas.

A gruta sempre foi o cenário da iniciação, onde ocorre o nascimento da luz. Aqui também é encontrada toda a idéia da gruta do coração, a câmara escura do coração, onde aparece pela primeira vez a luz do divino. Esta imagem também está associada ao emergir da luz do abismo do caos primitivo, de modo que se percebe as profundas ressonâncias desse tema.

Existe um clima agradável em torno da cena da *natividade*. As primeiras esculturas da cena da natividade são encontradas nos sarcófagos dos séculos II e III. Uma das mais antigas mostra o menino na manjedoura circundado pelo asno, o boi e os Magos. Originalmente, o natal e a visita dos magos eram coisas idênticas. Os Magos, neste caso em particular, estão usando o chapéu do deus Mitra, que possui o formato aproximado do gorro francês. Eles são *magos*, quer dizer, são sacerdotes do Senhor Mitra. O asno, naquela época, era o animal simbólico de Set, e o boi era o animal simbólico de Osíris. Lembremos o conflito dos deuses egípcios Set e Osíris e que Set matou seu irmão Osíris.

Ali vemos os animais de Set e Osíris reconciliados no menino Cristo. Estes dois poderes, um da luz e outro das trevas, estão nele unidos. Estão Lhe dando seu alento, tal como Deus dava alento ao Seu espírito. As figuras de heróis mais antigas com isso concedem seu poder aos mais jovens, e os Magos, representando Mitra, se unem a eles em torno do novo Rei. Naquela pequena cena do natal lê-

se a afirmação de que as figuras salvadoras mais antigas, Osíris e seu irmão Set, bem como Mitra, estão reconhecendo Cristo pelo que Ele é.

Nesse mesmo retrato mais antigo, já encontramos a idéia católica de que os mitos mais antigos são prefigurações dos novos. Esse particular arranjo naquela pequena cena não podia nos séculos II e III ter sido objeto de equívoco para ninguém no sentido de significar qualquer coisa mais. Na Alexandria, o culto de Osíris e Set ainda se achava a pleno vapor. A mais antiga retratação da crucificação de que dispomos está na parede de uma escola para meninos em Roma. Pertence ou ao século II ou ao III e exibe uma figura masculina com uma cabeça de asno, crucificada. A inscrição diz "Jimmy", ou algo equivalente, "cultua este deus". Obviamente, havia um pequeno menino cristão na escola e seus amiguinhos estavam abusando dele e o provocando.

Proveniente do Egito, exatamente do mesmo período, dispomos de um retrato de Set crucificado. Set matou Osíris. O filho de Osíris, Hórus, então, travou uma grande batalha contra Set. Set não é retratado exatamente crucificado. Ele está amarrado ao poste dos escravos, com as mãos atrás das costas, ajoelhado e com facas nele cravadas. Juntamente com seus quatro filhos, Hórus, que acabou de cravar as facas nele, está na sua frente. Atrás de Set e na frente de Hórus está Osíris, e atrás deste está o boi. E Set é representado como tendo cabeça de asno. Ali encontramos o asno e o boi nas mesmas datas especificamente associadas com Set e Osíris. Acrescente-se que na tradição hebraica um dos animais associados a Yahvé (Jeová) era o asno. Ele é também associado ao planeta Saturno, que é o planeta de Israel. Essa pequena cena da crucificação e suas circunstâncias ligadas ao asno e ao boi contam uma e mesma história.

A criança

Temos então o relato e a imagem do nascimento dessa criança maravilhosa num cenário ricamente evocativo. Examinemos outros aspectos dele. Constitui também um antigo relato não haver lugar na hospedaria. Outro é aquele do exílio da criança, ou seja, do menino levado para longe, uma vez que o novo mundo nasce fora do domínio do velho. O *massacre dos inocentes* constitui outro importante tema ligado ao nascimento do salvador.

O relato que exibe o mais flagrante paralelo com o cristianismo é o do nascimento de Krishna. O mundo fora dominado por um grande e brutal tirano, o rei Kansa, que tinha uma sobrinha. Kansa soube de uma profecia segundo a qual o rebento de sua sobrinha, um menino, viria a matá-lo. Diante disso, ele ordenou que o palácio dela fosse vigiado e a sobrinha e o marido confinados. Ela deu à luz a muitos filhos, mas à medida que cada um nascia, era morto por Kansa. Finalmente nasceu Krishna⁴ e seu pai, Vasudeva, o pegou à noite, cruzou o rio com ele e o deixou no leito de uma mulher que acabara de dar à luz uma menina.

Apanhou a menininha, trouxe-a, sempre sem ser observado, para sua casa e a entregou à sua esposa. Ao ouvir o choro da menina, o tirano entrou no quarto, tomou-a em seus braços e, uma vez

⁴ Krishna é a oitava encarnação do deus Vishnu, o segundo deus do Trimurti do hinduísmo, ou seja, o deus que *preserva* o universo *criado* por Brahma para um ciclo no tempo, até que Shiva o *destrua* para a recriação do universo por Brahma e assim sucessivamente. (N.T.)

fora do palácio da sobrinha, arremessou a criança contra uma rocha. Mas, em vez de despedaçar-se pelo impacto violento contra a rocha, a menininha se elevou no ar e, ampliando-se, assumiu a forma de uma deusa enorme de oito braços, *Mahamaya*, que escarneceu de Kansa e se dissolveu no ar. Extremamente irado, Kansa ordenou que todos os bebês do sexo masculino com menos de um e dois anos fossem mortos. Eis aí o *massacre dos inocentes*.

O que esse relato parece representar é o rei-tirano, o *velho monstro*, que se agarra firme ao poder, e insiste em perpetuar-se no *status quo*, representando a dominação do princípio do ego, que se recusa a ceder e a abrir-se ao novo princípio, que aniquila o antigo e gera o novo. O tirano tem, então, que ser morto. E ele é finalmente vencido pelo herói que cresceu no exílio. São elementos cuja presença detectamos antes: a criança exposta ao perigo, substituída por uma criança com pais trocados cuja vida é ameaçada pelo rei-tirano e que retorna para sobrepujar o poder deste último e trazer algo novo ao mundo.

Nesse tema do *massacre dos inocentes* no âmbito da narrativa da infância, encontramos todo o tema da perseguição, do rei-tirano e do novo salvador que o supera. Todo este conto constitui uma narrativa mitológica muito familiar. O que evoca, como o faz com Cristo, é o nascimento de um novo rei em algum outro lugar, fora da esfera dos poderes existentes vigentes, e a superação, em última instância, desses poderes por meio desse novo rei.

Fuga para o Egito

O tema seguinte é a *fuga para o Egito*, na qual os pais adotivos são Maria e José. Mais uma vez temos o pequeno asno, sobre o qual o Cristo e Sua mãe cavalgam até o Egito. Nesta lenda de Cristo encontramos uma repetição da história da raça judaica sob uma forma interessante. Já que os judeus saíram do Egito, Jesus também tenta sair do Egito. Vai então para o deserto e lá fica durante quarenta dias, tal como os judeus ficaram no deserto durante quarenta anos, nos proporcionando uma reprodução microcós mica da grande história da raça judaica. O cristianismo era, até o surgimento de Paulo, considerado simplesmente como uma renovação dentro do próprio judaísmo, e não alguma coisa para os gentios.

A criança como mestre

Normalmente, em tais lendas, jovens heróis se envolvem em grandes façanhas infantis: Hércules mata serpentes quando criança no berço, e um após outro os heróis realizam as proezas que constituem presságios e prefigurações das obras de suas vidas. Uma vez que Cristo era para ser o preceptor do mundo e o mestre espiritual, Sua façanha infantil foi a de ensinar os sábios no templo naquela esplêndida oportunidade quando seus pais tiveram que ir a Jerusalém para o censo. Cada um deles pensa que Cristo está com o outro quando, de fato, Jesus está ensinando os sábios no templo. José e Maria ficam muito ansiosos e perguntam: "Onde está o pequeno Jesus?" Há um claro tema herói-façanha. Os homens e mulheres sábios no templo reconhecem Jesus como o *salvador*. Este

evento é seguido pela breve cena do *nunc dimittis*: "Agora eu vi o salvador do Senhor, ó Senhor, quero morrer. Tomai-me".

Também encontramos façanhas infantis na vida do Buda, com uma estrutura psicológica muito forte, tais como se apresentam na narrativa do nascimento de Jesus. Na lenda do Buda, um iogue se aproxima e vê os trinta e dois sinais nas mãos e no corpo do Buda. Ele diz: "Serás um rei do mundo ou um mestre do mundo". Igualmente, no que toca a Jesus, existe a idéia do reinado e a idéia de um salvador do mundo. O pai do Buda era um rei e, assim, não queria que o menino se tornasse um mestre do mundo. Ele o criou e educou num ambiente cercado de proteção, com belas moças para entretê-lo e longe do que é desagradável. Quando o rapaz se transformou em algo semelhante a um cadáver e se tornou ciente dos desejos do mundo, inexperiente como era, foi duramente atingido e teve que se ajustar e assimilá-los. Você não tem nada disso em Cristo. Então o Buda vê um iogue e diz: "Eis aqui um homem que buscou obter a libertação de todos os desejos", e o Buda avança.

Tal como o Buda se dirige aos maiores mestres de seu tempo, os entrevista e, então, a todos supera, do mesmo modo Cristo se dirige ao maior mestre do seu tempo, João Batista, é batizado e iniciado por ele e, em seguida, o supera. O que dizer acerca de João Batista? Sabemos agora, com base nos *Manuscritos do Mar Morto*, do extraordinário período na história do judaísmo, no século II a.C, quando ocorreu a revolta dos macabeus. Os gregos, devido à sua tendência ao sincretismo, segundo a qual identificavam esse deus com aquele deus, haviam combinado ou harmonizado as religiões do Oriente próximo. Com isso ocorrera um casamento entre Oriente e Ocidente, e Antíoco tentava então ajustar a tradição hebraica à grega. Naquele século existia tanto um intenso movimento da parte de muitos judeus no sentido de helenizar quanto muitas reações no sentido de preservar as antigas tradições. O principal movimento desta última tendência provinha dos filisteus. Os saduceus se adaptavam muitíssimo mais à helenização, e os dirigentes judeus eram eles próprios agentes da helenização.

Antíoco acreditava na exeqüibilidade da helenização. Todavia, o oficial e a guarda que foram enviados para erigir e oficializar o clássico altar grego no templo foram exterminados, o que fez irromper uma rebelião da população comum. Esta história doméstica incluiu a transferência de liderança de irmão para irmão até que esta passou para alguém não pertencente à Casa de Davi, violando princípios judaicos. O líder seguinte, inclusive, assumiu para si o sacerdócio, o que constituía uma violação ainda mais grave. Enquanto isso, o mundo alexandrino estava desmoronando, os persas estavam em ascensão e Roma avançava. Judas Macabeu impôs regras enérgicas sobre a comunidade judaica e ocorreram insurreições sangrentas contra isso, seguidas de um êxodo de Jerusalém. Supõe-se que é provavelmente esse o período da fundação da seita *Quimran* no Mar Morto, porque as datas correspondem, a saber, por volta de 110 a.C. De uma maneira ou outra, a situação que se formava parecia aquela já prevista para o fim do mundo: pessoas reivindicando o sacerdócio e que não deveriam tê-lo, reivindicando a realeza e que não deveriam tê-la, guerra acompanhada de obscenidades e brutalidades de toda ordem se via em toda parte. Um movimento apocalíptico surgiu com muita

força anunciando o fim do mundo, proclamando a iminência do ano derradeiro, o aniquilamento do mundo e a sobrevivência seria reservada apenas aos absolutamente puros e justos. A comunidade dos essênios, cujos membros antecipavam o acontecimento vindouro da chegada do Messias, foi fundada na contramão dessa conjuntura.

O Messias

A idéia do Messias como arauto do Apocalipse foi adotada pelos hebreus a partir dos persas. A velha idéia judaica do Messias nada tinha a ver com o fim do mundo, mas com um rei que restabeleceria Israel entre as nações. Alguns rabinos do período talmúdico julgaram ser Ezequias o Messias, e que este falhara em sua missão messiânica. Outros classificaram como Messias Ciro, o Grande, que era para reinstaurar Israel politicamente. O ideal persa era o de um mundo corretamente criado que fora atingido pela queda, e do primeiro homem, Gyamat, cuja desintegração fora causada pelo poder do mal; de um grande mestre, Zaratustra ou Zoroastro, que iniciou a restauração do mundo rumo ao bem, e de uma última guerra, *Armagedon*, que irromperia no ano do fim do mundo; um Messias eliminaria então completamente o poder do mal e instauraria um novo mundo. Esta idéia foi, então, por ação dos hebreus, combinada com a idéia do Messias nacional, tendo sido ensinada pelos essênios e por João Batista.

A comunidade dos essênios estava localizada no Mar Morto. Bem ao norte ficava o Jordão, em cujas águas João ministrava o batismo. O ritual do batismo é exatamente o rito do segundo nascimento. O próprio Cristo diz: "Aquele que não renasce na água e no espírito não pode entrar no Reino do Céu". João, que parece ele mesmo ter sido algum tipo de essênio, possuía discípulos que se submetiam a um ritual de iniciação pelo batismo, o que mais uma vez sugere a idéia do peixe. O próprio Cristo se refere aos seus apóstolos como *pescadores de homens*. O anel do papa ostenta o tema do peixe, e os cristãos primitivos eram retratados como peixes que nasciam da água, como pequenos peixes apanhados pelo pescador. Dispomos também do tema do batismo de Cristo, que desce às águas e renasce.

Fosse qual fosse a mensagem pregada por João, a conclusão necessária não é que quando ele disse "Venho para pregar a alguém do qual sou indigno de desatar as correias da sandália" se referia especificamente a Jesus Cristo. Referia-se ao Messias. Quando Jesus surgiu, foi Ele quem finalmente recebeu a designação de Messias da comunidade cristã. Desconhecemos o que ele aprendeu com João. Houve seitas cristãs posteriores que consideravam que Jesus se tornou o Salvador, o Messias, na ocasião de seu batismo ministrado por João. Os céus se abrem, no relato da Escritura, e a voz profere: "Este é meu filho amado no qual me regozijo". Entendida metaforicamente, essa narrativa nos conta que Maria não proporcionou literalmente o nascimento virginal a um *salvador*, mas que deu a Jesus um nascimento normal, que se tornou o veículo do *Logos* naquele momento particular. Este evento é combinado mais tarde com a partida do *Logos*, naquele mesmo momento comovente em que Cristo na cruz indaga: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" Naquele momento Deus realmente o

abandonou, e novamente tudo que morreu foi Jesus na cruz, não o Cristo. Esta interpretação foi dada pelos nestorianos que, seguidores de Nestório, bispo de Constantinopla (*circa* 428-431 A.D.), sustentaram a condição humana masculina de Cristo, questionando a divindade do menino Jesus porque esta parecia fazer de Maria uma deusa.

O desdobramento seguinte requer nossa atenção. Depois de ter se dirigido ao maior mestre, Jesus parte sozinho para o ermo. Esta jornada é paralela à do Buda, que após ter estudado com sucessivos mestres, partiu para sua própria busca silenciosa. Cristo permanece quarenta dias no deserto, e durante este período é submetido à Grande Tentação.

Que se lembre a significação da escolha de Milton⁵ no *Paradise Regained* em identificar a *redenção* não com a *crucificação* mas com a superação por Cristo das tentações no deserto. A rejeição e triunfo sobre a tentação do mundo simbolizaram a transcendência de Cristo ao domínio de Herodes e seu governo terreno. Cristo nega a vida somente em relação à economia, à trajetória do triunfo político e do eu espiritual cheio de si que traria deslumbramento a outros mediante seu poder. Cristo responde ao último convite sedutor dizendo ao Demônio: "Não tenta o Senhor, teu Deus". Em outras palavras, permaneça sobre o chão e não pense que você é puramente espiritual, não esqueça que é espiritual e material.

Tendo vencido estas três tentações, Cristo atinge Sua compreensão, qual seja, Sua ciência de quem Ele é, ainda que não haja sido comunicado a nós o efetivo atingir da compreensão, da maneira que nos foi no caso do Buda. O tentador do Buda, como observamos, era *Kama Mara*, palavras do sânscrito que significam luxúria e morte. Tentado no sentido do dever social, ou ação política, o Buda finalmente se limitou a tocar o solo com as pontas dos dedos, e a própria Deusa-Mãe disse: "Este é meu filho amado, que através de muitas existências tanto deu de si mesmo, que não há ninguém aqui, tendo ele direito a este lugar". O exército do tentador foi disperso e naquela noite o Buda alcançou a iluminação sob a árvore *bodhi*.

Em ambos os casos constatamos o *salvador* superando os mais elevados mestres da época, vencendo o tentador, que representa compromissos e bloqueios psicológicos, atingindo sua iluminação e, então, partindo para o ensino. Vemos que Cristo, depois de Seus dias no deserto, retorna ao mundo e imediatamente começa a designar Seus apóstolos como *pescadores de homens*.

Essa narrativa, como sugerimos, evoca a tradição órfica, que tem a ver com a pesca de almas e a idéia de que o mundo no qual vivemos é, de certa maneira, as águas do mar. A capacidade da água de refletir ao inverso as formas do mundo celestial nos outorga um sentido básico desse símbolo, pelo qual podemos conceber a vida num mundo-espelho, quer dizer, nele tudo é o reverso daquilo que é no Céu. O salvador nos arranca desse domínio para o domínio da luz e experiência autênticas e válidas. Há, que o repitamos, um incisivo tema do pescador em todas essas narrativas ligado de várias maneiras à imagem do Cristo.

⁵ John Milton (1608-1674), poeta inglês. (N.T.)

Milagres

Examinemos agora com brevidade os *milagres*, tais como aquele em que Cristo caminha sobre as águas. Muitos deles são repetições dos milagres de Elias e Elisha, como se pode facilmente descobrir pela releitura dos capítulos a eles concernentes no Velho Testamento. Encontramos lá os mesmos milagres, inclusive a ressurreição dos mortos, a cura dos enfermos e o caminhar sobre a água. O Buda também caminha sobre as águas em muitas ocasiões, e esses relatos nos trazem à mente uma esclarecedora anedota indiana acerca de caminhar sobre a água.

Um discípulo um dia se atrasou ao encontro com seu guru, e ao chegar este lhe perguntou: "Está atrasado. Por que?"

O discípulo respondeu: "Bem, moro do outro lado do rio e o rio inundou, de forma que não consegui chegar aqui a tempo. Não foi possível atravessar pelo vau, como faço sempre, e não há ponte, como o senhor sabe, e também não há barco".

"Bem", disse o guru, "e como acabou chegando?"

Ele disse: "Bem, me pus a pensar: 'Meu guru é o veículo da luz. E como se não houvesse ninguém lá; ele é simplesmente um portador de luz. Vou meditar sobre meu guru. Vou me apagar tal como ele se apagou, e caminharei assim através da água'. E, assim, eu disse 'guru, guru, guru', e aqui estou".

Ora, o guru por certo pensou "Que extraordinário!" Mas depois que o estudante se foi, ele não conseguia tirar aquela história da mente. E pensou, "Bem, vou tentar isso", e desceu até o rio. Certificando-se de que ninguém estava observando aquele curioso experimento, ele se retraiu em torno de um ponto de meditação, e dizendo "eu, eu, eu" entrou na água e se afogou.

O significado dessa narrativa e dos milagres é que, como o espírito flutua sobre as águas, todo aquele que tenha se espiritualizado inteiramente pode fazer o mesmo. Este tipo de presunção espiritual é precisamente aquele que o próprio Cristo superou quando conduzido ao topo da montanha pelo tentador. Cristo deliberadamente rejeita demonstrações espetaculares de poder externo a favor de algo mais profundo.

De qualquer modo, os *milagres* na lenda de Cristo são padrões, do que não se conclui que não aconteceram, porque é certo que, como tem sido provado continuamente, curas miraculosas podem ser realizadas através de pessoas de grande compreensão espiritual. Muito do que perturba as pessoas é, de alguma forma, puramente psicológico e, assim, elas reagem a intervenções espirituais. Muitas curas de enfermidades psicológicas podem ocorrer pela influência de pessoas espiritualmente iluminadas. É possível, portanto, que milagres sejam funções de espiritualidade profunda.

Entre os milagres nas Escrituras, há muitos que dizem respeito a pães e peixes e, como notamos, o tema dos pescadores de homens. Também observamos o batismo envolvendo o tema do peixe, não sendo, assim, demasiado extraordinário estar o Cristo associado ao peixe, e nas sextas-feiras a Igreja católica primitivamente requerer uma refeição de peixe, sexta-feira sendo o dia de

Freya, ou dia de Vênus, cuja criatura é o peixe. Se examinarmos tudo isso juntamente com a imagem da estrela e os outros símbolos, entenderemos que a narrativa de Cristo é contada em termos metafóricos, mitológicos, exatamente a partir de uma data muito primitiva.

A última ceia

Chega-se, então, ao grandioso assunto da experiência extrema de Cristo da *última ceia* e da *crucificação*.

É impressionante observar a colocação das festas da Páscoa e da *Pesach* judaica juntas na data que fora a da morte e ressurreição de Adônis, ou seja, em torno de 25 de março. A gruta na qual se supõe que Jesus nasceu em Belém foi também a gruta do nascimento de Adônis. As religiões e mitologias cristãs e gregas são orientadas individualmente, e nelas os indivíduos identificam a si e a sua salvação com a figura de um herói específico, Adônis, Cristo ou algum outro.

Na tradição judaica, contudo, não se encontra tal figura. Observa-se nela a lenda da passagem dos judeus ao Egito, e a saída dos judeus do Egito. Quando saem do Egito, entretanto, eles o fazem através da água, atravessando o Mar Vermelho. Lembramos que haviam entrado no Egito através de José, que penetrou num poço. Embora o poço estivesse seco, ainda assim é um poço, uma fonte d'água. Assim, descobrimos o entrar na água e o sair da água, o tema do batismo e o tema do peixe. Toda a constelação familiar dos símbolos está aqui.

Quem sai da água? E quem entrou na água? Foram os Patriarcas que entraram na água. E foi o povo que dela saiu. Moisés não é o herói. O herói é o povo judeu. Moisés é o condutor do povo e ele mesmo não adentra a *terra prometida*. É característico da tradição hebraica dever ser a raça judaica a coisa sagrada no mundo, a coisa preciosa, santa. E o nascimento nesta raça é, como observamos, a grande e boa fortuna. Nas tradições gregas e cristãs, não se trata de alguém pertencer a uma raça, mas de alguém ser um indivíduo que logrou uma certa transformação da psique através de uma forma de confissão. Esta última é uma transformação psicológica, dando uma clara ênfase ao indivíduo. O significado desses temas é essencialmente o mesmo: o emergir da coisa nova, o novo ser a partir da terra da lama. O Egito era considerado a terra da lama, terra da carne, como partes do Egito constituem o domínio abissal na tradição hebraica. Deste brota tanto a sabedoria quanto a dor, e os judeus emergem do Egito como a jóia emerge das profundezas e como o salvador emerge da tumba. Assim, a *Pesach* e a Páscoa e a Ressurreição de Adônis são todas símbolos do nascimento da auto-imagem das trevas mais primitivas.

Judas

No legendário bíblico bem como naquele dos jainas, desemboca-se sempre no coadjuvante que se contrapõe à figura do herói. E há, no fim, uma reconciliação. O coadjuvante é também salvo. Na lenda cristã, Judas é mantido à parte.

Seria possível, todavia, contemplar a cena da *última ceia* de um modo bastante distinto daquele no qual é geralmente contemplada. Quando Cristo toma o pão, o mergulha na tigela e diz:

"Aquele a quem entrego este bocado me trairá", trata-se de uma profecia ou de uma designação? Penso que se trata de uma designação. Sugere, inclusive, que o elegível para aquela designação era o mais desenvolvido do grupo, isto é, aquele que realmente compreendia o sentido do que estava acontecendo. Judas é o parteiro da salvação, o coadjuvante de Cristo. É ele que O entrega à Sua morte, e ele próprio morre nas sombras. Ele é a sombra de Cristo. Na figura de Cristo temos esse tema da sombra o tempo todo, o coadjuvante contra a luz do mundo. E impossível que você tenha luz sem sombra; a sombra é o reflexo da figura da luz.

Há um outro ponto interessante acerca do pequeno grupo de apóstolos eleitos por Cristo. É de se lembrar o que ele disse a São Pedro: "Pedro, tu não compreendes coisas espirituais, de ti farei o chefe de minha igreja". O mesmo ocorre na lenda do Buda. O papel de Ananda, o desajeitado servo de Buda, seu parente e uma pessoa encantadora, como no caso de São Pedro, é o daquele que nunca se sai exatamente bem com as coisas e que é transformado no chefe da igreja.

Na tradição budista também há a terceira figura, que é um ferreiro. Os ferreiros são tidos como magos, homens de grande poder porque capazes de transmutar pedra em metal. Ele convida o Buda para acompanhá-lo numa refeição de carne de porco, e o Buda morre devido a esta refeição.

Você pode lembrar dos mitos, tabus e rituais que concernem aos suínos. Adônis foi morto por um javali que o penetrou com suas presas; Osíris foi morto por Set quando este caçava um javali, e a lança que perfurou o flanco de Cristo foi comparada por muitos com a presa do javali, porque perfurar Seu flanco foi um ato completamente supérfluo. Assim o Buda foi morto por um javali, pelo suíno. Nestes símbolos, ocorre claramente a continuidade dos elementos das tradições.

Crucificação

Qual, cumpre perguntar, é o significado máximo da própria *crucificação*? Por que Cristo teve que morrer? Existiam duas principais interpretações no período medieval.

A opinião de Gregório, o Grande, era de que com isso o Demônio foi ludibriado.

Quando o Homem caiu em poder do Demônio, este passou a sustentar uma pretensão legal sobre o Homem, rompendo a tradição da Criação. Como iria Deus recuperar o Homem? A idéia teológica é a de que Deus ofereceu o próprio filho em troca da alma do Homem. Trata-se da *redenção*. Através desta Deus resgata uma aposta, como se diria a respeito de alguma coisa que estava perdida, "Vou resgatá-la". Deus comprou a alma do Homem dando o Cristo ao Demônio, mas este não podia reter Cristo por ser este incorruptível e, conseqüentemente, o Demônio foi enganado.

Talvez você tenha visto aquele pequeno desenho que apareceu numa obra do século XII de autoria de uma freira. Mostra Deus pescando, a linha de sua vara de pescar é constituída pelos reis de Israel e o anzol é o crucifixo com o Cristo nele. O Demônio a ser apanhado é Leviatã, o grande peixe. Eis, assim, a primeira teoria da redenção: Cristo é a isca, a cruz como o anzol e o Demônio enganado.

A segunda teoria é que Deus, o Pai, foi tão gravemente ofendido pelo pecado de Adão e Eva que fora necessário realizar uma reparação ou expiação. A única reparação que equivaleria ao terrível

pecado seria possibilitada pelo próprio Deus, porque o Homem não estava pronto para fazer uma reparação no grau requerido. Assim, Cristo se tornou um homem para que o Homem pudesse se reparar perante Deus, através Dele, e então receber os benefícios dessa reconciliação, que não teria utilidade para o próprio Cristo. Ele os transfere para o gênero humano. Temos nesta teoria a conciliação vicarial e o benefício para a humanidade através do próprio Cristo.

A cruz

Por que, podemos agora perguntar, este sinal em particular tornou-se o distintivo de uma Igreja cristã? Perguntemos isto a alguém que o saiba -digamos, um membro da congregação. Sua resposta será, muito provavelmente, que esse sinal é uma referência a um acontecimento histórico: a crucificação de Jesus, que foi o fundador da religião representada na construção da igreja que agora exibe uma cruz no seu topo. Esta é uma forma de interpretar formas simbólicas, como referências a eventos históricos significativos.

Mas por que ou de que maneira tais incidentes são significativos? O que houve de tão significativo em torno desse particular evento histórico, o pregar na cruz desse personagem histórico, condenado à morte por sua comunidade pelo pecado da blasfêmia? A crucificação era uma forma comum de castigo naquela época. O que houve em relação a esse caso que transformou esse sinal que era indicativo de vergonha e desgraça num sinal designativo de uma igreja?

Há uma grande mitologia associada a essa crucificação específica, qual seja, aquela da redenção da humanidade dos efeitos mortais de um acontecimento calamitoso que ocorrera, de acordo com relatos, há muito tempo num período remotíssimo, *quando uma serpente falava*. Ao primeiro homem — o primeiro exemplo da espécie *Homo sapiens* -foi proibido por seu criador comer o fruto de uma certa árvore. Satã sob a forma de uma serpente o tentou, ou melhor, tentou sua mulher, que havia sido posteriormente formada a partir de uma de suas costelas, a comer dessa árvore proibida. O casal comeu e, por isso, tanto eles dois quanto sua descendência, toda a raça humana, foram tomados pelo Demônio como penhor. Só poderia ser redimida pelo milagre do próprio Deus na pessoa de seu Filho Eterno, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, tornando-se encarnado na pessoa daquele Jesus terreno que foi crucificado, não realmente por blasfêmia mas a fim de resgatar a humanidade em poder do Demônio. De acordo com esta interpretação, o propósito era atenuar a ira do Criador expiando pela morte a ofensa horrenda do primeiro ato humano de desobediência.

Está claro que a leitura histórica do emblema tornou-se aqui anômala, para não dizer mesmo bizarra, envolvendo a ação de uma serpente falante, um demônio e um deus encarnado. Tais não são os personagens de uma *história* a que se possa dar pronta credibilidade. A questão se torna ainda mais complicada quando percebemos e levamos em conta o fato de que nas selvas da Guatemala existe em Palenque um templo maia conhecido como o "Templo da Cruz", no qual existe um santuário exibindo para veneração uma cruz que é mitologicamente associada a uma figura de salvador, chamada pelos maias de *Kukulcan*, e pelos astecas de *Quetzalcoatl*, nome que pode ser traduzido por "Serpente

Emplumada", sugerindo ainda o mistério de um personagem que une em si mesmo os princípios opostos representados na serpente presa à terra e o vôo liberto de uma ave.

Ademais, como nos informam as Escrituras relacionadas a essa figura, ele nasceu de uma virgem, morreu e ressuscitou. É reverenciado na qualidade de alguma espécie de salvador que voltará numa *Segunda Vinda*. Todo este *mythos* introduz uma outra dimensão muito problemática no nosso problema de interpretar a forma simbólica da cruz, uma vez que deve ela agora ser reconhecida não simples ou isoladamente como uma referência a um evento histórico no âmbito de uma tradição, mas como um sinal simbolicamente reconhecido também em outras tradições, tendo significativa associação, ademais, com muitos temas simbólicos correlatos.

A figura da Serpente Emplumada ligada à Cruz, por exemplo, sugere imediatamente nossa própria continuidade bíblica Éden/Calvário. Além disso, no alto da cruz maia há uma ave postada, o *pássaro quetzal*, e na base da cruz há uma máscara curiosa, uma espécie de máscara mortuária. Uma grande quantidade de pinturas da crucificação provenientes do fim da Idade Média e do início da fase do Renascimento mostra o Espírito Santo acima, sob a forma de uma pomba, e abaixo da base da cruz uma caveira. O nome da colina da crucificação, como todos nós sabemos, era em aramaico *Gólgota*, e em latim, *Calvário*, o significado destas duas palavras sendo "caveira". Desconhecemos como os maias interpretavam sua máscara mortuária, mas, na lenda cristã medieval, dizia-se que a caveira da qual parece ter se desenvolvido a cruz, como uma árvore de sua semente, era a de Adão. Quando o sangue do *Salvador* crucificado caiu de Suas mãos e pés perfurados sobre ela, o Primeiro Homem foi, por assim dizer, retroativamente batizado, e com ele toda a raça humana. Se não tivesse havido *uma Árvore da Queda*, não teria havido uma *Árvore da Redenção*, nenhuma *cruz santa*, como era chamada a cruz na Idade Média.

A resposta, portanto, à nossa pergunta do porquê a crucificação de Jesus ter tal importância para os cristãos envolve um complexo de associações essenciais que não são, de modo algum, históricas, mas sim mitológicas, pois, com efeito, jamais houve qualquer Jardim do Éden ou serpente capaz de falar, nem o "Primeiro Homem" solitário pré-pitecantropóide ou o sonho como "Mãe Eva" invocado a partir de sua costela. Mitologia não é história, embora mitos como esse do Éden tenham sido amiúde mal interpretados como tal, e embora interpretações mitológicas tenham sido unidas a eventos que talvez tenham sido fatuais, tais como a crucificação de Jesus.

Examinemos, portanto, ainda mais o aspecto mitológico dessa forma simbólica.

Os que têm conhecimento dos mitos e folclore germânicos se lembrarão que no *Edda* islandês (especificamente no *Havamal*, versos 139-140 e 142) se conta que o Pai-de-Tudo Odin, a fim de obter a Sabedoria das Runas pendurou-se a si mesmo por nove dias na árvore do mundo, *Yggdrasil*.

*Na árvore que venta penso ter estado pendurado,
Ali pendurado noites afio até nove completarem;
Com a lança fui eu ferido e em oferenda estava eu,
A Odin, eu a mim mesmo,*

*Na árvore que ninguém jamais pôde saber
Qual a raiz que sob ela se desenvolve.
Ninguém trouxe-me a ventura do pão ou da cornucópia,
E lá embaixo eu olhei;
As runas tomei, num brado agudo e de riso estrepitoso as tomei,
E, incontinenti, para trás caí.
Então principiei eu a prosperar e sabedoria obter,
Crescia e o bem-estar experimentava;
Cada palavra a uma outra palavra me conduzia,
Cada feito a um outro feito.⁶*

Ninguém deixará de perceber aqui os paralelos com os temas do Evangelho das três horas de Jesus sobre a Cruz (3 x 3 = 9), a espada no seu flanco, sua morte e ressurreição e a bênção da redenção assim obtida. Os versos "e em oferenda estava eu/A Odin, eu a mim mesmo" são interessantes à luz do dogma cristão de Cristo e o Pai como Um.

Além disso, no alto de *Yggdrasil*, esta "Cruz santa" do padecimento de Odin, está pousada uma águia, como o pássaro *quetzal* no alto da cruz de Palenque, ao passo que nas suas raízes um "verme" ou dragão rói. Este último, cujo nome é *Nithhogg*, corresponde aí ao aspecto da serpente telúrica de *Quetzalcoatl*, o salvador. Há, adicionalmente, um maravilhoso esquilo chamado *Ratatosk* ("o de presas céleres"), que se mantém continuamente correndo para cima e para baixo do tronco, comunicando à águia lá em cima as coisas desagradáveis que o dragão está dizendo dela, e ao dragão lá embaixo as observações abusivas da águia. De uma maneira bem humorada, essa imagem sugere um processo psicológico que C. G. Jung chamou de "circulação da luz", de baixo para cima e de cima para baixo, ou seja, o ponto de vista do inconsciente transmitido ao consciente, e do consciente ao inconsciente. Há, ainda, quatro cervos que circundam perpetuamente *Yggdrasil*, mordiscando suas folhas com os pescoços inclinados, como as quatro estações do ano em torno da sempre viva *Arvore do Tempo*, consumindo-a; e, no entanto, ela cresce continuamente.

Yggdrasil, como aquela outra árvore, está sempre morrendo e simultaneamente crescendo. É a árvore giratória do universo, da qual irradiam as quatro direções, revolvendo como os raios de uma roda. E, assim, também a cruz de Cristo foi representada simbolicamente como no centro de uma mandala, tal como na imagem do Velho Testamento do Gênesis, 2:8-14, o Éden é descrito como "a árvore da Vida no meio do Jardim e a árvore do Conhecimento do bem e do mal", e como um rio, ademais, que se subdivide e se torna quatro rios que fluem em quatro direções.

Jung interpretou o simbolismo da mandala como fundado no que ele identificou como as quatro funções psicológicas básicas pelas quais apreendemos e avaliamos toda a experiência. Estas são a *sensação* e a *intuição*, que são as funções de apreensão; o *pensamento* e o *sentimento*, que são as

⁶ *Havamal* 139-142, *The Poetic Edda*, traduzido por Henry Adams Bellows (American-Scandinavian Foundation, Oxford University Press, 1923), p. 60-61.

funções de julgamento e avaliação. Uma vida governada por prudente providência pode ser desfeita pela insurreição do sentimento, tal como alguém dominado pelo sentimento pode, por falta de prudente providência, ser levado um dia ao desastre ("Nunca saias com estranhos!"). O diagrama cruciforme mostrado abaixo evidencia que, do ponto de vista das "quatro funções" de Jung, estamos lidando com as reivindicações e forças de dois pares de opostos, pois, como sentimento e pensamento se opõem, também se opõem sensação e intuição.

Sensação

Sentimento

Pensamento

Intuição

Pessoas cientes apenas das informações transmitidas por seus sentidos, isto é, apenas pelas mais óbvias realidades imediatamente presentes, podem se ver desapontadas ou aniquiladas por implicações não reconhecidas. Outras pessoas, sempre intuitivas de possibilidades e implicações, podem ser nocauteadas por um fato duro e presente. Na opinião de Jung, baseada no seu trabalho com pacientes, no moldar de nossas vidas tendemos a favorecer apenas uma das funções de cada par; estas podem ser sensação e pensamento, com o resultado de deixar a intuição e o sentimento subdesenvolvidos. Qualquer ativação das funções que não recebem atenção tende a ser experimentada como uma ameaça, e a ela é oferecida resistência. Ademais, se as funções a que se oferece resistência são subdesenvolvidas — "inferiores", como Jung as chama — são estranhas à compreensão que as pessoas têm tanto de si mesmas quanto do seu mundo. Sempre que realmente conseguem irromper, derrubam os controles, e com força compulsiva assumem o governo; resulta daí que o indivíduo fica "fora de si", e perde o controle.

É evidente, portanto, que em nossa vida cotidiana não passamos de pessoas pela metade, e que todas as sociedades realmente favorecem e promovem tal fracionamento direcionando moralmente nossos pensamentos, palavras e ações para o lado vicioso ou para o lado virtuoso de suas normas. Assim, no sistema cristão de formas simbólicas, no qual a cruz é central, o Céu fica em cima, para onde vão os bons, e o Inferno, embaixo, ao qual estão destinados os maus. No calvário, entretanto, a Cruz de Jesus ficava entre as do bom ladrão e do mau ladrão, o primeiro dos quais seria conduzido ao Céu, e o segundo ao Inferno. O próprio Jesus desceria ao Inferno antes de ascender ao Céu, visto que em seu caráter como Homem total, tanto eterno quanto histórico, e assim transcendente de todos os pares de opostos (macho e fêmea não menos do que bem e mal, como era Adão antes da *queda* e antes de Eva ter sido retirada de sua costela), Ele transcende em Seu ser todos os termos do conflito, sejam quais forem, mesmo aquele de Deus e Homem. Como Paulo declara aos filipenses (Fil., 2:6-11): "ainda que sob a forma de Deus, ele não considerava a igualdade com Deus como algo a ser apreendido [ou 'ao que se agarrar'], mas esvaziou-se a si mesmo, assumindo a forma de um servo, nascendo à semelhança dos homens. E tendo se visto sob a forma humana, ele se humilhou e tornou-se obediente ante a morte, mesmo a morte sobre a cruz. E, portanto, Deus excelsamente o exaltou e lhe

concedeu o nome que está acima de qualquer nome, e perante o nome de Jesus todo joelho deve se curvar, no céu e sobre a Terra e sob a terra, e toda língua confessar que Jesus Cristo é Senhor para a glória de Deus, o Pai".

Nesta bela passagem Paulo apresenta uma interpretação do Salvador como alguém unificador, como Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem, abarcando termos eternos e temporais, transcendendo (não "apreendendo"), e ainda assim para ser conhecido como ambos: como Cristo, Segunda Pessoa da Trindade e como Jesus, um homem que viveu uma vez, que nasceu e morreu na Palestina. Pregado na cruz como um homem historicamente vivo que é executado. Ele transcende a morte como transcende a vida. O simbolismo é óbvio: à Sua esquerda e direita estão os ladrões opostos, e Ele mesmo, no meio, descera com um, e com o outro ascenderá àquela altura da qual Ele já desceu. Assim, Cristo não está preso a nenhum dos termos opostos, nem à travessa vertical nem à travessa horizontal de Sua cruz, ainda que historicamente ele esteja realmente preso, mesmo crucificado, como todos nós estamos em nossas vidas. Nós, entretanto, através da fé em Sua imagem, somos libertados e "salvos".

Se interpretarmos essa metáfora da crucificação nos termos psicológicos sugeridos pela designação junguiana de sensação e intuição, sentimento e pensamento, será possível reconhecermos que em nossas vidas, no nosso viver temporal, histórico, estamos presos a um ou outro dos termos opostos de cada par e, conseqüentemente, a um conhecimento ou idéia do bem e do mal que nos consigna a viver como seres humanos parciais. A conclusão é que para ser libertado dessa limitação, temos, num certo sentido, de morrer para as leis da virtude e do pecado sob as quais se vive neste mundo, nos abrindo para um fluxo de energia e luz através de todas as quatro funções, embora permanecendo centrados no meio, por assim dizer, como a Arvore da Vida no Jardim, onde os rios fluem em quatro direções; ou como o ponto de intersecção das duas travessas da cruz, por trás da cabeça do *salvador*, coroada com espinhos. "Nosso velho eu", declara Paulo, "foi crucificado com ele, de modo que o corpo de pecado pudesse ser destruído... pois o pecado não exercerá domínio sobre ti, já que não estás submetido à lei, mas à graça" (Romanos, 6:6 e 14).

O hinduísmo, como o judaísmo, é uma antiga religião de raça, casta ou nascimento, e aqui se reconhece também um simbolismo fálico, o *lingam* e *yoni* (simbolização dos órgãos masculino e feminino) aparecendo nos santuários centrais dos templos, enquanto o budismo, como o cristianismo, é uma religião de credo, que envolve crença e fé, não nascimento e raça; o símbolo central, neste caso, é aquele do salvador, com ênfase na sua cabeça iluminada.

A travessa horizontal da cruz especificamente cristã é fixada não no meio da travessa vertical, mas num ponto mais alto, ao nível da cabeça do *salvador*. No meio, o cruzamento seria à altura dos órgãos genitais, com o que representaria uma centralização fálica, como a da lei do Velho Testamento de Yahvé (Jeová) para os circuncisos no Pacto, onde a religião tem cunho racial; enquanto a cristã é religião de fé, crença, a mente e o coração, à qual membros de qualquer raça podem estar congregados.

O fim do mundo

O Reino está aqui, bem diante de nossos olhos — esta é a mensagem de Jesus nos Evangelhos. Em Marcos o fim do mundo soa como algo que ainda está para chegar, um evento futuro. Supõe-se que Jesus disse: "Esta geração não desaparecerá antes que estas coisas aconteçam". E pensava-se que isso predizia o fim iminente do mundo.

As pessoas achavam, é claro, que o mundo não acabava, e se passou a considerar que tal coisa era, conforme dizem, como "o grande não-acontecimento". Mas igrejas institucionais ainda afirmam que acontecerá. Você não pode, entretanto, interpretar essa idéia do fim do mundo historicamente como algo assentado no calendário. Se você perceber que o Reino do Pai está espalhado sobre a Terra, ao passo que outros não o vêem, o fim do mundo chegou para você, já que o mundo como era antes para você realmente terminou.

Você vê a alegria radiante do mundo e diz "Sim" à totalidade dele, e não diz, de maneira alguma, "Não" a ele. Esta percepção gnóstica remete à experiência que já descrevemos das mitologias ligadas à agricultura. Nestas, identifica-se ou reconhece-se o dinamismo da vida em todas as coisas. Não nos cabe ficar presos ao mero aspecto fenomênico do mundo, mas ver diretamente o seu cerne.

Uma grande parte deste capítulo foi extraída de "Archetypes of the Christ Legend" (L337), palestras ministradas no Seminário do Mann Ranch, em 3 de abril de 1971. Um outro material provém da palestra "Symbols of the Christian Faith" (L407), dada no *Blaisdell Institute em Claremont*, Califórnia, em abril de 1972. Outras seções deste capítulo foram retiradas de "The Vocabulary of the Christian Faith: When Terms Have Lost Their Mythic Power", palestra proferida na *Trinity Presbyterian Church*, Atlanta, Geórgia, em 31 de maio de 1971.

Parte do material sobre o simbolismo da cruz é baseada no artigo de Campbell: "The Interpretation of Symbols Forms", de *The Binding of Proteus: Perspectives on Myth and the Literary Process*, editado por Marjorie W. McCune, Tucker Orbison e Philip M. Withim (Bucknell University Press, 1980). Outras análises de alguns dos temas ventilados neste capítulo podem ser encontradas em *The Masks of God: Occidental Mythology* (Viking Press, Compass Edition, 1970).

Os nomes bíblicos foram verificados e as descrições sumárias interpoladas são baseadas no *Dictionary of the Bible*, John L. McKenzie (Macmillan Publishing Company, 1965).

Capítulo VII

*SESSÃO DE PERGUNTAS**

Ouvir a uma sessão de perguntas após uma das palestras de Joseph Campbell era uma experiência enriquecedora e, numa certa medida, frustrante. As perguntas permitiam a Campbell explorar — naquela maneira generosa e sem reservas que lhe era tão característica — temas que faziam vibrar as fibras do coração dos seus ouvintes. Com olhos cintilantes combinados com seu bom humor irlandês, ele bebia da fonte de seu conhecimento e de suas associações, esclarecendo o auditório mas também possibilitando a este um vislumbre do tesouro transbordante de seu conhecimento. Este se assemelhava ao recipiente de óleo das Escrituras, que, a despeito dos livros que ele escrevia, das palestras que proferia e das questões que respondia, parecia sempre novo e sem sofrer qualquer redução. Aqui ocorria a frustração, pois com frequência até mesmo suas distrações sugeriam compreensões e percepções que, dados os constrangimentos da esfera do tempo, jamais puderam ser plenamente exploradas. Essas questões, retiradas de várias sessões de perguntas que se seguiram a distintas apresentações das palestras reunidas neste livro, insinuam o sabor dessas experiências memoráveis. Assim, igualmente as respostas revelam Campbell, como se mostrava nesses momentos, repleto de energia, ansioso por responder, movendo com facilidade para idéias resultantes de associações, nutrindo e entretendo altruisticamente o auditório com uma substância e sabedoria pessoais que cresciam, em vez de diminuir, à medida que eram cedidas.

PERGUNTA: *O senhor pode explicar o que quer dizer com o "problema" da mitologia na nossa época ?*

A imagem mitológica é aquela que evoca e direciona energia psicológica. É um signo de evocação e direcionamento de energia. Uma mitologia é um sistema de imagens do afetivo ou do emocional; essas próprias representações produzem a emoção ou o afeto.

Nossa própria mitologia, a sua e a minha, constitui nossa herança particular de imagens ligadas ao afetivo. Observe, entretanto, o que foi feito com nossa mitologia. No plano racional, afirma-se que as imagens são absurdas e que, portanto, são destituídas de significado. Nosso sistema racional assim rompe as conexões delas e torna sua energia indisponível para nós em nossas vidas.

Em segundo lugar, nossos símbolos foram neutralizados pelas religiões institucionais que interpretam esses símbolos historicamente. Símbolos que remetem ao mistério da psique ou alma foram, ao contrário, interpretados como referências a eventos históricos reais que, como nos informam os estudos modernos, não ocorreram. *Enquanto* as pessoas puderam pensar que houve um Jardim do Éden com uma serpente que falou a Adão e Eva e que nesse Jardim aconteceu um incidente semelhante a uma *queda*, tornando necessária uma *redenção* para nos recuperar, e *enquanto* as pessoas puderam pensar que houve um dilúvio mundial, uma Torre de Babel, um Abraão, um Êxodo do Egito,

uma edição dos Dez Mandamentos confiados fisicamente a Moisés no topo do monte Sinai, seguida de uma segunda edição a ele entregue depois de haver despedaçado as pequenas tábuas da primeira; *enquanto* as pessoas foram capazes de conceber e aceitar essas coisas como eventos históricos, puderam também aceitar esses símbolos e se mover com eles através de suas igrejas e templos, bem como suas tradições religiosas. Tão logo, contudo, as pessoas começam a compreender que é muito duvidoso que tais eventos tenham ocorrido algum dia, os símbolos perdem seu cunho histórico e sua energia emocional é, com isso, exaurida e reduzida.

Em terceiro lugar, quando Freud contou ao mundo que esses símbolos se referem realmente à mãe, ao pai e ao menininho, eles foram dissociados dos seus pontos de referência originais na tradição mitológica.

Há mitologias que estão dispersas, fragmentadas a nossa volta. Estamos no que eu chamo de uma *morena terminal* de sistemas míticos despedaçados que outrora estruturavam a sociedade. Podem ser detectados todos em torno de nós. Você pode selecionar qualquer um desses fragmentos que ativam nossa imaginação para seu próprio uso. Deixe-o ajudar a moldar o seu próprio relacionamento com o sistema inconsciente do qual provieram esses símbolos.

Quando você caminha por esta senda, capta a visão do boi, o aspecto de Yahvé que Moisés viu no monte Sinai. Mas é uma tarefa difícil captar o boi. E então, o boi desaparece e só resta você. Em seguida, tudo desaparece. Isto é o transcendente. Neste arrebatamento, a natureza principia a voltar. Isto é completado pela etapa final através da qual você retorna à cidade com a abundância transbordando em suas mãos. Entrando na cidade com mãos dadivosas de felicidade, você proporciona conselhos aos jovens que estão prestes a iniciar a própria busca de um boi.¹

PERGUNTA: *O tema mítico da "Jornada do Herói" se aplica à tradição judaico-cristã?*

Vamos rever alguns dos heróis mitológicos básicos que realizam para nós a crise de resolução pela qual é completado o ciclo mitológico clássico.

Começamos com Moisés, o símbolo daquele que parte sozinho, deixando seu povo somente para retornar com uma lei para ele. Esta é a mesma viagem do herói que encontramos em todas as antigas tradições étnicas. Todos pertencentes às ordens sociais são finalmente remetidos de volta à compreensão e experiência de algum único indivíduo que, sozinho, experimenta o mistério, *passa no teste*, por assim dizer, e retoma com uma mensagem para a humanidade, como no caso de Moisés na sua descida da montanha com os Dez Mandamentos.

A próxima grande figura nesta tradição é Cristo. Como foi Cristo entendido pelos cristãos originais, todos judeus? A palavra-chave é encontrada em Paulo, que escreveu aos gálatas que Cristo redimiu o homem da maldição da lei. O "Establishment" pode ser entendido como um sistema de leis através do qual as experiências de vida de alguém são filtradas. É preciso que sejamos redimidos disso através da doutrina do amor. A partir das palavras de Cristo aprendemos que deveríamos amar o

¹ Esotericamente, o hebraico é uma das línguas sagradas, e suas letras (que como tais não são consideradas apenas signos racionais lingüísticos estáticos, mas instrumentos vivos, dinâmicos e mágicos) podem propiciar uma senda espiritual. *Aleph* (que tem a forma sugestiva de um arado) é a primeira letra do alfabeto hebraico e significa tanto arado quanto *boi*. (N.T.)

próximo. Não nos cabe — como em tempos anteriores — odiar nossos inimigos, mas, ao contrário, amá-los. Cristo também disse que o homem não foi feito para o *Sábado*, mas que o *Sábado* foi feito para o homem. Em outras palavras, a lei deve servir ao homem e não o homem servir à lei. Isto representa uma enorme transformação do entendimento espiritual que temos de nosso relacionamento com o outro, com Deus e com as leis produzidas por outros homens em Seu Nome.

Deixe-me lembrá-lo daquele momento em que Cristo transcendeu todas as leis. É a história de Seus quarenta dias no deserto. Neste caso, o Demônio representava a lei que tinha que ser transcendida. A primeira pergunta que o Demônio fez a Cristo foi: "Por que não transformas estas pedras em pão?" Cristo responde que nem só de pão vive o homem, mas de toda palavra que vem da boca de Deus. Ele rejeita a teoria econômica da vida espiritual, com isto refutando a idéia de Bernard Shaw² de que temos que estar em boa situação financeira antes de podermos praticar exercícios espirituais.

Na segunda tentação, o Demônio leva Cristo ao topo da montanha, mostrando-Lhe e oferecendo-Lhe todos os reinos da Terra se Ele se curvasse a ele. E Cristo diz: "Põe-te atrás de mim, Satã", com isto superando a sedução do poder político como meta da vida.

O Demônio então O leva ao pináculo do templo, sugerindo que se Cristo é tão espiritual, Ele seria capaz de arrojá-lo abaixo, já que Deus O sustentaria no alto. Cristo livra-se dessa tentação da presunção espiritual ao dizer: "Não tentarás o Senhor teu Deus". Cristo retorna então do deserto para pregar ao povo a nova mensagem do espírito, a mensagem do amor.

PERGUNTA: *Isso se aplica a nós? Somos "heróis" numa jornada espiritual?*

Na Idade Média européia emerge com clareza o tema do indivíduo numa busca individual. Este é o tema das lendas do Graal. Por que deveria alguém ir em busca do Santo Graal na Europa gótica quando o Santo Sacrifício da Missa era celebrado em todas as igrejas? A razão era a de que o Santo Sacrifício da Missa era um sacramento geral que não dependia do caráter pessoal do receptor do sacramento ou daquele do sacerdote para seu efeito. Era um veículo miraculoso, magicamente atuante da graça da Crucificação de Cristo que vertia sobre os que a recebiam. Tudo que alguém tinha a fazer era acatar as leis da Igreja, examinar a própria consciência e decidir-se a não pecar novamente. Não era em si mesmo, entretanto, uma prova de caráter.

Esse Santo Graal mitológico não estava no interior de Igreja alguma, e somente a pessoa que possuía um certo caráter poderia encontrá-lo. O Graal era transportado por donzelas absolutamente virtuosas, representava uma integridade de caráter e vida e não um sistema sacramental.

Sir Gawain, o sobrinho de Artur, propõe um voto segundo o qual, visto que julgavam indigno avançarem num grupo, cada um deveria ingressar na floresta naquele ponto que a achasse mais escura e onde não existisse nenhuma outra senda. Isto é precisamente o oposto do sistema dos gurus orientais, no qual você aceita a direção de um guru que conhece o que é o melhor para você. Mas é você e seu caráter potencial, que jamais foi visto antes e que não pode passar a existir mediante ninguém mais,

² George Bernard Shaw (1856-1950), dramaturgo irlandês. Recebeu o Prêmio Nobel em 1925. (N.T.)

que constitui a busca da vida no sentido ocidental. Cada indivíduo a realiza por seu próprio caminho. O problema em nossa sociedade e em nossas escolas é inculcar, sem exagero, a idéia de educação, como no latim *educere* — conduzir,³ trazer para fora o que está em alguém e não meramente doutriná-lo de fora. Espiritualmente, portanto, todos nós temos que buscar o Graal nos introduzindo naquela parte da floresta onde ninguém abriu uma trilha para nós.

PERGUNTA: *O renascimento parece ser um tema recorrente. O senhor poderia dar mais explicações sobre seu simbolismo ?*

O imaginário do renascimento é principalmente de duas espécies. A lua que morre e ressuscita é o principal símbolo desse milagre de renascimento no tempo. A lua larga sua sombra como a serpente larga sua pele. A serpente também desempenha o papel do símbolo desse mesmo princípio da vida que renasce de sua própria morte. Nas mitologias tradicionais, o touro sacrificial também é associado a esse simbolismo da morte e do renascimento. Os cornos da lua crescente estão traduzidos nos cornos do touro. O sacrifício do touro simboliza o sacrifício daquela parte mortal em nós que conduz à libertação do eterno.

O sol é o nosso segundo símbolo do renascimento, evocando a idéia de não retornar de modo algum, ou não renascer aqui mas ultrapassar completamente as esferas do renascimento para uma luz transcendente. A imagem típica disso é o sol. A lua encerra escuridão dentro de si, mas onde o sol a atinge não há escuridão. Há somente as sombras daquelas forças que não se abrem para sua luz. A imagem do portal do sol fala de um outro tipo de renascimento, aquele do retorno do *perdido*, ou seja, aquele que está perdido nas esferas das sombras e do tempo, que retorna àquela eterna raiz que é sua própria grande raiz.

Como o touro simboliza a lua, o leão, com sua grande face solar, é o animal simbólico do sol. Tal como o sol nascente apaga a lua e as estrelas, o leão dispersa os animais que pastam; do mesmo modo, o leão lançando-se sobre o touro simboliza o sol extinguindo a lua. Se lembrarmos da serpente, reconheceremos a águia, a ave solar, como seu contraponto. E assim dispomos destes paralelos: a águia em confronto com a serpente, o leão em confronto com o touro, o sol em confronto com a lua.

Quando você compreender que a eternidade está bem aqui agora, que é possível para você experimentar a eternidade de sua própria verdade e ser, então você perceberá o seguinte: que o que você é jamais nasceu e jamais morrerá; esta é a compreensão traduzida em termos do mistério solar, a luz solar.

Contrastando com o nosso, todo o objetivo das religiões orientais é produzir em nós uma experiência de nossa identidade com aquele vazio que é não-vazio. A meta dessas religiões é produzir uma realização dessa sua identidade com a que flui para você como experiência.

Para formular a posição normal do Ocidente em contraste com isso, dizemos que Deus criou o mundo e que Deus e o mundo não são o mesmo.

³ O autor atenta para a raiz comum dos verbos *educere* (educar, instruir) e *ducere* (conduzir), dando a entender que a primeira ação implica a segunda. (N.T.)

Criador e criatura não são o mesmo, de modo que nossas religiões não se empenham pela experiência da identidade. Nossas religiões pretendem a expressão de uma relação daquilo que não é Deus com Deus obtida através da participação no que é considerado ser a sociedade de Deus, ou a Igreja fundada. Na tradição hebraica, Deus tem um pacto com um certo povo, e a relação com Deus acontece através do fato de ser membro desse grupo. Na tradição cristã, Cristo é Deus verdadeiro e Homem verdadeiro, o que é considerado como um mistério no centro das afirmações da Igreja.

PERGUNTA: *O senhor fala com frequência das sombras no tempo como simbolismo da lua. E isso o mesmo que sofrer no meio da vida ?*

Gottfried von Strassburg abre sua maravilhosa obra *Tristan*, composta em torno de 1210, dizendo que o sofrimento e a felicidade são intrínsecos à vida, que não é possível ter os dois divorciados um do outro. "Eu empreendo um trabalho", ele escreveu, "a partir do amor pelo mundo e para confortar corações nobres". Ele se dirige ao mundo "daqueles que amo, não para aqueles que, como me disseram, pedem por felicidade, vida e alegria sem dor, mas para aqueles que em seus nobres corações sustentam amargura com doçura, a doçura de suas vidas amargas e a amargura de suas vidas doces e a sua doce morte". Gottfried prossegue ilustrando este tema com a imagem de Cristo crucificado, na qual o padecimento do amor é interpretado como Deus em Seu amor vindo para suportar o padecimento da comunicação com a amada, quer dizer, a humanidade.

Esse tema foi novamente traduzido naquelas maravilhosas pinturas alemãs do século XIV, da Anunciação, nas quais a Virgem está ajoelhada em prece, e de uma janela provém um raio de luz no qual o menino Cristo desce até ela já suportando sua cruz. Isto nos diz que o amor pela vida inclui um assentimento voluntário diante da dor da vida, para a qual a própria dor e a própria agonia e tudo que as acompanha não são de modo algum refutação alguma.

O misticismo da batalha é um grande tema em toda a literatura mundial. O campo de batalha simboliza o campo da vida no qual todas as criaturas sobrevivem devido à morte de outras. Assim captamos a doação de si mesmo em prol de qualquer coisa que é experimentada como o objeto de valor de nosso amor, do qual é exemplo grandioso Cristo na cruz. Schopenhauer afirma que nisso testemunhamos a revelação da transcendência do indivíduo. Esta é a reconciliação, ou reconciliação, com o Pai, o mesmo tema do pai e filho sobre o qual Joyce escreve. Esse tema mitológico da reconciliação com o Pai, que chegou através da tradição cristã e é interpretado principalmente em termos históricos, recebe o sentido de uma experiência real que qualquer um de nós pode ter e precisa ter se quisermos superar a nós mesmos. Ela acontece, entretanto, dentro e através de uma relação pessoal, pois somente no relacionamento com o outro pode essa experiência, com seus custos humanos, ocorrer.

E no âmbito das relações humanas que a operação ocorre — a relação de você comigo, de você com uma outra pessoa, de você com seu emprego, de você com a Terra — o relacionamento é o campo no qual o indivíduo está em processo. No casamento, por exemplo, quando alguém se sacrifica, o sacrifício não é realizado a favor do outro, mas a favor do relacionamento. No relacionamento

ambos participam, de modo que você está se sacrificando a favor de um aspecto de você mesmo em relação a uma outra pessoa, e não há desenvolvimento psicológico fora do relacionamento. Isso é o que temos no centro. É a forma de uma cruz. Relacionar-se e ceder. Escuridão e luz associadas.

Estou feliz num casamento de quarenta e oito anos, e devo saber alguma coisa a respeito disso. O importante no casamento é o relacionamento entre duas pessoas, e quando alguém se casa -quero dizer, *realmente* se torna casado — altera o centro de consideração e atenção de si mesmo para o relacionamento dos dois. E quando você pensa em si mesmo como se sacrificando e renunciando a coisas, não é para a outra pessoa que está fazendo isso, mas para o relacionamento. E você está tanto no relacionamento quanto o outro, percebe o que quero dizer? E isto com o que está lidando, os dois juntos. E você deve pensar em si mesmo não como esta *uma* pessoa, como estas *duas pessoas* como *uma*. Tudo que digo é que se seu casamento não é a maior prioridade de toda sua vida, você não está casado. E o que costume dizer é que o casamento não é um longo caso amoroso.

Ora, este é o grande problema nos casamentos modernos, a idéia — foi anunciada pela primeira vez, pelo que sei, no século XIII por Wolgram von Eschenbach — de que o amor é a base do casamento. Antigamente e na maioria das partes do mundo, a sociedade diz quem casa com quem através de arranjos feitos pelos pais. Casos amorosos sempre colocaram em perigo essa idéia do casamento. Essas duas idéias de casar por amor-no-casamento, que é mais do que uma convenção social, estão associadas a esta idéia: o casamento é a confirmação do amor e o amor é a sacramentação do casamento.

O casamento, como eu disse, não é um caso amoroso. É um ordálio. Se você o conceber desta forma, será capaz de vivê-lo. O ordálio consiste especificamente em sacrificar o *ego* pelo relacionamento. E o *ego* sempre vem à tona, você sabe disso, dizendo: "Oh, pobre de mim, ninguém está datilografando aquilo para mim", e coisas do gênero. A propósito, conheço um grande erudito que passou por três esposas até conseguir aquela que não só fazia aquela datilografia, como era capaz de fazê-la também em grego e latim.

PERGUNTA: *Como a pessoa comum alcança a transcendência e que papel o ritual desempenha nisso ?*

No dicionário, a palavra "transcendência" apresenta duas definições distintas. O significado correto e óbvio da palavra é "ultrapassar alguma coisa", ou estar fora de alguma coisa, ou além de alguma coisa. *Transcende*, está além. A principal indagação que surge é: o que está além? A idéia de que "Deus é transcendente" significa num nível que Deus é alguma coisa que está além do mundo. Pode-se ter um fato que está além do fato do mundo.

A outra acepção de transcendência é "aquilo que está além de toda conceitualização". Você não pode, portanto, contar com qualquer conceito daquilo que é transcendente porque ultrapassa qualquer conceito na mente humana. Neste sentido básico, aquilo que transcende é o que transcende toda conceitualização, toda nomeação. Está além de todos os nomes e formas.

Como a pessoa comum alcança o transcendente? Para começar, eu diria, estudando poesia. Aprenda como ler um poema. Você não precisa ter a experiência da obtenção da mensagem, ou ao menos alguma indicação da mensagem. Esta pode surgir gradualmente. Há, entretanto, vários modos de chegar à experiência transcendente.

Um acesso significativo é por meio do ritual. O ritual nos permite participar da promulgação de um mito. Há um preparo interior para se (co)mover com a imagem e o transcendente nos atravessa. Com freqüência os interessados nas artes de um ponto de vista discursivo, histórico (envolvendo a história da arte) de repente descobrem que uma das obras de arte realmente o toma, e ele é literalmente transformado. Pense no que acontece com a música. Numa certa idade, um certo tipo de música interessa a você e capta a sua imaginação, seu eu interior, e você participa dela. Em seguida, esse tipo de música declina, e é introduzido um outro tipo de música. A arte está falando ao que é possível dentro de você.

Ao falar do ritual, examinemos a iniciação de moços e moças nas sociedades tribais. A distinção neste caso é crucial no que se refere a como homens e mulheres se tornam adultos. Quando a menina se torna uma mulher adulta? Por ocasião de sua primeira menstruação. E qual é a experiência de iniciação fundamental imposta a ela? Tipicamente, ela é encerrada numa pequena choça para ali permanecer sentada durante cerca de uma semana e compreender o que aconteceu. Poder-se-ia dizer que a vida sobrepuja a fêmea. Ela se torna uma mulher e logo depois uma mãe.

Se falarmos de "O Aparecimento da Deusa", estaremos nos referindo realmente a "O Aparecimento da Heroína". Uma pessoa é um herói ou uma heroína quando ele ou ela atua no interesse de valores que não são locais em relação à pessoa, mas detêm alguma força superior da qual a pessoa é um veículo. A mulher se torna uma heroína à medida que se torna um veículo de uma força que gera vida.

Imagine um pequeno menino bosquímano aleitado pela mãe, e desmamado muito tarde, já um rapazinho, porém ainda cuidado por sua mãe. Este menino, diferentemente da menina, jamais será ele próprio o corpo da vida. Ele precisa aprender a se relacionar com isto. A mulher não precisa aprender a se vincular ao homem porque este não é o problema. O problema é de como o homem se relaciona com a mulher. Ela é Vida. Ele é um meio de relação com a Vida.

Conseqüentemente, o que acontece com o rapazinho? Nada acontece. Ele precisa, portanto, ser espancado e convertido num veículo de função social. A mulher é o veículo da natureza nas sociedades tribais, e o homem é o veículo da ordem social. Os homens adultos levam os rapazes para fora e os açoitam, cortam a carne de seus corpos, de maneira que não possuam mais corpos de crianças e ingressem no serviço da sociedade. Se não conseguem suportá-lo, são mortos e devorados. Não há misericórdia, mas com base nestes ritos surgem seres humanos civilizados prontos para servir a algo superior a si mesmos.

Quando Catlin, o maravilhoso artista, se achava entre os índios *mandans* no alto do Missouri em 1832, assistiu a muitos ritos de iniciação. Os jovens tinham lascas de madeira atravessadas nos

músculos peitorais pelos quais eram suspensos do teto e espancados até essas lascas saírem de seus peitos dilacerados. Um deles declarou: "As mulheres sofrem e nós temos que sofrer também".

No Brasil, algumas tribos se referem aos ritos masculinos mediante a expressão "menstruação dos homens". Através destes ritos eles são transformados em veículos de uma força que é maior do que eles próprios. E assim ingressam no serviço dessas sociedades.

PERGUNTA: *O ritual parece visar ao grupo. Como o indivíduo participa?*

Tem sido observado que rituais e ritos parecem reforçar a natureza homogênea da experiência. Como, então — poderíamos perguntar — o indivíduo se enquadra no ritual? Onde quer que você tenha um ritual, está presente uma referência ao grupo, com todos participando do ritual, concebendo-se e vendo a si próprios como membros do mesmo organismo. Tais rituais sempre incluem muitas pessoas.

Lembramos que há dois níveis no mundo ritual e mundo religioso gregos. Um deles consiste nos cultos locais. Martin Nilsson, num dos grandes estudos das religiões gregas, descreve a partida para Esparta e Beócia para encontrar as divindades e personagens que são usualmente encontrados na tradição literária atuando a serviço da tradição do culto.

Em Atenas, entretanto, durante os séculos VI e VII⁴ houve uma transformação literária desses cultos locais. Os mitos clássicos chegam a nós na literatura como uma mitologia secundária dos intelectuais de Atenas. Foi Pisístrato⁵ que criou os festivais anuais compostos de jogos atléticos, novas tragédias e comédias dos grandes poetas e outras competições. É de tais celebrações criativas que provém o nosso conhecimento geral da mitologia clássica. Elas, é claro, visavam ao cidadão ateniense e não ao grupo, como acontecia nos antigos cultos locais. Elêusis se torna o santuário de Atenas e os mistérios de Elêusis estão ligados ao ideal ateniense. Embora tenham surgido muito antes com outras finalidades, passaram a se referir a uma experiência individual, e não a uma experiência grupai. O grupo presente e que assiste é um grupo momentâneo. De certa forma, se assemelha a uma multidão que visita o papa, unidos para uma audiência. Todas as pessoas têm a experiência total, mas em seguida se separam e seguem seus caminhos individuais.

Em nossa cultura, fizemos de tudo para destruir os ritos cerimoniais e os mitos que eles simbolizam e reforçam. Nós, americanos, testemunhamos um retrocesso em relação aos mitos que sustentamos em comum a favor de identificações com grupos raciais e de classe. As pessoas poderiam muito bem perguntar a que grupo estão associadas mitologicamente e, talvez, descubram que é com algum subgrupo étnico e não com o grupo nacional. Este é o resultado do estado debilitado da mitologia compartilhada que une grupos dessemelhantes.

Um exemplo marcante disso é aquele da tradição hebraica, que, através do ritual anual da refeição *Seder* na *Pesach*, recapitula e reforça a história inteira dos judeus como um povo. Há grandes bênçãos, na medida em que nesse forte sentido de ser juntos um povo cumpre uma das funções da mitologia, qual seja, aquela da identidade social.

⁴ Entenda-se, é claro, a.C. (N.T.)

⁵ Pisístrato (7605-527 a.C.), tirano ateniense. (N.T.)

O ritual eficiente, nas mãos erradas, pode ser extremamente perigoso. Isso é bem personificado em Hitler, que era um gênio no emprego do ritual para desenvolver consciência nacional. Ele foi um orador poderoso e carismático no centro de colossais comícios que, como um alemão uma vez me disse, com sua música, sua iluminação e banderolas agitadas, quase o fez, contra sua vontade, erguer sua mão na saudação nazista.

Na Igreja católica, o ritual da missa, especialmente quando os crentes o celebravam em latim em todas as partes do mundo, era um símbolo poderoso e fonte de identificação com uma igreja universal. Assim também o era o comer peixe na sexta-feira, particularmente porque o peixe é, em si mesmo, riquíssimo em tantos níveis na identificação mitológica com Cristo.

Na América⁶ atualmente a linha de piquetes ou uma linha de protesto semelhante é um dos poucos rituais que retém sua eficiência. É poderoso porque membros do grupo se mantêm caminhando e gritando, ou entoando um *slogan* juntos. A ninguém é permitido cruzar a linha dos piquetes, que é um espaço colocado à parte. Esta linha dos piquetes é, num certo sentido, um local sagrado.

PERGUNTA: *O senhor ampliaria essa idéia de "espaço sagrado" ?*

O espaço sagrado pode ser definido como qualquer espaço divorciado de usos seculares, do traçado de um círculo que é feito com um cajado na Índia a uma grande catedral medieval, de maneira que se acha libertado do mundo dos pares de opostos, tais como o lucro e o prejuízo nos negócios cotidianos, de sorte que possamos contemplar a unidade e o mistério revelados em todas as coisas. Nos grandes santuários e templos tudo é simbólico, isto é, ordenado de maneira a ser transparente para a transcendência.

Os exemplos mais antigos de espaço sagrado são encontrados nas cavernas do sul da França e do norte da Espanha, onde foram produzidas extraordinárias pinturas simbólicas há 30.000 anos atrás. Quando você entra nessas cavernas, toda a sua consciência é transformada, e elas parecem constituir o seu ambiente primordial. Os animais na superfície terrestre acima parecem ser meramente reflexos desse mundo subterrâneo.

Um espaço sagrado, portanto, é qualquer área, por exemplo, cavernas, na qual tudo é feito para transformar o ambiente numa metáfora. Talvez você possa dizer que o "Espaço Sagrado está em todo lugar", mas somente pode fazê-lo depois de ter aprendido a disciplina do espaço sagrado e haver apreciado a significação metafórica dos objetos ali encontrados. Examine, por exemplo, uma estrela de seis pontas, que é tanto o quarto *chakra* na Índia quanto a Estrela de Davi. No alto temos o símbolo da aspiração. A ponta inferior significa o obstáculo a essa aspiração, e os outros lados significam os meios pelos quais efetuar a ascensão. Assim simbolizamos os meios para a transição da esfera da dualidade para aquela da unidade, isto é, o caminho para transcender todos os pares de opostos.

Considere o problema da arte e do espaço sagrado como é exemplificado na Idade Média. A mais tardia figura medieval da cidade de Rheims mostra a catedral no centro. A catedral é o templo

⁶ O leitor deve considerar que a maioria dos escritores norte-americanos ao dizerem "América" não costumam incluir a América Central e a América do Sul. (N.T.)

representado como aquela abertura através da qual irrompe a transcendência, e a energia, aqui interpretada como Deus, como sobrenatural, é vertida na esfera do tempo.

Quando me encontrava em Chartres, fora de Paris, compreendi o que é a glória dessa civilização. A organização do espaço corporifica uma noção da natureza do universo que não se manifesta em qualquer outro lugar do mundo.

A arquitetura do mundo clássico possuía seus belos templos dóricos, de tal forma compostos e pequenos que é possível a você rodeá-los com sua mente. O exterior do templo é que era importante. O interior é um espaço vazio com a imagem do túmulo dentro. No gótico, contudo, é o interior que é importante. Repentinamente, ao despontar a aurora da nova cultura e inspiração, uma nova arquitetura passou a existir, que era em si mesma uma afirmação da experiência do mistério: o mistério do espaço.

Os botaréis encerram as paredes a partir do lado externo. O principal interesse da catedral não é como parece do lado exterior, mas como é experimentada no interior. Ela cria um espaço santo, um espaço sagrado que a nada se refere salvo ao mistério. Quando sua construção tem êxito, o resultado é um perfeito equilíbrio de impulso e sustentação, que é ele próprio uma afirmação de energia e espaço. O que observamos é como a arquitetura pode traduzir uma experiência do mistério, uma experiência de uma modalidade do ser.

Chartres possui as mais antigas esculturas góticas da Europa. Você tem o Cristo da Segunda Vinda ao centro, e à Sua direita e esquerda estão as imagens da Virgem. As figuras que circundam o Cristo da Segunda Vinda são interpretadas no cristianismo como Mateus, Marcos, Lucas e João. São realmente signos do zodíaco representando os solstícios e os equinócios no tempo 2000 a.C, quando o equinócio da primavera aconteceu durante o signo do Touro, não em Áries. Assim, são encontrados aqui o touro, o leão, o escorpião alado e o aquário. O Cristo nascendo está, por assim dizer, irrompendo do cinturão do Universo-Mãe. E o espaço no qual Ele se senta é simplesmente uma representação da vulva no nascimento de Cristo. Ele está nascendo do útero do Universo-Mãe. Ele é a criança sustentadora do universo, Ele, que também é o gerador do universo.

Ali encontramos também uma retratação da Assunção de Maria ao Céu. Isso ilustra o problema da sobrevivência de imagens míticas arcaicas no mundo contemporâneo. Não há, como mencionamos, lugar algum em nossa cosmologia hoje para acomodar Maria ou Jesus quando ascenderam. Na era na qual esta mitologia foi cunhada, entretanto, os céus estavam só um pouco além do planeta Saturno. Com base em nosso atual entendimento, tais imagens se tornaram literalmente incríveis. O mesmo problema atinge Elias, que ascendeu numa carruagem de fogo tirada por quatro cavalos aos Céus. Estas imagens não devem ser descartadas, mas sim reinterpretadas em relação ao seu significado psicológico. Imagens de uma espécie contemporânea também devem ser descobertas a fim de traduzirem esses significados.

No centro, no abside que circunda o altar, existe uma estátua da *Madonna negra* com o *Cristo negro* sobre seus joelhos. Eu não compreendo a idéia da *Madonna negra*. Na cripta de Chartres há uma *madonna* (Nossa Senhora) de marfim, que também é negra. Há também o Espírito Santo como o

pombo acima de sua cabeça. É a ave de Vênus. Trata-se de uma boa tradução, pois fala do amor de Deus sendo derramado no mundo e gerando a *Encarnação* do pombo de Afrodite, o pombo do amor.⁷

A maravilha de Chartres, é claro, exhibe a si mesma através das janelas. A última vez que estive em Chartres, soube que os franceses tiveram a idéia de limpar as janelas, e o resultado disto foi removerem a patina que se formara no lado externo e, com isso, destruíram a óptica, o veículo essencial ao emprego espiritual da luz. No século XVIII, os franceses fizeram coisas piores. Eles realmente derrubaram algumas das janelas de Chartres para facilitar a penetração da luz. Mas o tipo de imagem transposta para suas janelas é aquela da glória de Deus cuja *Face triúna* é eliminada de nossa visão pelo campo de luz fulgurante que você vê irradiar através das janelas.

É necessário, entretanto, que perguntemos quem construiu essa catedral. A resposta é: *todos*. Há um belo livro de Henry Adams intitulado *Mont St. Michel and Chartres*. Neste ele fala da Virgem — pois todos estes templos e catedrais são para a Virgem — e da energia gerada por esse conceito da Virgem ser equivalente à energia gerada em seu tempo pelo novo dínamo mecânico.

Ora, a totalidade da arte é devotada à tradução de uma mitologia que coordena a totalidade da sociedade. A Idade Média foi baseada numa mitologia: a *queda no Jardim do Éden*, a *redenção na Cruz* e a *concessão da graça da redenção ao Homem* através dos sacramentos da Igreja. A religião cristã está baseada nessa mitologia, o que pode ser lido na arquitetura, estatuária, janelas e decoração das catedrais, cuja construção, como a própria cultura, foi energizada pela Virgem. Chartres e todas as grandes igrejas são exemplos de espaço sagrado.

PERGUNTA: *O senhor se referiu no seu trabalho aos símbolos de desenvolvimento espiritual na ioga Kundalini. Poderia explicar isso sumariamente?*

A palavra *Kundalini* significa "a enrodilhada", e se refere à energia espiritual, considerada como *enrodilhada sobre si mesma* na maioria de nós e na maior parte do tempo, tem sua sede na base do corpo, realmente bem no ânus. A meta dessa ioga é empregar o controle da respiração e a meditação para desenrodilhar essa Kundalini, de forma que ele suba por um canal na espinha conhecido como *Sushumna*. E ao fazê-lo ela atravessa os diferentes níveis orgânicos que têm desempenho psicológico: os órgãos genitais, que são o centro do sexo, o umbigo, que está ligado à agressividade, e o coração, que é a abertura de sua própria capacidade de compaixão, a garganta, que é o nível da austeridade ascética e a mente, que é o nível da contemplação da imagem de Deus. A garganta é o centro da verbalidade e está relacionada ao lado esquerdo do cérebro, tal como o centro de imagens está associado ao lado direito do cérebro.

Até atingir o nível do coração, você permanece na arte cinética, aquela da posse e da submissão. Considere a diferença entre a sensualidade sexual e o amor. É a diferença entre o segundo

⁷ Este específico paralelismo do pombo representativo do Espírito Santo na teologia cristã com o pombo de Afrodite deve ser encarado com reservas, pois a cípria (Afrodite) representa o restrito amor sexual (*eros*) e não o amor transexual irrestrito como *filia* (ou *caritas*), que é um dos pilares da mensagem genuína de Cristo e vizinho da compaixão. Para usar a própria fraseologia de Campbell, o primeiro está no *chakra* dois e o segundo no *chakra* quatro. (N.T.)

centro e o quarto. Dante,⁸ ao contemplar Beatriz, viu-a com o olho do coração. Ácteon, ao contemplar a deusa Ártemis, o fez com sensualidade. Este jovem caçador estava fora com seus cães e seguiu um regato até sua fonte, e lá estava Ártemis, a deusa se banhando nua com suas ninfas. Ele a olhou com o olho não da contemplação de uma deusa, *chakra* quatro, mas *chakra* dois, ou seja, com desejo sexual. Ela fez com que ele fosse salpicado com um pouco de água, e ele foi transformado num cervídeo macho — o que poderíamos observar que era o que ele era em primeiro lugar — e seus cães o devoraram.

Qualquer referência abaixo do *chakra* quatro é perigosa pelo fato de ser cinética, nesse sentido, seja de desejo, seja de aversão. Uma vez passei uma semana com psicanalistas, e minha função era dar palestras sobre o amor cortês. Eles não sabiam o que era isso. E eu me senti como se estivesse realmente no lugar errado, pois esses homens do conhecimento eram adeptos da análise de pessoas que se encontravam deslocadas. Eles conheciam muito de pedagogia e de como ensinar as pessoas a viver como um coletor de lixo ensinaria como preparar uma boa refeição. Impressionou-me que a tentativa de resolver os problemas do *chakra* dois nos termos do *chakra* dois está simplesmente fadada ao fracasso. A luxúria não é curada por mais luxúria. A solução tem que ser encontrada nos termos do *chakra* quatro.

Tampouco pode você resolver os problemas do *chakra* três nos termos do *chakra* três. A agressão não é remédio para a agressão. A única maneira de você civilizar pequenos seres humanos brutais é *civilizando-os*, ou seja, abrindo seu *chakra* do coração. E se eles não conseguirem abrir o *chakra* do coração, você pode, ao menos, dar-lhes um sistema de regras civilizadas acerca de como viver, que os ajudará a atuar como se seu *chakra* do coração houvesse sido aberto. Quando chega a iluminação e chega a compaixão, então você não precisa de regras que indiquem como agir compassivamente. Você será, então, espontaneamente compassivo.

Você não pode transformar um mau animalzinho num bom animalzinho tratando-o como se ele fosse um animal. Você tem que despertar o *chakra* do coração, que é o sentimento humano da compaixão e do entendimento, aquele do amor e não o da sensualidade sexual. Entre os psicanalistas havia homens que disseram não saber o que era o amor, mas sabiam realmente o que era o fetichismo. Esta é certamente uma visão subterrânea da condição humana. O animal humano é encontrado no sistema pélvico com aqueles três primeiros *chakras*. Mas o coração é o começo da humanidade.

PERGUNTA: *O senhor poderia explorar a idéia da pós-vida ?*

Em muitas tradições encontramos céus e purgatórios, ambos no plural. Esta concepção está presente em todos os sistemas de reencarnação: jainismo, budismo, hinduísmo, como também no sistema dos persas. A idéia se centra em pessoas naquilo que poderia ser chamado a "esfera eterna", na qual suas experiências refletem ou recapitulam aquelas experiências de suas vidas através do tempo.

O Inferno, propriamente, é a condição de pessoas que estão tão presas a suas vidas *egocêntricas* e a valores egoístas, que são incapazes de se abrirem para uma graça transpessoal. Está

⁸ Dante Alighieri (1265-1321), poeta italiano. (N.T.)

além delas se abrirem para alguma coisa que atuará como uma influência espiritualmente transformadora. Ficam, portanto, presas ao que são, numa fase atrofiada, eternamente. Esta é a idéia cristã do Inferno.

O cristianismo é a única religião que sustenta a idéia de uma condição permanente chamada Inferno.⁹ Um pecado mortal é considerado como uma ofensa que condena uma pessoa ao Inferno. Outros sistemas religiosos encaram a idéia do Inferno mais como o purgatório cristão, ou seja, um estágio de purgação ou purificação. Morre-se tão preso a um sistema limitado de valores, que talvez não se possa abrir-se para a transcendência da Visão Beatífica de Deus nessa condição. O purgatório é um lugar pedagógico e as vastidões do Céu estão espalhadas de acordo com as possibilidades da compreensão espiritual de cada um.

(*) Estas perguntas e respostas são versões editadas de sessões de perguntas reais que se seguiam às palestras listadas anteriormente.

Quando eu era um garotinho, perguntei à freira que era minha professora: "Se eu for para o céu vou ter a mesma experiência de Tomás de Aquino?"

"Bem," ela disse, "sua taça estará cheia, mas será uma pequena taça". Esta não foi uma má resposta.

⁹ Isto se considerarmos o cristianismo oficial católico, o protestante e correlatos. Entretanto, há correntes cristãs, como o espiritismo (que incorporou as doutrinas orientais da reencarnação e da comunicação com os espíritos) que rejeitam inteiramente qualquer concepção de um Inferno perene. (N.T.)

APÊNDICE

UMA DISCUSSÃO Nota introdutória

No começo de 1979, Glenn Collins, então editor da New York Times Magazine, pediu-me para entrevistar Joseph Campbell, que eu já conhecia há muitos anos, para sua edição da Páscoa. Isto me proporcionou a oportunidade única de contar com uma extensa sessão de perguntas particulares cujo assunto foi as festas religiosas correlatas da Pesach judaica e da Páscoa. Houve também a oportunidade de uma ampla discussão de uma matéria que já discutíamos freqüentemente, a da transformação de nossa consciência espiritual na aurora da Era espacial.

Passamos um dia de inverno em fevereiro em seu apartamento perto de Washington Square. O artigo que disso resultou e que realmente foi publicado no domingo de Páscoa com o título "Earthrise — The Dawning of a New Spiritual Awareness" {Ressurreição da Terra — A Alvorada de uma Nova Percepção Espiritual) atraiu maior atenção para o seu trabalho — Campbell depois me informou por escrito — do que qualquer outra entrevista anterior e, de fato, atraiu a atenção de Bill Moyers pela primeira vez. Foram felizes resultados providenciais de uma reunião que foi em si mesma sua própria recompensa. Nela Joseph Campbell faz uma integração e exposição em torno de muitos dos temas encontrados nas palestras presentes nesta coletânea, pelo que não se mostra uma conclusão descabida para este volume.

E.C.K.

RESSURREIÇÃO DA TERRA *

— A ALVORADA DE UMA NOVA

*PERCEPÇÃO ESPIRITUAL***

Embora a palavra seja comumente usada para designar algo falso, o mito é realmente um veículo perene para expressar a verdade. Aos seres humanos sempre foram contadas, sob formas míticas, as histórias que querem que sejam lembradas e passadas adiante — tais como as lendas arturianas ou os duradouros contos bíblicos -para serem distinguidas de modismos e caprichos passageiros, ou dos fatos dos almanaques ou do *Guinness Book* dos recordes mundiais, que mudam constantemente. Mito e símbolo são propriedades fundamentais e essenciais de todas as religiões; constituem a linguagem especial da experiência religiosa.

Joseph Campbell devotou sua vida ao estudo deles, detectando temas e motivos recorrentes nas variadas mitologias de diferentes culturas que sugerem que uma única fonte subterrânea de experiência religiosa alimenta a todas. De acordo com Campbell, o que parece ser tradições religiosas diversas são realmente diferentes expressões de uma experiência unitária que é compartilhada por todas as culturas.

Autor de muitos livros sobre religião comparada e mitologia e antigo professor do *Sarah Lawrence College* de Bronxville, Nova York, Campbell é, talvez, mais conhecido devido ao livro *The Hero with a Thousand Faces (O Herói de Mil Faces)*, publicado em 1949. Neste trabalho ele traçou as histórias de heróis antigos e contemporâneos, mostrando que seus desafios e experiências foram essencialmente idênticos, que todo homem era, com efeito, *Todo Homem*. O padrão que podia ser discernido nos relatos e símbolos atemporais do mito podia também ser descoberto em nossas próprias vidas. Como disse Campbell uma vez a um entrevistador, "a última encarnação de Édipo, o contínuo romance da Bela e a Fera estão esta tarde na esquina da Rua 42 com a Quinta Avenida aguardando que o sinal de trânsito mude".

A própria vida de Campbell apresenta um paralelo com as jornadas e lutas dos heróis míticos na medida em que ele encontrou tanto a identidade quanto a senda dos altos estudos que lhe foram verdadeiros. Um novaiorquino descendente de irlandeses católicos que foi cativado pelo *Wild West Show* de Buffalo Bill quando era um menino, começou seus estudos tendo como objeto a cultura e experiência do índio norte-americano. Aos poucos despertou para o sonho dos penetrantes temas mitológicos e foi convocado, como sentia no seu próprio interior, para uma longa peregrinação de descoberta que o levou não somente ao seu próprio estudo como graduado em torno dos romances arturianos na Columbia University, como também aos estudos europeus da filosofia e religião orientais, o sânscrito, bem como a obra de Freud e Jung. Em todos eles reconheceu os temas comuns que haviam sido encontrados na cultura indígena norte-americana do deslumbramento de sua meninice e na Igreja católica de sua crença de menino.

Kennedy: "Mito" ainda é um termo confuso para muitas pessoas. Talvez pudéssemos começar dando uma explicação um pouco mais detalhada a respeito.

Campbell: O mito tem muitas funções. A primeira delas podemos chamar de mística, na qual o mito faz uma conexão entre a nossa consciência desperta e o todo do mistério do universo. Esta é sua função cosmológica. Permite-nos ver a nós mesmos na relação com a natureza, como quando falamos do Pai Celestial e da Mãe-Terra. O mito também tem uma função sociológica, pela qual ele sustenta e dá validade a uma certa ordem social e moral para nós. A narrativa dos Dez Mandamentos entregues a Moisés por Deus no monte Sinai é um exemplo disso. Em último lugar, o mito possui uma função psicológica, pela qual ele nos oferece um caminho para fazer a travessia e lidar com os vários estágios do nascimento à morte.

Kennedy: Você escreveu sobre a dificuldade de um sistema mitológico ser capaz de dialogar com um mundo que se tornou tão diversificado. Os mitos agrários e de caça que outrora falavam a todos não são mais tão facilmente aplicáveis. Mas você também disse que, mediante alguma reflexão, podemos entender que as antigas histórias de heróis e suas aventuras são o mesmo que nossa busca contemporânea pelo significado.

Campbell: Sim, mitos provêm da imaginação criativa que nós todos partilhamos, e a narrativa que cada um de nós reconhece em nossa própria busca de significado espiritual forma um paralelo

com todas as lendas de heróis, como os cavaleiros da Távola Redonda, que precisavam viajar para um mundo desconhecido e travar batalhas com os poderes das trevas a fim de retornarem com o dom do conhecimento.

Kennedy: Estamos, de acordo com muitos observadores, num ponto crítico em matéria de consciência religiosa, quer dizer, a estrutura mitológica — ou as lendas que respaldam uma interpretação bíblica literal — está sendo desafiada pelas descobertas da Era espacial.

Campbell: Sim, é exatamente o que está acontecendo, com as conseqüências que todos nós podemos ver. É preciso lembrar a verdade central, por exemplo, a respeito da Páscoa e da *Pesach* judaica. Somos todos convocados a escapar da casa da servidão, como os judeus foram convocados a escapar da servidão no Egito. Somos convocados a nos libertar da servidão do modo que a lua arroja sua sombra para emergir nova, do modo que a vida arroja a sombra da morte. A Páscoa e a *Pesach* têm as mesmas raízes. Somos intimados a escapar da servidão de nossa antiga tradição. A Páscoa não é Páscoa e a *Pesach* não é *Pesach*, a não ser que nos libertem até mesmo da tradição que nos dá tais festas.

A Páscoa e a *Pesach* são símbolos primários daquilo com que defrontamos na Era espacial. Somos desafiados tanto mística quanto socialmente porque nossas idéias do universo foram reorganizadas devido à nossa experiência no espaço. A conseqüência é que não podemos mais nos firmar nos símbolos religiosos que formulamos quando pensávamos que a Terra era o centro do universo.

Kennedy: Você está dizendo que o poder perene do mito é que ele pode deixar de lado uma formulação — tal como a noção pré-copernicana de uma Terra aqui embaixo e um Céu lá em cima — e, mesmo assim, reter e renovar sua força. Isso significa que estamos experimentando a verdade mitológica no próprio desafio de renunciar à compreensão religiosa do universo que é muito intensa no imaginário judaico-cristão. E que a experiência *Páscoa-Pesach* exige que façamos isso.

Campbell: A Páscoa e a *Pesach* fazem com que experimentemos em nós mesmos uma convocação para escaparmos de uma servidão, sim, mas o fato de experimentá-las não destrói a tradição religiosa. O entendimento desses símbolos em seu sentido espiritual transcendente nos capacita a ver e possuir nossas tradições religiosas de maneira nova. A Era espacial exige que mudemos nossas idéias sobre nós mesmos, mas nós queremos nos agarrar a elas. Esta é a razão de haver um ressurgimento da ortodoxia antiquada em tantas áreas na atualidade. Não há horizontes no espaço e não pode haver horizontes em nossa própria experiência. Não podemos nos agarrar a nós mesmos e aos nossos grupos internos como fizemos uma vez. A Era espacial impossibilita tal coisa, mas as pessoas rejeitam essa exigência ou não querem pensar sobre isso. E assim recuam para uma igreja verdadeira, para o poder negro, ou para os sindicatos, ou para a classe capitalista.

Kennedy: Então a Era espacial desafia tudo que nos torna centrados na Terra ou centrados no grupo.

Campbell: A Páscoa e a *Pesach* oferecem os símbolos perfeitos porque significam que nós somos conclamados para uma nova vida. Esta nova vida não está muito bem definida, razão pela qual queremos nos prender ao passado. A jornada para esta nova vida — e é uma jornada que todos temos que realizar — não pode ser empreendida a não ser que deixemos o passado. A realidade de viver no espaço significa que renascemos, não que nascemos de novo para uma religião dos tempos antigos, mas para uma nova ordem de coisas. Não há horizontes, este é o significado da Era espacial. Estamos numa queda livre para dentro de um futuro que é misterioso. Ele é muito fluido e isto é desconcertante para muitas pessoas. Tudo que você tem a fazer é saber como usar um pára-quadras.

Kennedy: Uma percepção de verdade mitológica nos alerta para o fato de que na experiência da Páscoa não nos limitamos a lembrar eventos históricos, mas de que estamos experimentando em nós mesmos a *Pesach* e a Páscoa, que o que sentimos é o impulso da Era espacial sobre nossa própria consciência religiosa.

Campbell: Sim, podemos senti-lo em nós mesmos. A Era espacial, que muitas pessoas querem esquecer ou dar como perdida na qualidade de um mau investimento, é central a tudo isso. Há quase quinze anos tivemos o grande símbolo da mudança ocorrido. Homens se colocaram na lua e olharam de volta, e, pela televisão, pudemos olhar de lá para cá — para ver a ressurreição da Terra. Este é o símbolo que nos capacitou a sentir a verdade da descoberta de Copérnico feita há 425 anos. Até então, talvez tenhamos concordado teoricamente com Copérnico, porém seu mapa do universo não estava disponível a nós, salvo para matemáticos e astrônomos. Tratava-se de uma idéia invisível e pudemos continuar pensando, como o fizemos, numa idéia religiosa segundo a qual tudo estava dividido ao longo das mesmas linhas nas quais os céus e a Terra estavam divididos.

Kennedy: Se o céu e a Terra fossem divididos, assim também o seriam o corpo e a alma, o natural e o sobrenatural, a carne e o espírito. O universo foi ordenado de maneira hierárquica e, igualmente, do mesmo modo as igrejas.

Campbell: Esse modelo dividido nos permitiu pensar que havia uma ordem espiritual, separada ou cindida de nossa própria experiência. Pense como falamos das coisas de acordo com esse antigo modelo. Tudo era visto com olhos fixados na Terra. O sol nascia e se punha. Josué fez parar tanto o sol quanto a lua para ter tempo de terminar um massacre.

Após a caminhada na lua, não foi possível mais sustentar o mito religioso que alimentava tais idéias. Graças à nossa visão da ressurreição da Terra, pudemos ver que a Terra e os céus não eram mais divididos, mas que a Terra está nos céus. Não há divisão e todas as noções teológicas baseadas na distinção entre os céus e a Terra ruíram com essa compreensão. Há uma unidade no universo e uma unidade em nossa própria experiência. Não podemos mais buscar uma ordem espiritual fora de nossa própria experiência.

Kennedy: Isso contesta as velhas idéias de que nosso destino está sendo decidido "lá fora" pelos deuses.

Campbell: Ou que as estrelas são suas moradas, dependuradas com suas lanternas. Você pode ver ainda resquícios disso no desapontamento que muitas pessoas sentem quando nossas sondas científicas não descobrem vida em Marte.

Kennedy: Não é verdade que Carl Jung uma vez disse que a declaração da Assunção da Virgem Maria pela Igreja Católica Romana foi a mais significativa declaração religiosa do século? Será este um lugar onde podemos ver o entrosamento de níveis literais e simbólicos de afirmações religiosas?

Campbell: Jung realmente disse isso e, é claro, estava apontando para o profundo significado simbólico, e não literal, daquela doutrina. Literalmente, sugere um céu "lá em cima" ao qual pode ascender um corpo. Mas esta é uma doutrina religiosa baseada numa noção de divisão do universo. Simbolicamente, a mesma tradição sugere que significa o retorno da Mãe-Terra aos céus, a mesma coisa que ocorreu devido às nossas viagens ao espaço.

Kennedy: A ressurreição da Terra é um símbolo que faz seu caminho lentamente para o interior de nossa consciência. Nós o vemos em muitos lugares. O *CBS News* o usou por um longo tempo no seu noticiário noturno. Com suficiente estranheza foi usado — não obstante em chamadas — na promoção publicitária do filme *The Late Great Planet Earth*,¹ que é um relato à base de fogo e enxofre do fim do mundo em termos bíblicos literais. O uso da ressurreição da Terra parece um bom exemplo da resistência que você descreve frente à Era espacial e sua metáfora central.

Campbell: O sentido do apocalipse é muito difundido e acredito que constitui uma rejeição desta nova era. Essa a razão de tanto interesse por desastres. É mais do que apenas a emoção e vibração dos filmes. É evidência de quão profunda é a noção do momento apocalíptico. Nós nos odiamos tanto que experimentamos prazer diante da destruição das pessoas. É como ler o pior dos profetas na Bíblia.²

A chegada do segundo milênio pode estar acentuando isso. Podemos realmente esperar que ocorram novamente algumas das mesmas coisas que acompanharam a aproximação do ano 1000. Está na mente de todos em algum nível.

Não devemos entender literalmente o apocalipse como alguma destruição física e julgamento do mundo ou como alguma coisa que vai acontecer no futuro. O Reino está aqui e não virá pela espera. Olha-se o mundo e se vê o esplendor. A revelação da Páscoa está aqui. Não precisamos esperar que algo aconteça. Assim, na Era espacial, dois temas são evidentes. Primeiro, temos que nos mover socialmente para um novo sistema de símbolos, porque os velhos não funcionam. Segundo, os símbolos, na medida em que existem, quando interpretados espiritualmente e não concretamente, produzem a revelação.

¹ A tradução literal poderia ser *O recentemente falecido planeta Terra*. (N.T.)

² Presume-se que o autor esteja aqui fazendo uma alusão implícita ao autor do Apocalipse (ou o Livro da Revelação): João de Pathmos. (N.T.)

O tema místico da Era espacial é o seguinte: o mundo, como o conhecemos, caminha para um fim.

O mundo como o centro do universo, o mundo separado dos céus, o mundo limitado por horizontes nos quais o amor está reservado a membros de grupos — este mundo está morrendo. O Apocalipse não aponta para um Armagedon de fogo mas para o fato de que nossa ignorância e nossa complacência rumam para um fim. Nossa visão de mundo dividida, esquizofrênica, carente de uma mitologia adequada que coordene nosso consciente e inconsciente — é isto que está a caminho do fim. O exclusivismo de acreditar que só existe um caminho pelo qual podemos ser salvos, a idéia de que há um único grupo religioso que tem a posse exclusiva da verdade — este é o mundo como o conhecemos que tem que desaparecer. O que é o Reino? Ele reside em nossa compreensão da ubiqüidade da presença divina em nossos próximos, em nossos inimigos, em todos nós.

Kennedy: Muito, portanto, do que reconhecemos como entrincheiramento em várias tradições religiosas é uma rejeição quanto a encarar as exigências da *Páscoa-Pesach* de passar para a Era espacial?

Campbell: A exigência central é capitular ante nossa exclusividade, ante tudo que determina que nos oponhamos mutuamente. As pessoas têm usado as seitas religiosas para fazer isso há anos. Há duas páginas em Martin Buber que quase fazem jus à reputação dele. Ele fala dos relacionamentos "Eu-tu" e "Eu-ele/ela neutros". Um *ego* se dirigindo pela palavra a um *tu* é diferente de um *ego* falando a um *ele ou ela neutros*. Toda vez que dermos ênfase à alteridade ou aos grupos exteriorizantes, estaremos transformando *pessoas* em eles ou elas neutros. O gentio, o judeu, o inimigo — todos se tornam o mesmo.

Kennedy: E quanto à etnicidade e à ênfase na busca das raízes, tão populares hoje?

Campbell: É compreensível que as pessoas queiram buscar suas raízes, especialmente depois de todo o deslocamento e migração do século XIX. Entretanto, uma ênfase exagerada nisso, por mais compreensível que possa ser, é um indício de retrocesso para grupos internos. Esta é a razão por que vemos tantos movimentos intensamente nacionalistas ou, recentemente no Irã, um que é quase xenofóbico, com o desejo de fazer girar o ponteiro do relógio mil anos atrás e rejeitar o contato com qualquer grupo externo. Mas a nossa real ferramenta máxima se acha em nossa comum humanidade, não em nossa genealogia pessoal.

Kennedy: A idéia de encarar seriamente um mundo uno, a despeito da consciência que desenvolvemos com o estudo da ecologia, é ainda muito amedrontadora.

Campbell: Isso significa que temos que renunciar ao que sabemos, ao que nos garante comodidade. As pessoas recuam para aquilo que lhes parece ser um terreno mais familiar.

Kennedy: Haveria uma explicação aqui para a fascinação ante a idéia de um resgate a partir de poderes provenientes de "lá fora", seja o Super-Homem vindo de Krypton sejam visitantes em várias espaçonaves?

Campbell: É um claro reflexo de uma compreensão superada do universo achar que seremos resgatados por algum visitante benigno, por forças procedentes de outros planetas. E a idéia do Reino vindo de uma fonte que não é o interior de nós mesmos. O Reino de Deus está dentro de nós, mas insistimos na idéia de que os deuses atuam de "lá fora".

Kennedy: É disso que retiramos a impressão dos objetos voadores não identificados?

Campbell: Faz parte da mesma coisa. Como escreveu Jung numa oportunidade, objetos voadores não identificados nos comunicam alguma coisa das expectativas visionárias da humanidade. As pessoas anseiam por visitas do mundo exterior. Pensam que o resgate ou salvação virá daí, ao passo que a Era espacial nos lembra que ela tem que vir de dentro de nós mesmos. As viagens ao espaço exterior nos fazem voltar ao espaço interior.

Kennedy: Então filmes como *Contatos Imediatos de Terceiro Grau* são realmente histórias antiquadas. Não nos falam realmente sobre o futuro.

Campbell: Esse filme é sobre o passado, não sobre o futuro. Apresenta a idéia de que seremos visitados por formas amigáveis, que virão em nossa ajuda e nos salvarão.

Kennedy: No entanto, o fato de tantas pessoas criativas, tantos modernos criadores de mitos estarem tentando se ocupar do impacto das explorações espaciais nos diz que sentem algo em suas fibras a respeito dessa mudança. Será que algum desses filmes capta o sentido do que estamos falando?

Campbell: Achei que *2001: uma Odisséia no Espaço* foi muito interessante na maneira como lidou com os símbolos. Você deve se lembrar que no começo do filme vemos uma comunidade de pequenos antropóides, *australopithecines*, fazendo confusão e lutando entre si. Mas há um deles que é diferente, um que é levado pela curiosidade a fazer abordagens e explorações, um que detém um sentido de assombro ante o desconhecido. Este antropóide fica à parte e sozinho, sentado perplexo e deslumbrado diante de um monólito que se ergue vertical e misteriosamente na paisagem. Ele o contempla, em seguida se aproxima mais e o toca cautelosamente, de maneira um tanto semelhante ao primeiro astronauta que se moveu e suavemente tocou a superfície da lua. Assombro, reverência é o que nos impulsiona para frente. Foi o que o cineasta³ reconheceu, que havia uma continuidade na totalidade do tempo desse princípio motivador na evolução de nossa espécie. Assim, o monólito é visto mais tarde por astronautas na lua, e novamente flutuando no espaço, ainda misterioso.

Kennedy: O ponto é não discutir em torno da literalidade das tábuas, mas deixar que nos falem como símbolos. É isto que você quer dizer com símbolos religiosos?

Campbell: Sim. Eles não representam fatos históricos. Um símbolo não se limita a apontar para alguma coisa mais. Como escreveu Thomas Merton, um símbolo contém uma estrutura que desperta nossa consciência para uma nova percepção do sentido interior da vida e da própria realidade. Através dos símbolos, entramos emocionalmente em contato com nossos eus mais profundos, com os nossos semelhantes e com Deus — uma palavra que deve ser entendida como um símbolo. Quando

³ Stanley Kubrick. (N.T.)

teólogos, há cerca de uma década, falaram de *Deus estar morto*, exatamente no início da Era espacial, estavam realmente dizendo que os símbolos deles estavam mortos.

Kennedy: Você vê uma distinção entre a religião baseada na interpretação literal dos símbolos como acontecimentos históricos e uma religião na qual os símbolos são referências místicas que nos ajudam a sondar a nós mesmos.

Campbell: Sim, a última é a religião do misticismo, a outra uma religião de crença em objetos concretos, Deus como um objeto concreto. Para compreender um símbolo concreto temos que tirá-lo da mente. Quando você conseguir fazer o significado literal de uma tradição religiosa morrer, então ele voltará a viver. E isto também liberta você para que respeite mais outras tradições religiosas. Você não precisa ter medo de perder alguma coisa quando tira da mente a sua tradição.

Kennedy: Não está acontecendo realmente alguma coisa assim em algumas corporações religiosas? Na Igreja Católica Romana, por exemplo, muitas pessoas não aceitam mais prontamente a autoridade do clero no sentido de regular suas vidas, mas ao mesmo tempo descobrem que estão mais próximas e mesmo apreciam sua tradição católica. Parece que a possuem de uma nova forma.

Campbell: Sim, isso está acontecendo em muitos grupos. Muitas pessoas aprenderam a permitir que os símbolos religiosos falem diretamente a si mesmas no sentido de ordenarem suas vidas. Não acreditam que um grupo de bispos ou outros líderes religiosos possam se reunir e decidir para elas qual interpretação de um símbolo deve ser objeto de crença. Mas elas não rejeitam sua tradição religiosa. Descubrem que os símbolos, quando não são pressionados literalmente, são capazes de falar claramente através de diferentes tradições. As igrejas devem perguntar a si mesmas: vamos enfatizar o Cristo histórico, ou a segunda pessoa da Santíssima Trindade, aquele que conhece o Pai? Se você der ênfase ao histórico, retirará a ênfase do poder espiritual que é o símbolo da consciência básica que está dentro de nós.

Kennedy: Não é desconcertante a uma pessoa reexaminar sua própria tradição histórica dessa forma?

Campbell: Sim, este é o problema de deixar a tradição morrer. O autor místico Meister Eckhart uma vez escreveu que a partida suprema é a partida de Deus por Deus. As pessoas se sentem em pânico ante o pensamento de que poderíamos todos ter algo em comum, que estão abrindo mão de alguma posse exclusiva da verdade. É algo como descobrir que você é um francês e um ser humano ao mesmo tempo. É exatamente o desafio que as grandes religiões encaram na Era espacial.

Kennedy: Assim, nesta queda livre no futuro, compreender nossos símbolos religiosos é um jeito de usar nossos pára-quadras. E quanto a símbolos de culto religioso?

Campbell: Bem, foram feitos para ser respeitados, mas geralmente não são. Os pregadores acham que devem explicá-los em vez de deixarem que falem por si mesmos. Eis a razão por que a destruição da liturgia católica em nome da reforma se revelou tal desastre. Foi um esforço no sentido de tornar símbolos e rituais antigos mais racionais. E no processo jogaram fora o canto gregoriano e outras grandes conquistas simbólicas; repudiaram símbolos religiosos que falavam diretamente às

peessoas sem necessidade de mediação. O velho ritual da missa falava poderosamente às pessoas. Agora o celebrante cumpre no altar uma espécie de função semelhante a de Julia Child.

Kennedy: A justificação foi a de que se tratava da coisa razoável a ser feita. Mas o culto ou veneração não é algo razoável nesse sentido. Você escreveu que essa parte de nossa perda de um sentido de significação, nossa experiência da "Terra Desolada" é devida ao fato de termos perdido nossas conexões com uma compreensão mística de nossas vidas.

Campbell: O problema foi que as religiões institucionalizadas não permitiram que os símbolos falassem diretamente às pessoas no seu sentido apropriado. As tradições religiosas traduzem signos mitológicos para referências a eventos históricos, mas eles se originam propriamente da imaginação humana e remontam, na sua fala e comunicação, a psique. Os eventos históricos recebem significado espiritual quando interpretados mito logicamente, por exemplo, em nascimentos virginais, ressurreições e passagens miraculosas do Mar Vermelho. Quando você interpreta a Bíblia com excessivo literalismo, você a desmitologiza. A possibilidade de uma referência convincente à própria experiência espiritual do indivíduo é perdida.

Kennedy: Como você definiria a mitologia aqui?

Campbell: Minha definição favorita de mitologia: a religião das outras pessoas. Minha definição favorita de religião: a incompreensão da mitologia. A incompreensão consiste na interpretação dos símbolos mitológicos espirituais como se fossem fundamentalmente referências a acontecimentos históricos. Interpretações provincianas localizadas separam as várias comunidades religiosas. A remitologização — recaptando ou recuperando o significado mitológico — revela uma espiritualidade comum do gênero humano. Na Páscoa, para voltarmos ao nosso exemplo, seria possível sugerir a renovação do conhecimento de nossa vida espiritual geral através da rejeição momentânea de nossas várias conexões históricas.

Kennedy: A remitologização salvaria os relatos da Bíblia, então, do literalismo histórico e de uma suscetibilidade a pieguices. Será que podemos ligar isso ao exemplo da experiência da Páscoa? E quanto à cruz e à crucificação?

Campbell: Se pensarmos na crucificação apenas em termos históricos, perderemos a referência do símbolo imediatamente para nós mesmos. Jesus deixou seu corpo mortal na cruz, o signo da Terra, para ir ao Pai com o qual ele era um. Nós, analogamente, temos que nos identificar com a vida eterna que reside dentro de nós. O símbolo, ao mesmo tempo, nos comunica a aceitação voluntária da cruz por parte de Deus — quer dizer, a participação nas aflições, dores e tristezas da vida humana no mundo. De maneira que Ele está aqui dentro de nós — não por meio de uma queda ou um erro, mas através do arrebatamento e da alegria. Assim, a cruz tem um sentido duplo: o primeiro de ida ao divino e o outro da vinda do divino até nós. É uma verdadeira travessia.

Kennedy: E quanto aos símbolos da Páscoa e da *Pesach*? Como poderia alguém, como você disse, tirá-los da mente a fim de possuí-los novamente nesta primeira geração da Era espacial?

Campbell: O que sempre foi básico para a ressurreição, ou a Páscoa, é a crucificação. Se você quiser ressuscitar, terá que ter sua crucificação. Demasiadas interpretações da crucificação não conseguiram enfatizar isso. Enfatizam a calamidade do acontecimento. E se você enfatiza a calamidade, então é obrigado a procurar alguém para culpar. Eis a razão por que as pessoas culpam os judeus por isso. Mas não será uma calamidade se conduzir à nova vida. Através da crucificação fomos libertados de nossa carapaça, nos tornamos capazes de nascer para a ressurreição. Isto não é uma calamidade. Temos que olhar para isso com olhos novos para que seu simbolismo possa ser percebido.

Sto. Agostinho⁴ fala do dirigir-se à cruz como do dirigir-se o noivo para sua noiva. Há uma afirmação aqui. No Museu do Prado há uma grandiosa pintura criada por Ticiano de Simão de Cirene na qual este auxilia de boa vontade a Jesus com a cruz. A pintura capta a participação humana, a participação livre, de boa vontade que todos nós precisamos ter no mistério da *Páscoa-Pesach*.

Kennedy: Deste modo, temos que sair de nossa própria tradição para vê-la com clareza novamente.

Campbell: É o que estamos desafiados a fazer. A autopreservação é apenas a segunda lei da vida. A primeira lei é que você e o outro são *um*. Os políticos adoram dizer "Faço o meu culto do meu jeito e ele do jeito dele". Mas isso não faz sentido se constituímos uma unidade entre nós. É esta a verdade que a Era espacial impulsiona em nossa direção, mas muitas instituições religiosas resistem a ela.

Kennedy: Talvez possamos explorar o simbolismo da *Páscoa-Pesach* mais detalhadamente.

Estas festas, calculadas de acordo com a lua cheia, têm muita coisa em comum.

Campbell: Aqui encaramos temas muito semelhantes nas tradições judias e cristãs. O tema também é encontrado nas religiões de mistério nas quais Adônis morre e ressuscita.

Kennedy: E todas elas se referem à primavera, casando a explosão das flores e o retorno do sol. Mesmo o sentimento de saudade plangente que experimentamos nessa estação deve estar ligado a isso.

Campbell: Sim, é muito o sentimento plangente de nascer de novo tal como acontece com a natureza. Todos esses elementos se ajustam. A Páscoa é calculada para ocorrer no domingo que sucede à primeira lua cheia após o equinócio da primavera. É evidência de uma preocupação séculos antes de Cristo coordenar os calendários lunares e solares. O que temos que reconhecer é que esses corpos celestiais representavam para os antigos duas formas distintas de vida eterna, uma comprometida na esfera do tempo, como *se desfazer* da morte, como a luz se desfaz de sua sombra para renascer; a outra, descomprometida e eterna. A datação da Páscoa, de acordo tanto com o calendário lunar quanto com o solar sugere que a vida, como a luz que renasce na lua e é eterna no sol, é finalmente una.

Kennedy: E quanto a certos símbolos folclóricos da Páscoa e da *Pesach*? Têm todos eles também semelhantes ressonâncias lunares e solares?

⁴ Aurélio Agostinho (354-430 a.C), natural de Tagasta, na África, bispo de Hipona, teólogo e principal figura da filosofia patrística. (N.T.)

Campbell: Há, para começar, o coelho, o coelho da Páscoa. Muitos povos do mundo vêem um coelho nas sombras da lua. O coelho está associado à morte e ressurreição da lua. O ovo tem a sua casca rompida pelo filhote da ave como a sombra da lua o tem pela lua renascida, ou como a crosta pelo nascimento do espírito na Páscoa.

As aves em vôo simbolizam o espírito libertado da servidão da Terra. Assim, o coelho da lua, a casca de ovo largada e a ave recém-nascida destinada a voar nos proporcionam no seu conjunto uma brincalhona interpretação da mensagem da Páscoa semelhante a de uma criança.

Estava chegando o novo dia quando Campbell, com o largo sorriso de um *tira* irlandês, voltou às suas reflexões acerca do espaço. As paredes do apartamento pareciam se mover lentamente como o teto de um planetário, e ele permanecia um menino das calçadas de Nova York observando o primeiro vôo vacilante de aeroplano de Glenn Curtiss sobre Riverside Drive há mais de setenta anos, Merlin de pé com um apontador perdigueiro às portas do *cosmos*.

Campbell: O problema é que as pessoas têm tentado distanciar seus olhares do espaço e do significado do pouso na lua. Lembro-me de ter visto uma foto de um astronauta de pé na lua. Foi em Yale e alguém rabiscara em cima dela: "E daí?" Esta é a arrogância ligada ao tipo de estreiteza mental acadêmica que se presencia com demasiada frequência, que é prisioneira de seus próprios preconceitos previsíveis, de suas próprias categorias antiquadas. É a mente embotada diante da poesia da existência. É moda agora exigir alguma compensação econômica do espaço, alguma recompensa que prove que realmente valeu a pena. Aqueles que dizem isso se assemelham aos antropóides de *2001*. Lutam por comida entre si enquanto um deles se afasta do seu meio e se aproxima do monolito, motivado pelo assombro. Este é o ponto que não estão enxergando. Esse antropóide é o que está evoluindo para um ser humano; é aquele que compreende o futuro.

Tem havido cortes no orçamento para o programa espacial. Damos de ombros, mas isso é onde vivemos. Não é "lá fora". E o grande símbolo permanece, aquela notável vista da ressurreição da Terra. A ascensão ou ressurreição da Terra é como todos os símbolos. Parecem uma bússola. Um ponteiro se acha num ponto fixo, mas o outro se move para o desconhecido. O medo do desconhecido, esta queda livre no futuro, pode ser detectado à nossa volta. Mas vivemos nos astros e somos finalmente movidos pelo assombro para nossas maiores aventuras. O Reino de Deus está dentro de nós. A Páscoa e a *Pesach*, particularmente, nos recordam que temos que nos despojar de nossa carapaça para nele ingressar.

(*) A expressão *Earthrise*, que traduzimos livremente por *Ressurreição da Terra* procura ser fiel a todo o contexto de teor religioso do pensamento expresso pelo autor, não sendo, portanto, propriamente uma tradução técnica, embora haja, evidentemente, implicações do ponto de vista da ciência astronômica, já que Campbell está também aludindo à inesquecível vista da Terra que os primeiros astronautas experimentaram a partir do espaço exterior e da própria lua. A idéia em astronomia se refere ao cruzamento do horizonte visível de um corpo celeste. O mais importante aqui é a *nova* visão que se passa a ter desse corpo celeste (no caso, a Terra) uma vez realizada a travessia desse horizonte visível. (N.T.)

(**) Este apêndice provém de um artigo da autoria do editor, Eugene Kennedy, publicado em *The New York Times Magazine* em 15 de abril de 1979. O artigo em pauta, por sua vez, foi baseado numa entrevista com Campbell na cidade de Nova York em 8 de fevereiro de 1979.

UMA BIBLIOGRAFIA DE JOSEPH CAMPBELL

Na seqüência estão indicados os principais livros de autoria de Joseph Campbell e por ele editados. Cada item fornece dados bibliográficos relativos à primeira edição. Para informações a respeito de todas as outras edições, consulte a midiografia no website <www.jcf.org> da Fundação Joseph Campbell.

Como autor

Where the Two Came to their Father: A Navaho War Ceremonial Given by Jeff King. Bollingen Series I. Com Maud Oakes e Jeff King. Richmond, Virginia: Old Dominion Foundation, 1943.

A Skeleton Key to Finnegans Wake. Com Henry Morton Robinson. New York: Harcourt, Brace & Co., 1944.

The Hero with a Thousand Faces. Bollingen Series XVII. New York: Pantheon Books, 1949.

The Flight of the Wild Gander: Explorations in the Mythological Dimension. New York: Viking Press, 1969.*

The Masks of God, 4 vols. New York: Viking Press, 1959-1968. Vol. I, *Primitive Mythology*, 1959. Vol. II, *Oriental Mythology*, 1962. Vol. III, *Occidental Mythology*, 1964. Vol. IV, *Creative Mythology*, 1968.

Myths to Live by. New York: Viking Press, 1972.

The Mythic Image. Bollingen Series C. Princeton: Princeton University Press, 1974.

Inner Reaches of Outer Space: Metaphor as Myth and as Religion. New York: Alfred van der Marck Editions, 1986.*

The Historical Atlas of World Mythology:

Vol. I, *The Way of the Animal Powers.* New York: Alfred van der Marck Editions, 1983. Reimpressão em 2 partes, Parte I, *Mythologies of the Primitive Hunters and Gatherers.* New York: Alfred van der Marck Editions, 1988; Parte II, *Mythologies of the Great Hunt.* New York: Alfred van der Marck Editions, 1988.

Vol. II, *The Way of the Seeded Earth*, 3 partes. Parte I, *The Sacrifice.* New York: Alfred van der Marck Editions, 1988. Parte II, *Mythologies of the Primitive Planters: The North Americas.* New York: Harper & Row Perennial Library, 1989. Parte III, *Mythologies of the Primitive Planters: The Middle and Southern Americas.* New York: Harper & Row Perennial Library, 1989.

The Power of the Myth with Bill Moyers. Com Bill Moyers. Ed. Betty Sue Flowers. New York: Doubleday, 1988.

Transformations of Myth through Time. New York: Harper and Row, 1990.

The Hero's Journey: Joseph Campbell on His Life and Work. Ed. Phil Cousineau. New York: Harper and Row, 1990.

Reflections on the Art of Living: a Joseph Campbell Companion. Ed. Diane K. Osbon. New York: HarperCollins, 1991.

Mythic Worlds, Modern Worlds: On the Art of James Joyce. Ed. Edmund L. Epstein. New York: HarperCollins, 1993.

Bakshesh and Brahman: Indian Journal 1954-1955. Eds. Robin and Stephen Larsen and Antony Van Couvering. New York: HarperCollins, 1995.

The Mythic Dimension: Selected Essays 1959-1987. Ed.

Antony Van Couvering. New York: HarperCollins,

1997. *Thou Art That*. Ed. Eugene Kennedy. Novato, Califórnia: New World Library, 2001 .*

(*) *Publicados por New World Library como parte das Obras Colecionadas de Joseph Campbell.*

Como editor

Livros editados e completados a partir dos trabalhos póstumos de Heinrich Zimmer

Myths and Symbols in Indian Art and Civilization.

Bollingen Series VI. New York: Pantheon, 1946. *The King and the Corpse*, Bollingen Series XI. New York:

Pantheon, 1948. *Philosophies of Índia*. Bollingen Series XXVI. New York:

Pantheon, 1951.

The Art of Indian Ásia. Bollingen Series XXXIX, 2 vols.

New York: Pantheon, 1955. *The Portable Arabian Nights*. New York: Viking Press,

1951. *Papers from the Eranos Yearbooks*. Bollingen Series

XXX, 6 vols. Editado com R. F. C. Hull e Olga

Froebe-Kapteyn, traduzido por Ralph Manheim.

Princeton University Press, 1954-1969. *Myth, Dreams and Religion: Eleven Visions of*

Connection, New York: E. P. Dutton, 1970. *The Portable Jung*. Por C.G. Jung. Traduzido por R. F. C.

Hull, New York: Viking Press, 1971. *My Life and Lives*. Por Rato Khyongla Nawang Losang.

New York: E. P. Dutton, 1977.

Sobre o autor

Joseph Campbell foi um autor e professor norte-americano mais conhecido por seu trabalho no campo da mitologia comparada. Nasceu na cidade de Nova York em 1904 e desde muito criança se interessou pela mitologia. Adorava ler livros sobre as culturas indígenas americanas e freqüentemente visitava o *American Museum of Natural History* de Nova York, onde ficava fascinado com a coleção de postes totêmicos do Museu. Campbell foi educado na Columbia University, onde se especializou em literatura medieval e, após conquistar um mestrado, continuou seus estudos em Universidades de Paris e Munique. Enquanto esteve no exterior foi influenciado pela arte de Pablo Picasso e Henri Matisse, pelos romances de James Joyce e de Thomas Mann e pelos estudos de psicologia de Sigmund Freud e Carl Jung. Estes encontros levaram à teoria de Campbell segundo a qual todos os mitos e épicos estão vinculados na psique humana e que são manifestações culturais da necessidade universal de explicar realidades sociais, cosmológicas e espirituais.

Depois de um período na Califórnia, onde ele encontrou John Steinbeck e o biólogo Ed Ricketts, ensinou na Canterbury School e em seguida, em 1934, integrou o departamento de literatura do Sarah Lawrence College, um cargo que manteve durante muitos anos. Durante as décadas de 40 e 50 ajudou Swami Nikhilananda a traduzir os *Upanishads* e *O Evangelho de Sri Ramakrishna*. Também editou obras do erudito alemão Heinrich Zimmer sobre a arte, mitologia e filosofia indianas. Em 1944, com Henry Morton Robinson, Campbell publicou *A Skeleton Key to Finnegans Wake*. Seu primeiro trabalho original, *O Herói de Mil Faces (The Hero with a Thousand Faces)* apareceu em

1949 e foi imediatamente bem acolhido — com o tempo foi aclamado como um clássico. Nesse estudo do "mito do herói", Campbell sustentou que existe um único padrão de jornada heróica e que todas as culturas partilham desse padrão essencial em seus variados mitos heróicos. Em seu livro, ele também delineou as condições, estágios e resultados básicos da jornada do herói arquetípico.

Joseph Campbell faleceu em 1987. Em 1988 uma série de entrevistas pela televisão com Bill Moyers, *O Poder do Mito (The Power of Myth)*, apresentou os pontos de vista de Campbell a milhões de pessoas.

Sobre a Fundação Joseph Campbell

A *Fundação Joseph Campbell (JCF)* é uma instituição sem fins lucrativos que dá continuidade ao trabalho de Joseph Campbell, explorando os campos da mitologia e da religião comparada. A Fundação é guiada por três metas principais:

Primeiro, a Fundação preserva, protege e perpetua o trabalho pioneiro de Joseph Campbell, o que inclui a catalogação e arquivamento de suas obras, o desenvolvimento de novas publicações baseadas em suas obras, o controle da venda e distribuição de suas obras publicadas, a proteção dos direitos autorais de seus trabalhos e maior acessibilidade a suas obras, tornando-as disponíveis sob formato digital no *website* da JCF.

Em segundo lugar, a Fundação promove o estudo da mitologia e da religião comparada, o que envolve a implementação e ou suporte de diversos programas educativos em torno de mitologia, o suporte e ou patrocínio de eventos destinados a ampliar a consciência pública, a doação de trabalhos arquivados de Campbell (principalmente ao Arquivo e Biblioteca Joseph Campbell e Marija Gimbutas) e a utilização do *Website* da JCF como um fórum para o relevante diálogo de cruzamento de culturas.

Em terceiro, a Fundação ajuda os indivíduos a enriquecer suas vidas através da participação numa série de programas, inclusive o nosso programa global de *associados com base na Internet*, nossa rede internacional local de *Mesas Redondas Mitológicas* e periódicos de nossos eventos e atividades a respeito de Joseph Campbell.

Para mais informações sobre Joseph Campbell e a Fundação Joseph Campbell, contatar:

JOSEPH CAMPBELL FOUNDATION

Post Office Box 36

San Anselmo, CA 94979-0413

Toll Free: (800) 330-MYTH

internet: www.jcf.org

e-mail: info@jcf.org

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure:

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>

+ "O FIM DO MUNDO NÃO É UM EVENTO
CATACLÍSMICO DE CUJO TERROR DO JULGAMENTO
FINAL NOS APROXIMAMOS CADA VEZ MAIS.
O FIM DO MUNDO ACONTECE TODOS OS DIAS
PARA AQUELES CUJA INTROSPECÇÃO ESPIRITUAL
LHES PERMITE VER O MUNDO COMO ELE É,
TRANSPARENTE PARA A TRANSCENDÊNCIA,
UM SACRAMENTO DO MISTÉRIO OU, COMO
ESCREVEU O POETA WILLIAM BLAKE, "INFINITO."
O FIM DO MUNDO É, PORTANTO, A METÁFORA
DE POSSO COMEÇO ESPIRITUAL E NÃO O POSSO
FIM CRUEL E ÍGNEO.

A MENSAGEM DE JOSEPH CAMPBELL PARA O
SÉCULO XXI NÃO É APOCALÍPTICA. É REPLETA
DE ESPERANÇA PORQUE NOS ENRAÍZA UMA VEZ
MAIS NAS FUNDAÇÕES DA TRADIÇÃO JUDAICO-
CRISTÃ E NA TAREFA DE VENCER O DESEJO E O
MEDO QUE, POR SI SÓS, NOS MANTÊM EXILADOS
DAQUELE JARDIM NO QUAL, LONGE DE NOS
CÓMPLEXTARMOS MUTUAMENTE COM VERGONHA,
ABRAÇAMOS A HUMANIDADE DA QUAL TODOS
NÓS TEMOS A MARCA. ISTO ÉS TU."

EUGENE KENPEDY

www.landy.com.br

ISBN 85-87731-58-0



9 788587 731586